

TENENTE  
**ROSENTHAL**

---

V O V Ô I S R A E L

**AUTOR**

Israel Rosenthal

**ORGANIZAÇÃO**

Marcos Rosenthal Jochimek

Israel Blajberg

Daniel Mata Roque

**DIREÇÃO DE ARTE**

Eduardo Araujo Ribeiro

**REVISÃO**

Diane Kuperman

Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Rio de Janeiro/RJ

31/01/2021

**ISBN**

978-65-990207-0-4



# SUMÁRIO

Apresentação .....	4
Comentário .....	6
Infância judaica, Juventude carioca .....	9
Tornando-se Dentista e Militar .....	28
Segunda Guerra Mundial, FEB .....	38
Carreira Odontológica .....	72
Casamento, Família .....	80
Associação, Viagens .....	116
Século XXI, Atualidades e Futuro .....	172
Posfácios .....	200
Epílogo .....	209
Anexo Feiga Rosenthal .....	219
Currículo Israel Rosenthal .....	238
Medalhas .....	240
Moções da Câmara Municipal RJ .....	242
Diplomas .....	242

# APRESENTAÇÃO

Marcos Rosenthal Jochimek<sup>1</sup>

A ideia de escrever a história do meu avô Israel veio logo após o falecimento de sua amada companheira vovó Riva Z"l, onde me deparei com a tristeza da perda e o desafio que seria contar às próximas gerações a riqueza de uma vida de quase 95 anos.

Mesmo sabendo que o momento era muito difícil, encontrei uma oportunidade incrível de passar mais tempo com o meu avô, só bastava saber se ele iria topar. Para melhorar a assertividade da minha proposta, montei um time por quem ele tem muito carinho - Israel Blajberg e Daniel Mata Roque. Aos dois eu devo um enorme agradecimento.

Para minha felicidade, o meu avô permitiu que escrevêssemos com muitas mãos a sua autobiografia. Montamos assim uma dinâmica de visitas semanais durante alguns meses, foram tardes maravilhosas sentados ao redor da mesa de jantar no Catete; rimos, choramos e nos emocionamos com o que ouvimos.

Impressiona muito a clareza e a memória que o Israel carrega desde sua infância até os tempos de hoje. É incrível a capacidade que ele teve em interagir com a constante transformação do mundo no decorrer de todas essas décadas, onde hoje se atualiza de informação e conteúdo em trocas de e-mails e redes sociais.

Tive a alegria de celebrar muitas festas da união do amor dos meus avós, foram 70 anos juntos com o mesmo brilho nos olhos do casal. Pai de dois filhos; dois netos, cinco bisnetos, muitos amigos e familiares que continuam se deliciando com divertidos encontros.

<sup>1</sup> Neto do Israel Rosenthal, Arquiteto e empresário.

Eu tive o privilégio de ter o exemplo dos meus avós na minha formação; amor, respeito, generosidade, ética e muitas outras características do casal foram passadas para as gerações seguintes, e tenho a felicidade de ver as minhas filhas podendo crescer neste mesmo ambiente.

Gostaria muito de agradecer ao meu avô pelo exemplo que ele nos dá todos os dias, e sem mais delongas, convida-los a conhecer a história de um século bem vivido por Israel Rosenthal.



Marcos e Israel Rosenthal

***Mazal Tov***  
*e até os 120 anos!*

# COMENTÁRIO

## Coronel Cláudio Moreira Bento<sup>2</sup>

Enquanto em Canguçu-RS, menino, eu assistia ao embarque de meus conterrâneos e de muitos amigos com destino à FEB, no Rio de Janeiro. Aos 23 anos, Israel Rosenthal embarcava com o mesmo destino, no 5º Escalão da FEB, e na condição de voluntário, Aspirante-a-Oficial de Infantaria, sendo designado dentista no Depósito de Pessoal da FEB, retornando ao Brasil como 2º Tenente em setembro de 1945.

Aposentado da Prefeitura do Rio de Janeiro, onde serviu como dentista durante décadas, passou a atuar como dedicado colaborador da Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB), onde é atualmente Presidente de Honra do Conselho Deliberativo. Seu nome está escrito em bronze na Odontoclínica Militar Moncorvo Filho, em homenagem aos dentistas que participaram da FEB, bem como no 2º Regimento de Infantaria, na relação dos militares da unidade que integraram a FEB.

Agora, rumo ao centenário, seu nome é livro, uma merecida e justa homenagem na Voz da História, que ele tanto engrandeceu.

*História é Verdade e Justiça!*  
***Parabéns, guerreiro!***

<sup>2</sup> Historiador Militar e Jornalista.  
Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

TENENTE  
**ROSENTHAL**

---

V O V Ô I S R A E L



Rubin (pai), Clara (mãe),  
José (irmão) e Israel



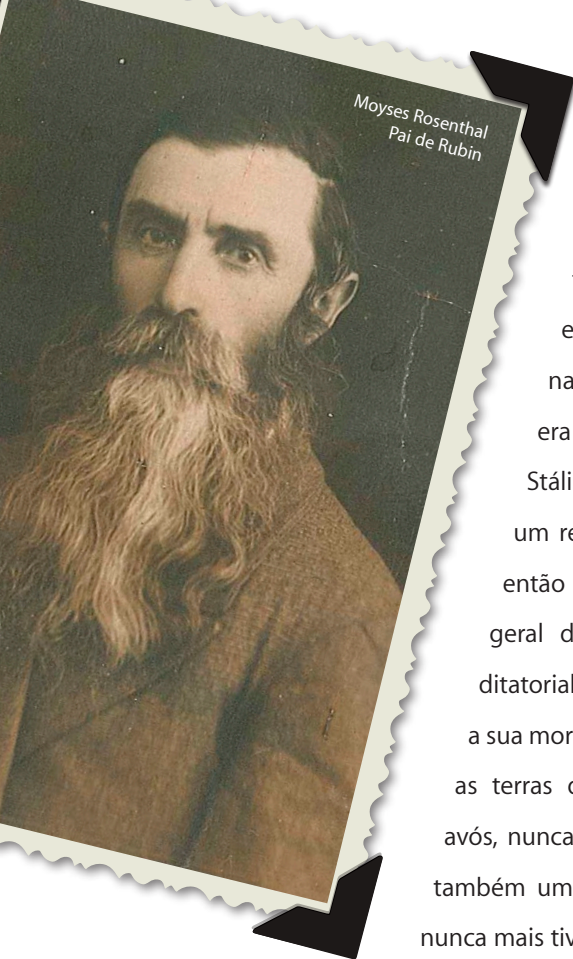
# INFÂNCIA JUDAICA, JUVENTUDE CARIOCA

Bom, eu acho que nasci na Praça Onze. Só me lembro de fatos dos cinco anos de idade para cá, de antes não lembro nada. Meu pai era Rubin Rosenthal, minha mãe Clara Rosenthal, meu irmão José Rosenthal (três anos mais velho do que eu). Meu pai veio da Bessarábia em 1915, mais ou menos. Ficou um tempo aqui no Brasil, depois foi para os EUA. Não se adaptou bem. Deixou um irmão lá e veio para cá. Casou-se com minha mãe, mais ou menos em 1916/1917. O nome de solteira da minha mãe era Clara Mitelman. Meu irmão nasceu em 03/02/1918. Eu nasci em 31/01/1921.

Na realidade, eu tenho duas datas de nascimento. Muito simples: quando meu pai chegou no cartório para me registrar, informou que eu havia nascido no dia 31 de janeiro. O rapaz disse que ele teria que pagar uma multa, por não ter registrado no mesmo mês. Como era dia 07 de fevereiro, meu pai decidiu: "então coloca que ele nasceu hoje, dia 07". Pronto.

Antes de chegarem ao Brasil minha mãe não trabalhava, meu pai trabalhava com agricultura na Bessarábia, não tinha nada, era pobre. Quando chegou aqui ele trabalhou vendendo coisas na rua, como mascate.

Nessa época, quando ainda era pequeno, meus pais conseguiram trazer para o Brasil os meus avós paternos, que moravam na Bessarábia, na época na União Soviética, e trabalhavam no campo, tinham lá uma terrazinha com plantações. Eles vieram para o Rio de Janeiro em dezembro. Pegaram um calor terrível, estando acostumados a 2°C, 3°C, temperaturas negativas.



Ficaram aqui menos de um mês, lá em casa. Imploraram ao meu pai para voltar. Meus pais quase não tinham dinheiro, tiveram que pegar emprestado, e meus avós foram em navio de terceira classe. Voltaram. Isso era mais ou menos 1928 ou 1929, Josef Stálin estava no poder lá [Josef Stálin foi um revolucionário comunista nascido na então província da Geórgia, foi secretário-geral do Partido Comunista e governou ditatorialmente a União Soviética de 1924 até a sua morte em 1953]<sup>3</sup>. Aí o Estado quis ocupar as terras deles e desapareceram com meus avós, nunca mais ouvimos falar deles. Tinha lá também um outro irmão do meu pai, do qual nunca mais tivemos notícias também.

Convivi mais com meus avós maternos, que eram judeus religiosos ao extremo. Minha avó rezava de dia e de noite. Meu avô frequentava uma sinagoga na Praça Onze, que depois foi derrubada.

O restante da família, em geral, não era religioso. Muito depois conheci um tio da minha esposa, irmão do pai dela, que era tão religioso que, na sexta-feira, quando tinha que sair, ele, que morava na Rua Lúcio de Mendonça, ia a pé de lá até a Praça Onze, porque não podia pegar bonde, como mandamento religioso. Para ele, era proibido pegar bonde nesse dia. Uma caminhada enorme!

<sup>3</sup> Verbete JOSEF STÁLIN na Wikipédia. Acessado em 15/02/2019. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Josef\\_Stalin](https://pt.wikipedia.org/wiki/Josef_Stalin)

Com cerca de cinco anos fui morar numa vila chamada Vila Marinho, que ficava em frente à Rua Jorge Rudge, próxima ao Hospital Pedro Ernesto. A iluminação da rua era a carvão ainda. Eu me lembro que o rapaz chegava lá e colocava um carvãozinho no teto da lâmpada, na rua, para acender.

Aos seis anos e meio, entrei para o Scholem Aleichem, um colégio judaico, de garotada. Vinha um ônibus, nos apanhava em frente à vila e nós íamos no ônibus. Esse colégio ficava na Rua General Canabarro, na Praça Saens Peña. Era um prédio grande, na minha visão, tinha um pomar fechado, com plantações. Eu me lembro que eu e outros garotinhos abríamos a porta e íamos lá para apanhar frutas. E erámos castigados. O castigo era ficar atrás de uma porta e levar palmada na mão. Quem fazia isso era um professor chamado Eliezer Steinberg, que era fogo na roupa. Tínhamos uns sete anos de idade. Fiquei lá até oito anos e meio.

O professor Eliezer Steinberg, diretor do colégio era polonês e não falava português, só iídiche [língua europeia derivada de dialeto germânico, adotada pelos judeus por volta do século X, hoje falada por comunidades judaicas ao redor do mundo]<sup>4</sup>. Ele ensinava o iídiche, mas também tínhamos professor de português. O professor Eliezer usava óculos, era um pouco gordinho e tinha uma esposa, até simpática. Ela quando sorria, para mostrar que tinha status, tinha de canino a canino coroas de ouro nos dentes superiores. Quando sorria era tudo dourado na frente. Daquela turma que estudava comigo tinha o Isaac Kritz, o Jacozinho Steinberg, o David Lerner, o Jorge Iurquevitc, a Tarsila Guelman, a Fani Koifman e outros. Acho que hoje quase todos já se foram.

<sup>4</sup> Verbete LÍNGUA IÍDICHE na Wikipédia. Acessado em 20/01/2020.  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_i%C3%ADdiche](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_i%C3%ADdiche)

Fiquei um ano e meio lá. Meu iídiche é muito fraquinho, não deu para aprender muito não.

Com uns nove anos de idade eu me mudei para a Rua Lúcio de Mendonça e entrei para um colégio na Rua do Matoso, chamado Colégio Minerva. Era um muito bom, bem preparado. Depois de umas mudanças transformou-se no Colégio Ultra. Fiquei lá até um pouco antes do exame de admissão. Fui fazer o exame de admissão no Nacional, que ficava na Rua Ibituruna, onde a maioria dos professores era militar. Só que no curso para o exame de admissão era uma moça quem dava aula. Fiz o exame, fui aprovado e passei para o primeiro ano ginásial. Fiz lá cinco anos de ginásio. Fui aluno do Coronel Paulino, professor de matemática.

Abro um parêntese: muitos anos depois eu estava na Associação Nacional dos Veteranos da FEB trabalhando, na época era presidente do Conselho Fiscal. Aí chega o General Montagna e diz: “eu agora vou sair, eu vou à missa de um colega do Colégio Militar, que era general”. Aí eu disse a ele: “Montagna, eu fiz um colégio com professores militares, você é mais velho do que eu cinco ou seis anos, devemos ter tido os mesmos professores.” O Coronel Garcez era o diretor. O Montagna concordava com a cabeça. Aula de português era o Rocha Maia. Ele concordava com a cabeça. Geografia era o Coronel Leopoldo ou então o Almirante Pamplona. Ele concordava. E perguntou: “você conheceu o Coronel Paulino, professor de matemática?”. Aí eu disse: “tio do Tônico?”. E ele falou: “o Coronel Paulino era meu pai, e o Tônico meu primo, morou comigo”. O Tônico foi muito amigo meu, eu fui para Odontologia, ele foi para Medicina, formou-se pediatra, teve dois filhos, Rômulo e Remo, a mulher morreu cedo e ele foi professor do Liceu Franco Brasileiro.



Israel, Clara e José

← Clara e Israel

(1)  
Rubin  
Rosenthal

(2)  
mael

(3)  
lara

4  
(Jose



Rubin, Clara, José e Israel



Voltando à minha infância, fui morar na Rua Lúcio de Mendonça, com nove anos. Eu morava no número 21, casa 04, e a Clarice Lispector [escritora brasileira nascida na Ucrânia, filha de imigrantes judeus russos, considerada umas das mais importantes romancistas do Brasil]<sup>5</sup>, futura grande escritora brasileira, morava no número 36, casa 03. De manhã cedo, iam meu irmão, ela e a irmã, Tânia, que eram colegas de turma, para o Colégio Sílvio Leite, que ficava na Rua Ibituruna, esquina com a Rua Mariz e Barros. O Colégio Sílvio Leite tinha o apelido de PPP: papai pagou, passou.

Nessa época eu fiz o Colégio Ultra, depois cinco anos no Colégio Nacional. Dentre os amigos do Ultra, me lembro bastante do Abraão Waissman, que depois formou-se em medicina e era parente do Natan Waissman, proprietário da Editora Guanabara; e do Adolfo Cohen, que mais tarde formou-se em engenharia.

Do Colégio Nacional foram para a FEB dois colegas meus: Benedito Cléber do Nascimento, que embarcou comigo e depois chegou a Coronel, e Carlos Antônio Hecksher. Um outro entrou para a Aeronáutica, Dilermando Cunha da Rocha.

Nessa época eu tinha o apelido de Salinho. Isso porque eu tinha uma tia chamada Sara Mitelman, o marido dela era irmão da minha mãe, e ela gostava muito do Salo Brand, que foi prefeito de Campos dos Goytacazes [Salo Brand, de origem judaica, exerceu a prefeitura na época em que o cargo era nomeado pelo governador, no período 1939-1940, pelo então Partido Progressista, novamente em 1942-1945, pelo então Partido Trabalhista Brasileiro e, pelo mesmo partido, por dois meses em 1947, tendo sido ainda, nos anos de 1950 e 1960, deputado federal do Rio de Janeiro]<sup>6</sup>. Ela me dizia: “você podia ter se chamado Salo.” E aí pegou o apelido de Salo. E como eu era pequenininho, me chamavam de Salinho.

<sup>5</sup> Verbete CLARICE LISPECTOR na Wikipédia. Acessado em 20/01/2020.  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Clarice\\_Lispector](https://pt.wikipedia.org/wiki/Clarice_Lispector)

<sup>6</sup> Verbete SALO BRAND no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Acessado em 14/02/2019.  
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/brand-salo>.

Quando eu entrei no Nacional, na hora de preencher o nome, eu coloquei Salinho Israel Rosenthal. Assinei assim. Aí correu o tempo, cheguei no quinto ano ginásial e veio o diploma. E saiu o nome Salinho Israel Rosenthal. Quando eu fui para o Colégio Universitário, que ficava na Praia Vermelha, não aceitaram o diploma. Disseram que não tinha valor, porque na certidão estava escrito Israel Rosenthal, não tinha nada de Salinho. Aí eu voltei ao Nacional e disse: “Coronel, isso aqui está errado”. E ele: “mas o pessoal não chamava você de Salinho?”. Eu disse: “chamava”. E ele: “e por que que você nunca reclamou?”. Eu expliquei: “eu, quando entrei, Coronel, dei aqui a minha certidão de nascimento, mas ficou assim”. Ele chamou a secretária e mandou preparar um novo diploma. Ela preparou. Aí estava escrito certo, Israel Rosenthal, com a data de nascimento em 31 de janeiro. Aí eu disse: “olha, eu nasci no dia 31 de janeiro, mas na certidão está 07 de fevereiro”. Ele colocou as mãos na cabeça: “tem que fazer de novo, está tudo errado!”. A secretária disse: “eu vou resolver”. Riscou o 31 de janeiro e escreveu em baixo 07 de fevereiro. O Coronel olhou e disse: “você é louca? Não se risca um diploma! Já é o segundo que estraga!”. Aí fizeram um outro, com as informações corretas. Eu esperei por volta de uma semana, veio o inspetor federal e assinou o diploma.

Com treze anos de idade, fui fazer o Bar Mitzvah [cerimônia religiosa que insere o jovem judeu, aos treze anos, como um membro maduro na comunidade judaica]<sup>7</sup>. No meu tempo, para o Bar Mitzvah, você tinha mais ou menos um mês de aulas com um professor particular de hebraico (do que eu não entendia bulhufas). Eu fiz lá no templo onde ficava aquela sinagoga na Praça Onze. Era um templo pequeno, com entrada por uma rua lateral que não lembro o nome, perto da estrada de ferro. Na hora da cerimônia do Bar Mitzvah só tinha o meu pai e meu tio, não tinha mais ninguém, parente nenhum, festa nenhuma, não tinha nada.

<sup>7</sup> Verbete BAR MITZVAH na Wikipédia. Acessado em 28/10/2019.  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bar\\_Mitzv%C3%A1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bar_Mitzv%C3%A1)





Rubin, Israel, Clara e José



Clara e Israel

O professor lia em hebraico e eu repetia, ele lia e eu repetia. Repetia com a pronúncia mais ou menos. Houve somente a cerimônia religiosa. Aí foi “até logo” para cá, “até logo” para lá. Fomos embora.

Nessa época tinha um convívio com alguns tios e primos. Na infância, até uns onze anos, eu tinha mais contato com a família Mitelman, da minha mãe. Eram cinco filhos: quatro filhas e um rapaz, que era da idade do meu irmão, eram amigos.

O irmão da minha mãe, Natan, morava em Piracicaba com a esposa, Domingas. Era um pessoal caipira, gente muito boa. Não tinham filhos. De vez em quando eles vinham ao Rio de Janeiro para visitar a minha avó, mãe dele. Certa vez fomos com eles a Copacabana, em um restaurante. Eu tinha uns quatorze anos de idade. Ali não tinha prédio, não tinha quase nada. Ele gostava de pegar tatuí na areia da praia.

Bom, depois disso, merece destaque o Tiro de Guerra, na época do Serviço Militar Obrigatório, que, aos dezessete anos, fui prestar no Clube do América, na Tijuca. Era preciso ser sócio do clube para poder fazer o Tiro de Guerra lá, e então me associei. Lá eu conheci o Osnélli Martinelli, que depois seria um grande amigo. Tinha a mesma idade que eu. Nos bailes que íamos lá, o Martinelli, que era magrinho e elegante, dançava muito bem, botava qualquer um no bolso. Uma vez ou outra também jogamos sinuca no Café Afonso Pena. Começou assim a nossa amizade. Ele foi para Realengo, para seguir a carreira militar, e eu fui para a Faculdade de Odontologia. Depois fomos para a guerra no mesmo navio e ambos ficamos no Depósito de Pessoal, embora em funções diferentes, sem contato. Fomos retomar o convívio muitas décadas depois, na Associação de Veteranos.



(11)  
Rubin  
Rosenthal  
(12)  
Israel  
(13)  
Clara  
4  
(Toni)



S. L. ...



Álbum de fotografías

Outro amigo dessa época foi o Lauro Dornelles, que eu acho que é tio do Francisco Dornelles [economista, foi Deputado Federal e Senador pelo Rio de Janeiro, Ministro da Fazenda em 1985, Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior entre 1996 e 1998, Ministro do Trabalho entre 1999 e 2002 e Vice-Governador do Rio de Janeiro entre 2015 e 2019]<sup>8</sup>. Um dia eu estava andando pela Tijuca e encontrei com o Lauro, que me perguntou: “para onde é que você vai?”. Eu digo: “eu vou para o América”. Estava ele, meu irmão, outros rapazes de dezoito anos, eles iam para o Dancing Avenida, que ficava na Cinelândia. Mas o Lauro não queria ir. Então quis ir ao América comigo. Fomos juntos, caminhando. Chegamos no salão e ele falou assim: “aquela mesa é nossa, vamos sentar lá”. Eu disse que não. Não ia pagar cinco mil-réis, que eu não tinha. Ele disse: “e eu não estou te convidando?”. Aí sentei com ele. Ele pediu dois guarás. Não era guaraná não, era guará, uma bebida que tinha naquela época. Eu disse que não queria. E ele: “e eu não estou te convidando?”. Aí tomamos. Ele dançava tão mal quanto eu. Aí avistamos duas meninas lá, ele disse: “agora você vai pegar aquela e eu a outra, para dançar”. Fomos lá, cada um tirou uma para dançar. Dançamos. Quando chegou no final da festa, ele era sabido pra burro, e falou: “tá vendo aquelas duas ali?”. Eu disse: “vamos levar um fora”. Fomos lá. Faltavam quarenta minutos para acabar o baile. Ele disse: “vocês não querem sentar na mesa, para descansar?”. Elas estavam doidas para descansar! Estavam a noite inteira em pé. Sentaram lá, ele pediu um guará para cada uma. Passamos a noite toda com aquelas duas. Elas estavam doidas para descansar e pegaram os dois patos, eu e ele éramos os patos. Ele estava pagando tudo.

Ficou dois anos ele me pagando tudo, quando íamos ao América. Eu não trabalhava, não tinha dinheiro e meu pai tinha falecido em 1938, quando eu tinha 17 anos.

<sup>8</sup> **Verbetes FRANCISCO DORNELLES na Wikipédia. Acessado em 15/02/2019.**  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Dornelles](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Dornelles)

Meu pai tinha uma loja de tecidos com o irmão dele, na Rua Tomé de Souza, que ficava em frente a um grande prédio da prefeitura, já demolido.

Meu irmão tinha passado para a Faculdade de Direito. Quando meu pai faleceu era sócio de uma loja de casimira, pequena, e as despesas tinham sido muito grandes com o falecimento dele: cirurgia no Hospital São José, médico, funeral. Estávamos cheios de dívida. Meu irmão então teve que abandonar a faculdade para trabalhar na loja. Eu, ainda no colégio, quis trabalhar e ele não deixou, dizendo: “não, você continua estudando.” Ele então passou a dirigir a loja, sem saber nada do negócio, sem prestígio nenhum no ramo.

Ele conheceu o Steinbruch, que era o dono de uma firma poderosa lá de São Paulo, que disse que ia ajudar. Era o dono da fábrica. Então meu irmão ia comprar uma quantia “x” em dinheiro. Ele dava 10% de desconto para quem pagasse à vista, mas permitiu que meu irmão levasse a mercadoria, pagasse depois de trinta dias e ainda assim tivesse os 10% de desconto. Meu irmão levou aquilo para vender. Aqueles 10% que ele ganhou lá, dava 5% para os alfaiates e começou a vender bastante. Aí chegou a um ponto de levar “2x”, “3x”, nas mesmas condições. E assim a loja foi evoluindo, evoluindo. Era uma loja pequena. Ao lado tinha uma outra loja de tecido, que era do Moskovitch, que ocupava a loja e o prédio de cima. O Moskovitch tinha comprado na Rua da Alfândega uma loja grande, se mudou e ofereceu a loja antiga ao meu irmão, dizendo “fica com a grande, a pequena você aluga e fica com o negócio”. Meu irmão resolveu fazer isso. Pegou a loja grande e encheu de tecidos, alugou a pequena e acho que também alugava a casa de cima. A situação financeira deles melhorou muito, a ponto de o meu tio comprar um apartamento na Rua Paissandu, meu irmão comprar um apartamento grande em Teresópolis, um outro na Rua Afonso Pena e um apartamento para a filha Esther. A situação ficou muito boa.



**JOSÉ ROSENTHAL**, 85 anos, trabalha com a ajuda do neto, André Kamaroff

## Segredo do ofício passado de geração em geração

Na loja Rosenthal & Cia., na República do Líbano. A casa especializada em tecidos para roupas masculinas, foi fundada por Rubem Rosenthal em 1928. Seu filho, José Rosenthal, 85 anos, toca o negócio hoje com a ajuda do neto, André Kamaroff, 33 anos. "Tivemos uma fase áurea, nos anos 60, quando os homens andavam de terno e colete e eram atendidos de paletó e gravata" recorda José, que bate

ponto na loja das 8h às 17h. André reconhece que a venda de tecidos finos caiu muito, mas conta que a loja, com 500 alfaiates cadastrados, tem parte do faturamento na venda de tecidos para fardas militares. Entre os clientes que não dispensam um bom corte de tecido, estão Walter Alfiate, o intérprete Dominginhos do Estácio e a Velha Guarda da Portela.



E aí, de repente, o negócio começou a cair. Caiu, caiu, caiu e a coisa endureceu. E por que caiu aquilo tudo? Porque começaram a desaparecer os alfaiates. Chegou a um ponto tal que não tinha mais quase firma disso. Aquela Rua Tomé de Souza chegou a ter umas vinte casas de tecido. Árabes e judeus. Chegou a ponto tal que só tinha meu irmão e mais um. E ele já estava doente. Faleceu dali a uns três ou quatro anos e a loja passou para o neto dele, André, que não aguentou mais. Entregou a loja. E acabou.

Também com uns dezesseis anos eu comecei a frequentar o Cabiras, um clube onde eram todos judeus. Era frequentado por grande parte dos alunos do Scholem Aleichem. Era um clube que ficava perto do Grande Templo Israelita [localizado na Rua Tenente Possolo, no Centro, próximo ao Campo de Santana]. Era um salão alugado. Nós íamos aos bailes de lá das 20h às 2h. Meninas vinham de Madureira, saíam de lá e pegavam o trem nesse horário. Não tinha nada de mais na rua, era tudo seguro. Pegávamos o bonde. Eu frequentei o Cabiras uns três anos.

Mas nem tudo era baile. Tinha que estudar para entrar para a faculdade, então fui fazer o curso preparatório.

Na turma do preparatório da faculdade, que ficava na Praia Vermelha, o divertimento era ir de bonde e na volta, como o bonde tinha um reboque, a garotada chegava lá e tirava a haste metálica que segurava o reboque. O bonde ia e o reboque ficava. O bonde tinha que voltar, colocar o reboque de volta, aquela confusão e risada geral.



Medalha da Raça  
03/09/1939

Nesse período, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, existia o Dia da Raça, comemorado com um desfile em setembro, junto às comemorações do aniversário da Independência, na Semana da Pátria [segundo Vânia Cristina da Silva, “essa nova comemoração deveria ser marcada por manifestações em defesa da constituição da ‘raça brasileira’ [...] e os discursos sobre a raça [...] exaltavam a configuração dos três referenciais culturais que formavam a ‘identidade’ do brasileiro: a mestiçagem entre o índio, o português e o negro’ (VAZ, 2006, p. 49). Segundo essa autora, ‘[...] os três perfis culturais eram elevados em suas especificidades, cada qual cumprindo seu papel para a formação do brasileiro’. GOMES (1994) [...] ressalta que os desfiles do Dia da Raça serviriam para demonstrar que o regime que se estabelecera assumia o combate às ideias de eugenia e branqueamento da população. A administração Vargas acreditava na capacidade de seu povo, e o ecletismo étnico passou a ser interpretado como um elemento positivo.”<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> SILVA, Vânia Cristina da. As comemorações e a invenção de novas tradições durante o Estado Novo: um estudo das festas escolares na Paraíba. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, 19, p. 152-194, 2017.

O nosso professor de química no curso preparatório, Professor Mesquita, nos organizou para participar do desfile do Dia da Raça. Éramos uns oitenta alunos, entre homens e mulheres. Desfilamos na Praia Vermelha, na Urca. A ideia do desfile era celebrar a diversidade étnica brasileira, em época de grande intolerância e preconceito no mundo. Eu tenho ainda uma medalhinha comemorativa, que distribuíram para o pessoal que desfilou.



Carteira de Identidade  
Israel Rosenthal

# TORNANDO-SE DENTISTA E MILITAR

Em 1941, entrei na Faculdade Nacional de Odontologia, da então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Praia Vermelha.

Acho que escolhi fazer Odontologia porque era um dos cursos mais rápidos, durava três anos na época. A situação financeira era complicada lá em casa e eu tinha que me formar o mais rápido possível, para começar a trabalhar e poder ajudar minha mãe. Os outros cursos na época, como Direito e Medicina, levavam cinco ou seis anos. Hoje em dia o curso de Odontologia é em cinco anos também.

Na faculdade tinha um professor, de Histologia, que se dava muito com os rapazes da turma e resolveu dar umas aulas à noite. Um deles me convidou. Nós assistíamos à aula, que terminava por volta de 21h, e de lá íamos, a pé mesmo, para o Cassino da Urca. Assistíamos a shows da Carmen Miranda [cantora brasileira nascida em Portugal, estrela de shows e cinema, alçada a símbolo da brasilidade cultural]<sup>10</sup>, do Grande Otelo [Sebastião Bernardes de Souza Prata, ator e comediante brasileiro, símbolo do entretenimento de cassino e do cinema de chanchada]<sup>11</sup>. Para entrar tinha que pagar dez cruzeiros. Na época era muito dinheiro. Você pagava e ganhava uma fichinha do cassino quando entrava, para poder jogar. Íamos em dupla, cada um ganhava uma ficha. Chegávamos lá e jogávamos: eu apostava no vermelho e o outro no preto, por exemplo. Um dos dois ganhava, aí ficava com duas fichas. Íamos no caixa, trocávamos as fichas por dinheiro e os dois eram “reembolsados” do valor da entrada. Quem ganhasse pegava para os dois. Assim, ninguém gastava nada. A gente ia para ver o show.

<sup>10</sup> Verbete CARMEN MIRANDA na Wikipédia. Acessado em 10/12/2019.  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmen\\_Miranda](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmen_Miranda)

<sup>11</sup> Verbete GRANDE OTELO na Wikipédia. Acessado em 10/12/2019.  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande\\_Otelo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Otelo)

# UNIVERSIDADE DO BRASIL

## FACULDADE

## NACIONAL DE ODONTOLOGIA



EM NOME DO GOVERNO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

O Diretor da Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil, de 11 de Abril de 1931, confere o título de Cirurgião-Dentista a Israel Rosenthal, nascido no dia 7 de Fevereiro de 1921, no Distrito Federal.

O presente diploma, assinado pelo Reitor da Universidade, pelo qual se outorga os direitos e prerrogativas legais inerentes à profissão de Cirurgião-Dentista, foi expedido em Rio de Janeiro, 8 de Dezembro de 1943.

o REITOR,  
*Paulo Leitão de Azevedo*  
CIRURGIÃO-DENTISTA,  
*Israel Rosenthal*

O pessoal dançava lá, mas nós não. Ficávamos em pé, atrás de um portão, com uns outros penetras lá, e ficávamos olhando tudo. Quando passava o garçom com um cafezinho ou refrigerante, a gente tomava.

Uma vez nós estávamos lá e encontramos o diretor da faculdade, Abelardo de Brito. Nós fomos ficar perto dele, mas ele não gostou: “olha, estão todos aqui perto do meu jogo. Se eu perder, não vão passar de ano”. Saímos correndo, escapando!



Show no Cassino Urca

Na faculdade, tive alguns colegas que depois se destacaram, como o Charley Fayal de Lyra, que foi diretor da Faculdade de Odontologia e depois reitor da UERJ; e o Werneck, que chegou a diretor da própria Faculdade de Odontologia. Os dois também foram meus colegas no CPOR, na mesma época.

Mas na faculdade tinha também um cidadão, que não quero nem identificar o nome, que era o responsável pelo setor de raio-x, era dentista. Ele era adepto dos nazistas e tinha uma birra comigo, por eu ser judeu. Falava, falava, falava. Provocava. Uma vez me ameaçou: “vou te pegar um dia na rua”.

Eu tinha um outro colega, Nélio Zohen, que era de ascendência árabe,

um sujeito bem forte. E ele me defendeu: “você não precisa pegar ele não, você vai pegar a mim. Vem me pegar na rua!” O nazista ficou branco, ficou pálido! Nunca mais falou comigo.

Nos anos 1940, a gente sentia o peso do integralismo, do antisemitismo. Era algo presente.

Nessa época eu tinha uma namorada chamada Rosinha. Ela foi até ao meu baile de formatura, junto com minha prima. Nós dançamos, namoramos. Como eu estava me formando, o pai dela queria que ela se casasse. Eu ainda mal trabalhava, dava um duro danado, quase não ganhava nada. Não podia.

Bom, um dia eu estou lá no baile do Cabiras, dançando, e vejo uma mocinha bonitinha. Tirei para dançar comigo. Estamos dançando e ela me pergunta: “você conhece o Israel?” E eu digo: “não sei se conheço, mas você está dançando com ele”. Aí ela me responde: “eu sou a Anita, irmã da Rosinha”. Aí eu comecei a namorar a Anita, depois de ter namorado a Rosinha.

Quando eu me formei, em 1943, não tinha nada, não tinha nem dinheiro para alugar um consultório. Eu vi um anúncio no jornal, de um consultório à venda. Era no dinheiro da época, acho que era uns oito mil cruzeiros. Me juntei com meu colega de turma, Waldemiro Novais, e fomos ver. O consultório ficava em Benfica.

Era muito bom, mas não tínhamos dinheiro. Era um consultório modesto, mas bem montado, com um lustre em cima, uma cadeira boa, com equipamentos bons. Cada um tinha que dar quatro mil cruzeiros, mas eu não tinha. Não dava pé. Voltamos, esperamos um pouco. O cara abaixou para seis mil, mas não avisou a gente, colocou outro anúncio no jornal. Ainda assim não conseguiu vender. Aí ligou para o meu colega, dando a última oferta: quatro mil. Meu colega me ligou animado: “dois mil para cada um, Rosenthal”. Nem isso eu tinha. Fui falar com meu tio, que trabalhava com meu irmão. Eu expliquei a situação e disse que precisava de dois mil e duzentos cruzeiros. Ele perguntou: “o consultório é bom, vale o investimento?”. Eu digo: “vale”.

Ele me emprestou o dinheiro. Demos os quatro mil para o dono. Ele nos deixou o consultório todo, com uma divisória bonita, para separar a sala de espera, uma pia, uma escrivaninha e um letreiro escrito “dentista”

Começamos. Eu sem cliente, sem nada. O consultório montado. Separamos os dias: segunda, quarta e sexta à tarde para o Waldemiro, terça, quinta e sábado à tarde para mim. Sábado era um dia que ninguém queria trabalhar. No turno das manhãs, o oposto: eu ia segunda, quarta e sexta.

Os primeiros clientes vieram da rua mesmo, viam a placa e entravam. Me lembro do primeiro cliente, que eu não cobrei nada: era uma moça que chegou lá choramingando porque tinha caído um dente da dentadura e ela tinha uma festa para ir, não sabia o que fazer. Eu fiz um furinho em cruz na dentadura, peguei o dente dela, fiz um buraquinho, botei um pinguinho de paladon e coloquei o dente na posição. Um pouco de água morna e o dente ficou preso. Ela agradeceu e perguntou o preço. Eu falei: “pode ir embora”. Ela mandou duas clientes para mim depois. Aí foi aparecendo boca a boca e o pessoal da rua, que passava na porta. Uns colegas meus e do meu irmão também foram tratar lá. Inclusive, eu atendi lá o Malina e nunca cobrei nada dele [Salomão Malina, judeu filho de poloneses, integrou a Força Expedicionária Brasileira, no posto de Aspirante a Oficial R/2, comandando um Pelotão de Detecção de Minas. No pós-guerra foi militante político, Secretário-Geral do Partido Comunista Brasileiro].<sup>12</sup>

Nessa época eu também trabalhava na Policlínica Israelita, que ficava na Rua Joaquim Palhares, às quartas-feiras. Não ganhava nada. Fazia extrações e umas obturaçõeszinhas. Trabalhei lá um ano e meio, até 1944. Eu tenho um papelv com um elogio do médico que era o chefe de Otorrino.

Almoçava na Praça da Bandeira e chegava na Policlínica fardado. O almoço era uma beleza: tinha arroz com feijão, carne ou frango, goiabada de sobremesa, um copo de mate ou de laranjada. Custava só um cruzeiro, ficava sempre lotado.

<sup>12</sup> BLAJBERG, Israel. *Estrela de David no Cruzeiro do Sul*. Resende, RJ: AHIMTB, 2015. p. 208-2010.



Sociedade Beneficente Israelita

Fundada em 6 de Abril de 1920

Rua Joaquim Palhares, 595

TELEPH. 28-2128

RIO DE JANEIRO

Endereço Telegrafico: BENEFICENTE

Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1947.

N. 875/47.

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o cirurgião-dentista Dr. Israel Rosenthal, vem exercendo suas atividades profissionais na Policlínica desta Sociedade desde 1-XII-43 até a presente data, aonde o mesmo goza de toda estima devido aos bons serviços prestados.

Ausentando-se somente, durante o período de 19-XII-44 à 8-XII-45, em que serviu na Força Expedicionária Brasileira.

Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1947.  
Bernardo Grabois



Dr. Bernardo Grabois, Diretor Médico.

Reconheço a firma



o. Grabois de 1947  
em test. da v. da



Nessa época ainda morava com minha mãe e meu irmão, também solteiro, que trabalhava na loja. Ficamos lá até ela se casar pela segunda vez, com o Pincas.



Clara e Pincas

Nesse mesmo período de faculdade, estava eu no CPOR (Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército). Para entrar para o CPOR naquela época só exigiam o secundário. O concurso foi muito concorrido. Era época de guerra, todo mundo queria entrar. Eu me lembro que se inscreveram mais de mil alunos. Foram aprovados uns setecentos. Isso era 1942, eu estava na faculdade ainda, no segundo ano.

Como eu já tinha feito o meu Serviço Militar Obrigatório no Tiro de Guerra, com dezessete anos, eu não precisava fazer o CPOR. Resolvi fazer por conta da guerra, já com a ideia de ser voluntário para a FEB e para poder ir já como oficial.

Na época só existiam quatro armas no CPOR: Infantaria, Artilharia, Cavalaria e Engenharia. E o curso era de dois anos. Eu optei pela Infantaria.

Durante a semana e no sábado era das seis às oito da manhã. No domingo era das seis da manhã até o meio-dia. Geralmente era na Vila Militar a instrução. Os grupos eram separados, primeiramente, por arma. Eram vários pelotões de



Quartel do CPOR RJ em São Cristóvão

Infantaria, separados. O CPOR ficava na Quinta da Boa Vista, no prédio que hoje abriga o Museu Militar Conde de Linhares, na Avenida Pedro II, número 383, em São Cristóvão. A gente chegava, vestia a farda, deixava a roupa de paisano em uns escaninhos que tinham lá. Cada pelotão era comandado por um sargento, e tinha um capitão para cada companhia. Cada companhia reúne três pelotões. Tudo era separado para cada arma. Na época, uma das companhias de cavalaria era comandada pelo então Capitão Adalberto [Adalberto Pereira dos Santos depois integraria a FEB, como Major, e seguiria na carreira militar até o mais alto grau da hierarquia, como General de Exército. Na reserva, foi eleito indiretamente pelo Congresso Nacional como Vice-Presidente da República do Brasil, no período 1974-1979]<sup>13</sup>.

Depois dos dois anos do curso, houve a cerimônia de formatura. Eu me lembro que eu não tinha espada, tive que pedir emprestado. Nossa formatura no CPOR foi em outubro de 1944, eu já tinha me formado na faculdade há cerca de um ano.

Quando estávamos terminando o curso, o sargento nos reuniu e fez um discurso: “o capitão comandante da companhia mandou perguntar quem de vocês está disposto a embarcar como voluntário para a FEB?” Eu falei que sim. Como brasileiro e como judeu, eu não podia deixar de ir, muito embora, na época, a gente não tivesse ainda a dimensão de tudo o que estava acontecendo de antisemitismo na Europa. Nós sabíamos que os judeus eram perseguidos, mas não imaginávamos os campos de concentração, de extermínio. E sabíamos, claro, que o Brasil tinha sido atacado, agredido.

Teve um grupo bom lá do CPOR que falou que sim, que também queriam ir como voluntários. A maioria era de Infantaria. Acho que só foi um de Artilharia, que foi o Vasco Ribeiro Costa, que depois foi presidente de uma regional da nossa Associação de Veteranos. O resto era infantaria. Foram cento e quinze voluntários, mas chegaram a embarcar mesmo noventa e dois.

<sup>13</sup> Verbete ADALBERTO PEREIRA DOS SANTOS na Wikipédia. Acessado em 18/02/2019. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Adalberto\\_Pereira\\_dos\\_Santos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Adalberto_Pereira_dos_Santos)

**CARTEIRO DE IDENTIDADE**  
**CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA**  
**CONSELHO REGIONAL DE ODONTOLOGIA**  
**DO RIO DE JANEIRO**

**INSCRICAO N.º 180**

**QUIRURGIA DENTISTA**

**ISRAEL ROSENTHAL**

Robin Rosenthal e  
 Clara Rosenthal

Rio de Janeiro

DATA DO NASCIMENTO  
 07.02.21  
 19.12.75

DATA DA EMISSÃO

LOCAL  
 RIO DE JANEIRO (RJ)

LEI 4324 - 14-4-64

**VALIDO SOMENTE COM M...**

**VALIDO EM COR VERDE**

**ARMAS DA REPUBLICA**

Carteira do Conselho Federal de Odontologia

**IDENTIDADE CIVIL**

**1G.260.476** **20.08.73**

NÚMERO DATA DE EMISSÃO

**Ministério do Exército**

ORGÃO EMITENTE

**IDENTIDADE ELEITORAL**

**14.127** **RJ** **3a.**

NÚMERO CIRCUNSCRIÇÃO ZONA

**IDENTIDADE DE CONTRIBUINTE**

**000403397** **/ 34**

INSCRIÇÃO NO CPF CONTROLE

**QUALIFICAÇÕES PROFISSIONAIS**

**RADIOLOGIA**

*Israel Rosenthal*

ASSINATURA DO PORTADOR

7-75

PLAC-LITE LTDA. - CCC MF 33.174.640/0000

**COLAR DIRITO**

# SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, FEB

Já nessa condição de futuro componente da FEB, ainda como Aspirante a Oficial R/2, ficamos lotados na Vila Militar. Eu fiquei no II RI (2º Regimento de Infantaria). Cheguei lá dois meses depois da formatura. Ficamos espalhados, em várias unidades.

Fiquei cerca de um mês e meio no II RI, aguardando a viagem do que seria o quinto e último escalão da FEB.

O único outro do II RI que também embarcou para a FEB, que eu me lembro, foi o Ítalo Castoldi, que embarcou comigo para a Itália e era meu cliente no consultório. Um outro amigo meu do CPOR que também embarcou junto foi o Marcos Cerkes, que também era judeu, morava em Madureira.

Três dias antes do embarque, fomos para Gericinó, onde ficamos acampados em barracas. Ficamos lá sem fazer nada, só conversando, esperando o embarque.

Nessa época teve um fato pitoresco. O comandante do II RI era um coronel do tipo grosseiro, andava com o rebenque [tipo de chicote] na mão, cheio de pose. Nas reuniões de oficiais, nós, R/2, éramos obrigados a ir. Ele fazia perguntas para constranger os oficiais: “Major fulano, como é tal coisa?”. Se o major não soubesse, ele perguntava a um tenente, um oficial inferior. Se o tenente respondesse, ele debochava: “Major, você não tem vergonha de não saber uma coisa que um tenente responde?”. Ele colocava a turma para correr em volta de um campo no quartel, era cerca de um quilômetro. O capitão da minha companhia era um homem gordo, não tinha condições de fazer aquilo. Ele não aguentava correr tudo. No meio do caminho o coronel dizia a ele: “Capitão, você não consegue, sai de forma”. Era um absurdo.



Desejada para  
 um abraço e beijo de  
 alguém que se acha muito  
 feliz, mas que muito gosta  
 de regressar.

Italia

6-5-45

Israel na II Guerra Mundial

Um dia, o General Renato Paquet, que era o comandante da 1ª Divisão de Infantaria, na Vila Militar, anunciou que ia fazer uma formatura do II RI. Eu, ainda como aspirante a oficial, era comandante de um pelotão de recrutas. Eu não entendia bulhufas daquilo ainda. Estava na frente do pelotão o Guido, um garoto de dezoito anos. Ele estava com uma ferramenta de sapa [espécie de pá] colocada ao contrário [em um tipo de mochila, presa às costas]. Antes da chegada do general, o coronel passou uma revista. Quando viu o recruta com a sapa ao contrário, começou a sacudir o rapaz, gritando e o chamando de burro. Perguntou: “quem é o comandante do seu pelotão?”. Quando soube, gritou para mim: “Rosenthal, quando acabar o desfile, está preso!”

Depois do desfile, o Capitão Ribamar veio falar comigo, dizendo que tinha recebido um radiograma para mim lá na secretaria. Ele disse que achava que eu tinha sido promovido. Eu achei que não era possível e fui lá ver. Na verdade a mensagem dizia que eu tinha vinte e quatro horas para me apresentar no I RI para embarcar com a FEB.

Surpreso, eu expliquei ao Capitão Ribamar: “Capitão, como eu vou? Eu estou preso”. Ele falou: “que preso que nada, pega as suas coisas e vai!”. Eu fui lá rapidamente, peguei minhas coisas todas, me despedi de um ou outro e me apresentei no I RI. Me mandaram ir à Casa Festas, para apanhar o fardamento. Essa loja ficava na Praça Tiradentes, no Centro. Lá, me deram tudo: saco A, saco B, uniforme completo, galocha, cuecas, camisa, a gabardine de passeio, tudo. Só o capacete que eu recebi apenas na Itália.

Mandaram entregar tudo lá em casa. Era tudo tão às pressas que me deram um paletó pequeno, com a manga muito curta, uns quatro dedos antes do punho. Eu reclamei e me disseram: “não tem outro, ou vai com esse ou vai sem paletó”.





Israel na II Guerra Mundial

Três dias depois, nos avisaram que o embarque seria no dia seguinte. Alguns da turma resolveram fazer uma despedida indo para o Dancing Avenida, na Cinelândia, para dançar. Eu não quis ir, tinha que me despedir da minha mãe. Peguei um trem, fui para casa. Minha mãe chorou muito. Eu disse a ela: “calma, não tem jeito, mas eu volto”. Eu fiquei lá até umas onze horas da noite e voltei para a Vila Militar, para a minha barraca.

No dia seguinte pegamos um trem todo fechado, escuro, que cortou o caminho, pegando um trilho que não era usado, por dentro de um túnel, e saiu direto no Cais do Porto. Embarcamos no dia 08/02/1945, no navio americano de transporte de tropas USS General Meigs.

Quem comandou a tropa no navio foi o Tenente-Coronel Ibá Jobim Meirelles. O comandante não falava inglês, então procuraram na tropa duas pessoas que falassem inglês, para fazer a ligação. Escolheram o Celso Furtado, meu colega de camarote [Celso Monteiro Furtado, economista e político brasileiro, autor de diversos livros, foi Ministro do Planejamento do Brasil no período 1962-1964 e Ministro da Cultura do Brasil no período 1986-1988]<sup>14</sup>, e o Pedro Kullock, que também era judeu e depois se tornou um grande amigo meu.

Muitos anos depois, nos anos 1990, o Celso Furtado estava lançando um livro na Academia Brasileira de Letras. Eu fui lá e conversei com ele: “Celso, lembra de mim, o Rosenthal?” E ele: “não lembro não. O Rosenthal que eu conheci tinha cabelo ruivo, não tinha esse cabelo todo branco não”. Aí eu falei: “É verdade. Eu acho que estou te confundindo. O Celso que eu conheci não tremia a mão assim para assinar o livro não, o cara era macho mesmo, escrevia de mão firme”. O Celso se levantou e me deu um abraço. Ficamos com lágrimas nos olhos, batemos um bom papo. Comprei a coleção de livros dele e doei lá para a biblioteca do CPOR. Nunca li, não entendo absolutamente nada de economia.

<sup>14</sup> **Verbete CELSO FURTADO na Wikipédia. Acessado em 19/02/2019.**  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Celso\\_Furtado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Celso_Furtado)



Dia do embarque para Itália.

A viagem até a Itália no USS General Meigs teve duração de quatorze dias. Todos a bordo tinham direito a duas refeições. Só tinha direito a uma terceira refeição quem tivesse algum serviço a bordo. A maior parte não tinha. O Kullock, como eu disse, tinha serviço, porque falava muito bem o inglês e ficou como tradutor, junto com o Celso Furtado.

Depois eu passei a ter um serviço. Um dia apareceu um sargento americano perguntando quem falava iídiche. Todo mundo indicou meu nome, mas eu não falo, só entendo um pouquinho. Eu expliquei, mas insistiram. Veio o sargento, todo brincalhão, e falou: “você vai trabalhar comigo?”. Sabe qual era a função dele? Dirigir uma luta de boxe, a bordo do navio. Tinha o ringue, as luvas. Eu fiquei de auxiliar. O sargento falava comigo em iídiche, eu entendia um pouco, mas tinha dificuldade em responder. O sargento era judeu, era muito engraçado. Ele escolhia as duplas que iam lutar. Quando ele via que o cara ia apanhar muito ele separava, não deixava ninguém se machucar muito. Quem vencía a luta ganhava um saco com um presente. Mas quem perdia também ganhava um saco. Mal sabiam eles que os dois sacos tinham a mesma coisa, só mudava a marca do cigarro. No saco tinha também um aparelho de barbear e umas balas.

Eu passei então a ganhar a terceira refeição, mas era excesso de comida para mim. Eu pegava a maçã e o sanduíche e levava para o camarote, para dividir com o pessoal. Éramos dezoito no camarote, quatro aspirantes da ativa e quatorze aspirantes da reserva.

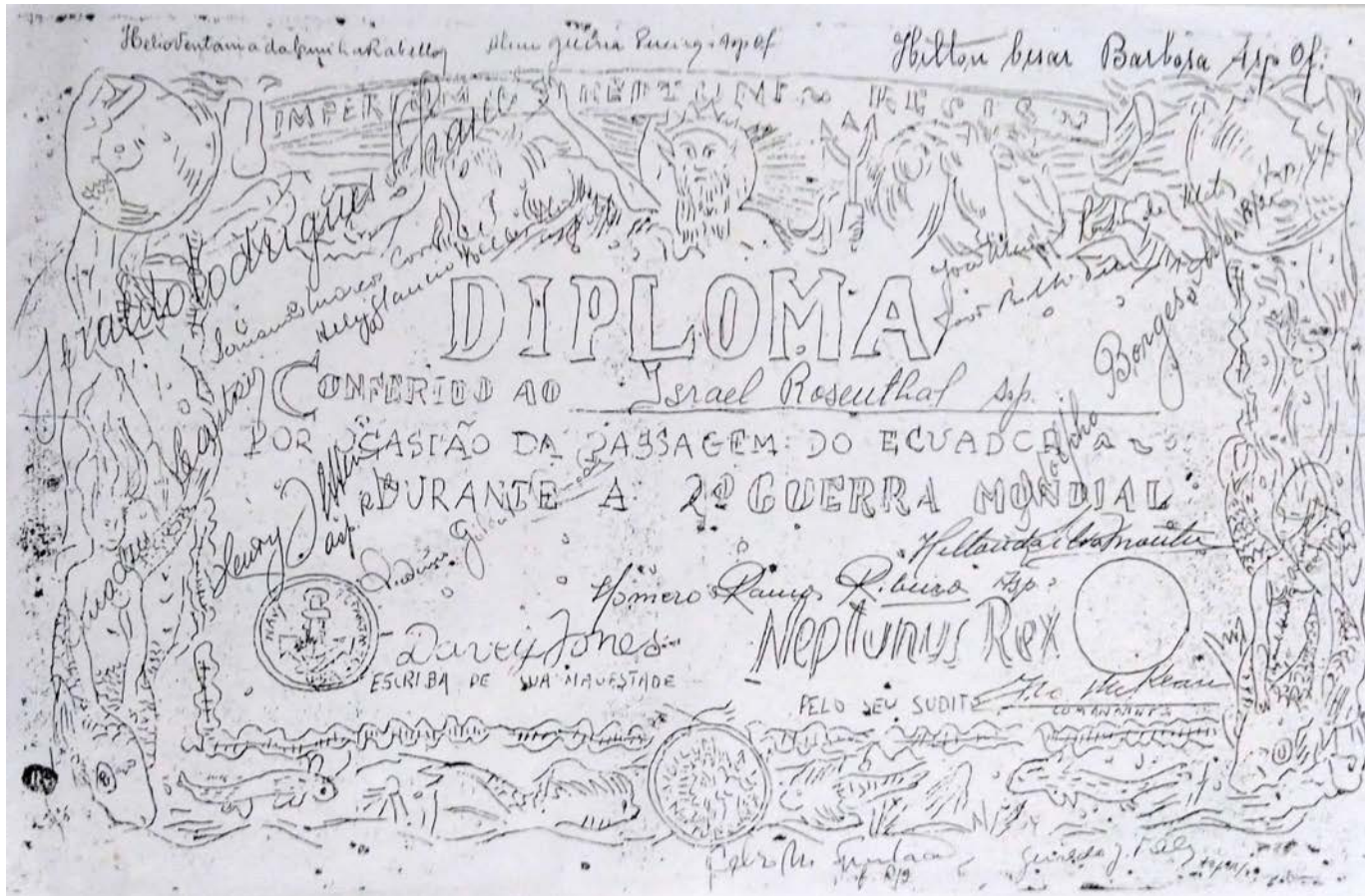
Foi com a gente no navio um padre, que era capelão militar. Ele jogava cartas com a turma, o pessoal respeitava. Mas de vez em quando alguém falava um palavrão e ele dava sermão. Também viajava conosco um médico, considerado um dos maiores pneumologistas. Ele foi comissionado como major. Pois bem.



Componentes da FEB



Componentes da FEB



"DIPLOMA POR OCASIÃO DA PASSAGEM DA LINHA DO EQUADOR  
DURANTE A II GUERRA MUNDIAL"

= RELAÇÃO DOS COMPANHEIROS DE CAMAROTE =  
=====

- |               |                                 |
|---------------|---------------------------------|
| (+) - ASP .   | - RAUL MATTOS ALMEIDA SIMÕES    |
| ASP .         | - ALEM GUERRA PEREIRA           |
| (+) - ASP .   | - AMADEU DE PAULA               |
| - ASP .       | - HELY GLAUCIO TELLES HORTA     |
| - ASP R/2     | - <u>ISRAEL ROSENTHAL</u>       |
| (+) - ASP R/2 | - HENRY MARIO FRANCIS JESSEN    |
| (+) - ASP R/2 | - ADOLFO BORGES                 |
| (+) - ASP R/2 | - CELSO MONTEIRO FURTADO        |
| (+) - ASP R/2 | - FREDERICO GLBERTO AMADO       |
| (+) - ASP R/2 | - GERALDO JORGE F. SILVA        |
| (+) - ASP R/2 | - HELIO VENTANI DA CUNHA RABELO |
| (+) - ASP R/2 | - FERNANDO MARCOS CAVALCANTI    |
| (+) - ASP R/2 | - HILTON CEZAR BARBOSA          |
| - ASP R/2     | - HOMERO RAMOS RIBEIRO          |
| (+) - ASP R/2 | - JOÃO BALBI FILHO              |
| (+) - ASP R/2 | - GERALDO RODRIGUES CHAVES      |
| (+) - ASP R/2 | - JOÃO MANOEL ROCHA MATTOS      |
| (+) - ASP R/2 | - HILTON DA SILVA MONTEIRO      |



Asp. Italo Castoldi, Asp. Homero Ramos Ribeiro e Israel Rosenthal  
no Centro de Reacomodamento (Depósito de Pessoal).

O banheiro do navio era um corredor grande, com uns quinze chuveiros na sequência, sem divisória. Um dia eu estava tomando banho e quando saí dei de cara com o major. Ele me perguntou se tinha alguém no banheiro e eu disse que estava vazio. Aí ele me mandou ficar na porta e não deixar ninguém entrar porque ele ia tomar banho. Ele tinha já uns cinquenta anos e ficava com vergonha de tomar banho na frente do pessoal. Com o padre era a mesma coisa: toda vez que ele ia ao banheiro, pedia a alguém para ficar na porta e não deixar ninguém entrar.

No navio a maioria do pessoal não tinha nada para fazer, ficavam jogando carta, cantando, fumando. Às vezes tinha treinamento de naufrágio.

Nós fomos comboiados por navios de guerra brasileiros até Gibraltar. Depois de Gibraltar fomos escoltados por navios americanos.



Finalmente chegamos em Nápoles, na Itália. Ficamos uns quatro dias no que eles chamavam de “quarentena,” tomamos vacinas. Depois fomos nas barcaças LCI para Livorno, e seguimos de caminhão para Staffoli, onde era o Depósito de Pessoal da FEB.

É evidente que a gente sentia medo, não sabia direito o que estava indo enfrentar. Chegavam notícias de mortos, de feridos. Mas no acampamento a gente não chegava a ouvir os sons da guerra não, só aviões passando.

Quando chegamos no acampamento não tinha barraca suficiente, então ficamos uns trinta aspirantes em um galpão, onde tinha umas camas de madeira com um cobertor. Nós tínhamos mala A, mala B e saco C. Quando era umas sete horas da noite, eu resolvi sair desse galpão para dar um passeio e conhecer o acampamento. Eram quatro batalhões, longos corredores de barracas. Logo que eu passei, um cara me chamou pelo nome. Quando eu olhei, era um tenente conhecido. O nome dele era Orlando, e o apelido era Orlando Marmelada. Eu o conheci no Rio de Janeiro, ele frequentava o Café Afonso Pena, jogava sinuca com o pessoal. Ele fingia que jogava mal na primeira partida, aí o adversário



Israel Rosenthal no Depósito de Pessoal



Asp.Oswaldo Costa, Ten.Luciano Gomes Pinho e Israel Rosenthal  
6 meses companheiros de barraca.

apostava mais e depois ele ganhava as partidas na sequência. O Orlando pegou uma tuberculose lá na Itália e estava voltando para o Brasil.

Ao lado dele estava um tenente que viajou comigo, era o Marones de Gusmão. O Marones estava comendo um chocolate e me ofereceu um pedaço. Começou ali uma boa amizade. Meses depois o Marones faleceu lá na Itália. A

guerra já tinha terminado, estávamos aguardando o embarque de volta, alguns aproveitavam para viajar pela região. Ele ficou de serviço no acampamento, fazendo o levantamento do material que ia voltar no navio. Dentro da barraca, um colega dele estava manejando uma metralhadora e sem querer ela disparou. O Marones recebeu a rajada e morreu na hora. Foi um acidente terrível. Esse colega voltou preso ao Brasil, mas ficou comprovado que foi um acidente mesmo, eles eram amigos.

No dia seguinte da nossa chegada já fomos para as barracas, éramos quatro por barraca. Comigo ficaram o Oswaldo Costa, o Luciano Pinho e o Aguiar Correia.



Israel e companheiros do Depósito de Pessoal

Eu fui designado para fazer o treinamento de quatorze dias para ser motorista de GMC. Fomos um grupo de seis aspirantes, dois tenentes e uns vinte praças. Dois soldados, um cabo e eu fomos reprovados no exame de vista. O subcomandante me mandou ir mesmo assim, para ficar como responsável pelo grupo. Fomos para um lugarejo, acampados em barracas. Na minha barraca ficaram o Wilson de Sanctis, o Ítalo Castoldi e o Saltiel, que era um tenente antigo, todos nós da reserva. Começou o curso. Às seis da manhã era o toque de alvorada, às sete o café, às oito começava o curso. Os americanos eram os instrutores.



Israel e companheiros do Depósito de Pessoal

Durante o treinamento só ficavam no acampamento, além de mim, dois soldados e um cabo. Nós ficamos lá quatorze dias e eu não tinha nada para fazer. Era para tomar conta do acampamento. Coloquei cada um dos praças em um ponto do perímetro do acampamento e ficava lá só controlando. Uma vez um dos tenentes ficou doente e eu tive que levá-lo ao posto médico americano.



Israel e companheiros do Depósito de Pessoal

O fato mais pitoresco que posso contar dessa passagem é o seguinte: o Wilson de Sanctis chegou para mim, na véspera do fim do curso, em que ele foi aprovado em primeiro lugar, e disse que a uns quinze minutos a pé do acampamento tinha um barzinho e que ele iria pagar uma garrafa de vinho para nós, para comemorar. Fomos eu, ele e o Ítalo Castoldi. Fomos andando pela estrada, por onde passavam no outro sentido caminhões com tropas americanas. Depois de andar meia hora, eu comecei a achar que a estrada não ia ter fim. Resolvemos voltar. O Wilson pisou em uma poça de lama, sujou a bota. Ele voltou só reclamando. Quando chegamos na barraca eu disse que tinha água no cantil e emprestava para ele limpar a bota. Estava deitado dormindo o Tenente Saltiel. Ele começou a reclamar: “eu quero silêncio aqui. Não admito que esses aspirantes façam barulho”. O Wilson falou um palavrão, baixo. O tenente ficou doido, disse que era insubordinação e que ia pedir um Conselho de Guerra. O Wilson ficou branco, ficou amarelo, apavorado.



Israel e companheiros da área de saúde pós guerra em Paris

No dia seguinte o Tenente Saltiel veio com o termo, endereçado ao Coronel Mário Travassos, comandante do Depósito de Pessoal, dizendo que tinha sido ofendido e tal e coisa. Me colocou como testemunha e pediu para eu assinar. Eu disse: “assinar o quê? Eu não ouvi nada disso, Tenente. Acho que o senhor sonhou, o Wilson não falou nada disso”. O Ítalo também falou que não ouviu nada. O Tenente ficou irado: “você são uns traidores! Você me pagam”. E rasgou o termo. Ficou por isso mesmo.

Depois que retornamos desse curso, assim que cheguei no acampamento o subcomandante mandou eu me apresentar ao Major Virgílio, que era o chefe do Serviço de Saúde no acampamento do Depósito de Pessoal. O Major Virgílio então me designou para o Serviço Dentário, mesmo eu sendo de Infantaria. Ele disse que o Coronel Marques Porto, o chefe do Serviço de Saúde da FEB, tinha passado pelo acampamento e visto a fila imensa para o serviço odontológico. Mandou convocar quem fosse dentista na turma de aspirantes da reserva. Fomos eu e mais três.

Encontrei com o Alfredo Ferrante, que tinha sido meu colega na faculdade, se formou um ano antes de mim. Na faculdade a gente apenas se cumprimentava. Depois de sete meses de trabalho na guerra, ficamos com uma amizade muito grande. Ele era um excelente profissional, trabalhava muito bem. Nós ficamos atendendo no mesmo posto. Os outros dois eram o Adolfo Borges e o Júlio Castello Branco, que se formaram junto comigo em 1943 e eram de Niterói-RJ. Todos éramos Aspirantes a Oficial R/2, de Infantaria.

No Serviço de Saúde do acampamento a gente encontrava muitos casos de doenças venéreas. Até gonorreia gengival. Depois de dois meses de trabalho, o pessoal tinha uma folga de três dias para ir a Florença, que ficava a uns quarenta minutos de carro. Na cidade tinha um prostíbulo. Todo brasileiro que chegava lá dava um maço de cigarro para ficar com uma mulher. Ficava um sargento americano na entrada da rua, tomando conta. O americano dava, de graça, um estojo pequeno de



Israel e companheiros da área de saúde pós guerra em Paris

pano com uma camisa de vênus, uma gaze e um tubo de perfil, uma pomada para colocar na uretra. Tudo para impedir as doenças venéreas. Mas muitos soldados, de todas as nacionalidades, por ignorância, não queriam aquilo, não entendiam. A cada vinte que iam lá, uns quatro voltavam com gonorreia. O tratamento, na época, era com comprimidos de sulfa.

A nossa rotina de trabalho no acampamento era intensa. O toque de alvorada era às seis da manhã. Tinha um recipiente com água em cada barraca, onde a gente enchia o cantil, lavava o rosto, escovava os dentes e fazia a barba. Antes das sete horas era o café da manhã e às sete em ponto começava o expediente no posto de atendimento. Ia até meio-dia, quando parava para almoçar. Depois o trabalho ia de uma da tarde até umas cinco e meia, porque escurecia e, como o acampamento não tinha luz elétrica, não havia mais condição de trabalhar.



Turma serviço dentário – acampamento Staffoli.





Tenentes Homero Ramos Ribeiro, Italo Castoldi e Israel Rosenthal.

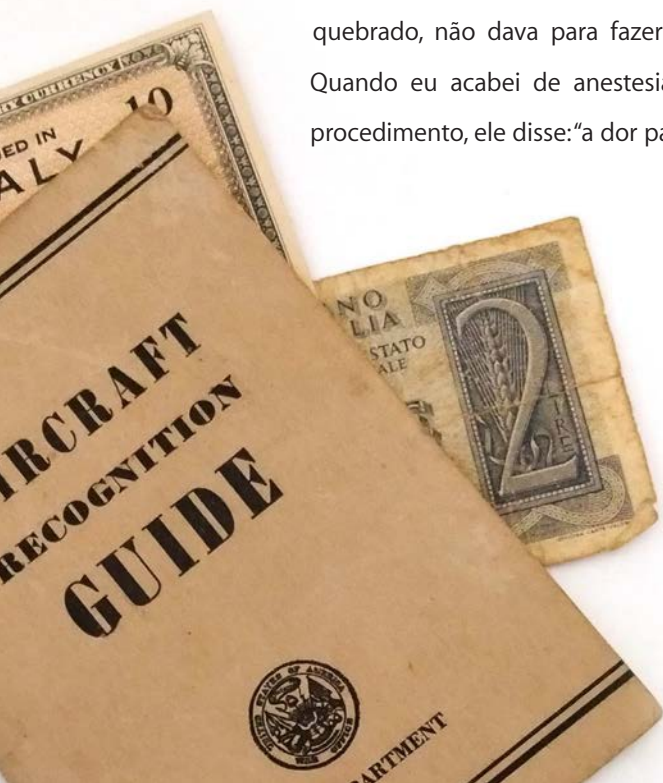
Na barraca o atendimento odontológico era com motor a pedal, tinha um soldado que pedalava. O esterilizador era uma caixa metálica com uma lamparina à gasolina, que mantinha a água fervendo. Tinha um recipiente com água para lavar as mãos e o instrumental. Não tinha luva, avental, nada disso. O paciente cuspiu em um balde ao lado da cadeira de metal, que não subia nem descia, a gente é que tinha que fazer toda a movimentação. Eram três postos dentários, com dois dentistas cada. Era um espaço organizado, cada posto distava uns cem metros do outro na área do acampamento. No meu posto atendíamos a uma média de vinte e cinco pessoas por dia. Não havia condição de atender mais, porque naquelas situações o motor era em velocidade baixa, você demorava muito para abrir um dente.

Eu cheguei a tratar de três canais, para não arrancar os dentes da frente do paciente, que seria muito desagradável. Mas obturava o canal sem controle radiográfico. Ele parava de sentir dor, mas eu orientava fazer uma radiografia quando chegasse ao Brasil, para ver se tinha ficado bem feito. Já os molares eram todos arrancados, não tinha condição de tratar assim.

Certa vez houve um caso, às onze e meia da noite, de um soldado com dor de dente. Foram na barraca chamar o Tenente Adolfo, dentista do primeiro posto, dizendo que o soldado estava alucinado, que queria dar um tiro na cara de tanta dor, que tinha que arrancar o dente. O Adolfo disse para ele ir dormir e procurar por ele no dia seguinte de manhã. Praticamente não se enxergava direito dentro das barracas à noite.

O irmão desse soldado era o responsável pelo rancho na minha Companhia no acampamento e foi me chamar, me pedindo para fazer alguma coisa pelo irmão.

Eu fui lá ver e pedi para ele levar um lampião. O dente estava quebrado, não dava para fazer canal. Tinha que arrancar. Quando eu acabei de anestésiar para começar a fazer o procedimento, ele disse: “a dor passou, já posso ir”.



Liras guardadas por Israel – moeda emitida pelo exercito americano durante a guerra.



SHILLING

EMIS EN FRANCE  
FRANCS

780891

DIX

10

FRANCS

2

SERIES 1943

ISSUED IN  
ITALY

2  
LIRE

2

2

A 60532123 A

SERIES 1943

2

ISSUE

ITALY

1

REPUBBLICA ITALIANA

MINISTERO DI STATO  
CORSO LEGALE  
LIRE

DVE

MINISTERO DEL TESORO

IL CAPOFILA SPICOLI



5

1943

2

EMIS EN FRANCE  
FRANCS

2



Israel na II Guerra Mundial

Aí eu expliquei que não era assim, que se não arrancasse a dor ia voltar. Arranquei o dente dele, dei dois pontos. O procedimento levou uns vinte e cinco minutos.

Depois disso, o irmão dele, o que era o responsável pelo rancho, ficou muito agradecido. Me falou para não almoçar mais com o pessoal, para ir almoçar na barraca dele. Preparou uma comida maravilhosa, uma fritada. O pessoal tinha que entrar na fila para encher a marmita. Eu comi lá com ele umas duas vezes, mas depois achei que ficava feio esse privilégio e resolvi comer com o pessoal todo mesmo. A comida não era ruim não. Tinha até sobremesa, geralmente uma salada de frutas.

Todo dia a gente ganhava um maço de cigarros. Eu, como não fumava, vendia ou trocava por outras coisas. Numa ocasião até fumei cachimbo lá, porque você podia escolher receber o cigarro ou o fumo para cachimbo. Aí um grupo resolveu pedir o cachimbo. Eu fui na onda, fumei quatro ou cinco dias e depois desisti. Ainda tenho o cachimbo guardado em casa. E tenho uma foto fumando cachimbo na Itália.



Cachimbo do Israel



Israel e companheiros pós guerra no Vaticano

Mesmo chegando em fevereiro ainda pegamos um frio tremendo, abaixo de zero. Eu dormia fardado, dentro da cama-rolô, como num saco, e com gorro e luvas. Vinha muita umidade do chão.

No acampamento o “vaso sanitário” era uma tábua retangular comprida, com mais ou menos meio metro de altura e com uns quarenta buracos, sem divisória.

Ao lado de cada buraco, um rolo de papel higiênico. No princípio o pessoal tinha vergonha, mas depois foram acostumando e tinha horas que havia trinta pessoas lá ao mesmo tempo. A minha Companhia, a 12ª do Depósito de Pessoal, tinha mais de quatrocentos homens. Geralmente uma Companhia tem cerca de cento e trinta homens.

Para o serviço de lavanderia o pessoal pagava as mulheres italianas, que levavam em casa e traziam. A farda mesmo eu nunca lavei, fiquei seis meses usando e nunca lavei. Teve uma italiana que lavava nossa roupa, lavava cuecas, meia, camisa, e pedia cigarro como pagamento. Certa vez ela pediu borra de café, o café usado que ela coava novamente para fazer um café em casa. Quando consegui, ela só faltou chorar.

Numa ocasião apareceu no acampamento um dentista italiano, lá da cidade de Staffoli, e foi falar com o Alfredo Ferrante, que era descendente de italiano, pedindo algumas ampolas de anestésico. No acampamento nós tínhamos anestésico à vontade. O Ferrante me perguntou: "você acha que fica mal a gente dar uma caixa para ele?". Uma caixa tinha umas cinquenta ampolas. Eu achei que devia dar. O Ferrante deu. O dentista, agradecido, nos convidou para ir à casa dele. Conhecemos o consultório dele, que era bacana. Ele nos deu um livro, em italiano, sobre odontologia. Havia a ilustração de um dente, mostrando a evolução de uma cárie até o canal, era um livro bacana.

Eu não andava armado lá, deixava a pistola na barraca. Ninguém andava armado no acampamento. A única vez que eu saí armado foi para ir à Florença, em uma folga.

Um episódio interessante foi o da prisão da Margarida Hirschmann, a brasileira que trabalhava como locutora da Rádio Auriverde, fazendo contrapropaganda, desestimulando a tropa brasileira. Ela foi detida por um oficial americano e depois entregue ao comando brasileiro, perto do final da guerra. Ela esteve presa no acampamento onde eu estava, em Staffoli, eu a vi lá. Era uma moça bonita. Voltou presa ao Brasil, de navio, foi julgada e acabou indultada poucos meses depois.

A guerra acabou para nós no dia 02 de maio, quando a Itália estava livre. Comemoramos muito. Tudo mundo pulou, aquela alegria tremenda. E depois, no dia 08, com a rendição alemã, a mesma coisa.

Eu fiquei sete meses na Itália, de fevereiro a setembro de 1945. Uns três meses depois de chegar eu fui promovido a 2º Tenente R/2, que foi como eu fiquei a maior parte do tempo e o que eu sou até hoje.

Depois que a guerra terminou, o pessoal começou a receber férias para dar uns passeios, enquanto aguardava o retorno. A turma da saúde era difícil conseguir dispensa, tinha muito trabalho. Até que um dia tivemos uma viatura, para fazer uma "tocha", que era como o pessoal se referia às saídas do acampamento. Fomos eu, um médico, um intendente e um soldado motorista. Gasolina tinha à vontade, era só parar em um posto de gasolina americano e encher o tanque. Dinheiro não tinha, mas tinha cigarro para fazer troca. Fomos até Veneza, fomos passeando na Itália e chegamos até a França. Cheguei em Paris no dia 14 de julho, a primeira comemoração da Queda da Bastilha depois da vitória na guerra. Hoje não é possível nem imaginar a alegria tremenda do povo na rua, a comemoração, a algazarra. A gente mal podia andar na rua. Tentamos uma pensão para dormir, mas não tinha nada. A cidade estava totalmente lotada.



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FEB

# DIPLOMA

Membro honorário do IV Corpo do Exército Americano

A Diretoria Central da ANVFEB confere o presente Diploma

ao *Veterano Osvaldo Cordeiro de Farias*

(EX-VI) transcrição da autorização contida no Boletim Interno nº 164, de 27 de junho de 1945, da 1ª Divisão de Infantaria Divisionária.

"Quartel General do IV Corpo - **considerando** que a 1ª DIF lutou continuamente com o IV Corpo durante a sua participação na campanha da Itália, e **considerando** que seus chefes energicos e o espirito combativo dos seus homens, contribuíram grandemente para o sucesso do IV Corpo ao aniquilar os exercitos alemães na Itália e **considerando** as magnificas vitórias por elas alcançadas em Castelo, Castelnuovo e na avançada do Vale do Pó, abrihantaram o nome das armas aliadas. **Em consequência** no quarto dia de junho de 1945, por este documento, conferimos ao ilustre comandante **Gen. João Batista Mascaranhas de Moraes** e seus capazes assistentes **Gen. Euclides Zenóbio da Costa** e **Gen. Osvaldo Cordeiro de Farias** e a **todo o pessoal da 1ª DIF** o título de Membros Honorários do IV Corpo".

Willis D. Crittendenberger  
Major General, U.S. Army, Comandante

Sergio Gomes Pereira  
Cel. Presidente ANVFEB



CAMALORE, MONTE PRANCO, LA SERRA  
MONTE CASTELLO, SOPRASSASSO  
CASTELNUOVO, MARANO SU PANARO  
SAN BENEDETTO, BARIGA, MONTESI  
ZOCCA, COLLECCHIO, FORNOVO



Paramos a viatura e andamos pela cidade. Todos comemoravam. As mulheres passavam, nos abraçavam e beijavam. O pessoal ficava maluco.

Conseguimos nos hospedar a uns dez ou vinte quilômetros de lá, numa cidadezinha. Pagamos em cigarro. Levamos uns seis dias nessa viagem toda, até chegar de volta ao acampamento.

Para o retorno ao Brasil, fiquei quinze dias em Francolise, na Itália, aguardando o embarque de volta. Quando nós embarcamos no navio brasileiro Duque de Caxias, para retornar, eu encontrei com a Clarice Lispector, que subiu a bordo para nos cumprimentar. Ela me reconheceu, do tempo que éramos vizinhos, veio falar comigo, perguntou pelo meu irmão.

Depois de partir da Itália, paramos em Portugal, onde houve um desfile de tropas brasileiras, comemorando a vitória. Eu estava adido ao Estado-Maior, no palanque. Quando chegamos na Praça Mauá, no Rio de Janeiro, eu nem desfilei. Meu tio Guedes, irmão do meu pai, estava me esperando lá no porto. Fui logo para casa. Só dois dias depois é que eu voltei para a Vila Militar. Chegando na vila em que eu morava, na Rua Lúcio de Mendonça, estava toda enfeitada, cheia de bandeirinhas do Brasil. Houve uma festinha em casa, com os parentes e os vizinhos.

Durante a guerra nós tínhamos alguma comunicação. Eu recebi cartas da minha mãe e de algumas primas. Na volta da guerra eu fui logo licenciado do serviço do Exército. Aí começou a minha vida profissional como dentista.







Reunião anual dos aspirantes da FEB  
turma de 1944 no RJ – final da década de 40/50





Reunião anual dos aspirantes da FEB- turma de 1944  
no RJ - final da década de 40/50

# CARREIRA ODONTOLÓGICA

Retornando da guerra, ainda antes de me casar, eu voltei para o consultório que dividia com o meu colega Waldemiro Novais. Eu trabalhei também por mais um ano como voluntário na Beneficência Israelita, que ficava na Rua Joaquim Palhares. E trabalhei ainda no Instituto Clínico de Madureira, uma vez por semana, meio expediente, por quatro horas, fazendo só extrações. Ganhava meio salário mínimo, na época.

A vida era bastante dura, com pouco dinheiro e muito trabalho. A situação começou a melhorar quando entrei para o serviço público.

Comecei a trabalhar na Prefeitura do então Distrito Federal em 1947, quando uma lei determinou o aproveitamento de ex-combatentes da FEB no funcionalismo. Solicitei então uma vaga, junto com outros três ex-combatentes dentistas, e logo fomos nomeados, primeiro como interinos e depois efetivados.

Fui designado para a Secretaria de Educação e Cultura. Me apresentei ao diretor e pedi para ficar em uma escola que ficava pertinho da minha casa, que eu sabia estar sem dentista. A escola ficava no fim da Rua Mariz e Barros, esquina com a Rua São Francisco Xavier, na Tijuca. Ele me olhou e disse: "ah, meu filho, tem o pessoal lá de Bangu, que tem que descer, tem o pessoal antigo para vir. Você tem que ir lá para cima, está começando, tem que fazer um rodízio. Tem escola para você em Bangu, em Santíssimo ou em Campo Grande". Eu escolhi Bangu.





Prefeitura Distrito Federal em 1947.

Fiquei três anos em Bangu, dando um duro danado. Acordava às cinco horas da manhã, pegava o trem antes das sete horas e chegava na escola às oito horas em ponto. Nesse período, só faltei ao trabalho uma única vez. E digo a razão: estava indo trabalhar, um dia de chuva, escorreguei na lama e caí no chão. Fiquei todo sujo de lama e não tive coragem de ir para a escola assim. Voltei para trocar de roupa e aí já não daria mais tempo de chegar no horário. Foi a única vez que eu faltei, em três anos.

Fiz uma amizade muito grande com o pessoal do trem, que ia sempre também no mesmo horário. A gente ia batendo papo. Fiz amizade com o José Farah, que era oficial administrativo do estado. Ele ia no trem três vezes por semana, para visitar a mãe idosa em Santíssimo. Visitava, arrumava a casa dela, fazia as compras, almoçava com ela e retornava por volta de uma hora da tarde. Eu admirava muito a dedicação dele à mãe.

Bom, meu horário na escola era até meio-dia. Eu saía sempre cinco minutos antes, para poder pegar o trem de meio-dia e dez, chegando no Centro em tempo de trabalhar no consultório. Se perdesse esse trem só teria outro a uma da tarde. Um dia, depois de três anos, uma professora reclamou com a diretora que eu saía mais cedo e ela e as outras professoras, que saíam no horário, só pegavam o trem de uma hora da tarde e isso não era justo. Queriam que eu saísse meio-dia também. A diretora veio falar comigo que eu não ia mais poder sair antes do horário, que tinha que ficar até meio-dia. Eu digo: “está bem, não tem problema”.

No dia, eu saindo mais tarde, peguei o trem de uma hora da tarde. Dei de cara com o Farah. Ele estranhou o meu horário e eu contei a história toda. Ele me perguntou: “você não quer uma transferência? Eu sei que tem uma vaga na Escola



Estação de trem em Bangu

General Mitre". Essa escola ficava no bairro da Saúde, para mim era uma maravilha. Na época ainda não existia a Avenida Presidente Vargas, era tudo diferente: ali passavam os bondes, bem em frente. Era só eu descer do bonde, atravessar uma ponte, ou às vezes até mesmo pela linha férrea, e estava na escola. Ele me pediu meu nome completo e matrícula. Eu dei, mas sem acreditar que ele conseguiria. Era uma quarta-feira. No dia seguinte eu fui trabalhar, mas na época as escolas não abriam às quintas-feiras, era dia de lavar a roupa das crianças e coisas assim, era só expediente interno. Na sexta-feira, quando cheguei de manhã para trabalhar, a diretora veio falar comigo: "o senhor está zangado com a gente?". Eu digo: "não, por que?". Ela me disse que tinha saído no Diário Oficial que eu seria transferido para a Escola General Mitre. Não acreditei. Ele conseguiu isso em menos de quarenta e oito horas.

Para mim foi uma maravilha! Tinha trabalhado por três anos em Bangu, acordando de madrugada. Trabalhando perto de casa, ganhei três horas por dia. Levava dez minutos de casa até a escola. Isso foi mais ou menos no meio do ano de 1950, junho ou julho. Comecei na escola.

Nunca mais encontrei com o Farah, não consegui nem agradecer. Anos depois, eu estava indo para o meu consultório, passando pela Rua das Marrecas, e ele estava na porta de um bar. Aí conversamos, me apresentou a uma turma. Ele já era auditor fiscal, um cargo altíssimo da Prefeitura. Eu agradeci, contei as histórias, disse que estava com um consultório por ali. Ele foi meu cliente. Nunca cobre nada dele. Ele já tinha feito por mim algo que ninguém faz.

Ainda no início dos anos 1950, em paralelo com o trabalho na Prefeitura, continuava com clientes particulares. Vendi a minha parte do consultório de Benfica para o meu antigo sócio, que pagou o que eu gastei. Aí eu pude montar um consultório bom, de gabarito, na Rua Alcindo Guanabara, números 17 e 21, no décimo quinto andar, sala 1505.

No serviço público, continuava atendendo na Escola General Mitre. Nessa época, como quinta-feira não havia aula nas escolas municipais, os dentistas que atendiam nas escolas, aproveitavam o dia para clinicar em um posto de saúde. Na minha região, cercanias do Centro e da Praça da Bandeira, éramos cerca de quinze dentistas. Fazíamos um rodízio e cada quinta-feira iam cinco trabalhar no posto de atendimento médico localizado na Rua Joaquim Palhares.

Teve um dia que cheguei para trabalhar, estava chovendo e já havia duas crianças esperando. Obturei os dentes, depois chegou mais uma criança e assim foi indo. Quando já passavam uns cinco minutos das dez horas da manhã, chegou uma criança com dor de dente. A secretária informou que já tinha passado do horário, só distribuía senha até as dez horas. Mas a gente só saía meio-dia. Achei que não era certo não atender a criança por causa de cinco minutos, com dentistas disponíveis no posto. Eu disse: “eu acho que tem que atender”. Outros colegas concordaram.

Precisaria extrair o dente, então era necessário fazer uma radiografia. O paciente tinha que ir em um outro posto da Prefeitura para fazer a radiografia, na Rua Riachuelo. Como estava chovendo, eu achei desnecessário e disse que poderíamos fazer a radiografia no nosso posto mesmo, onde tínhamos um raio-x sem uso. Tinha a película para fazer. Os funcionários responderam que não recebiam para fazer radiografia. Eu mesmo fiz a radiografia, que já costumava fazer no meu consultório. Depois, uma dentista foi extrair o dente do menino, mas teve dificuldade. Eu fui ajudar e tudo acabou bem.

No dia seguinte eu fui chamado pelo chefe do posto, que era médico. Acabei sendo nomeado chefe do serviço dentário e radiologista do posto!

Aí eu quase não atendia mais os pacientes. A minha função de chefia era visitar as escolas, ver como estava o funcionamento do serviço dentário, o uso do material, conferência do relatório mensal, essa parte burocrática e administrativa. Eu visitava as escolas da região, como a Campos Salles (na Praça da República), a Pedro Varela (onde eu tinha trabalhado), Azevedo Sodré, Martins Júnior, Benjamin Constant, Bárbara Ottoni, Benedito Ottoni, Canadá (no Morro de São Carlos), Visconde de Ouro Preto (que ficava quase em frente ao quartel da Polícia Militar da época) e por aí vai.

Eu fiquei nessas funções por cinco anos. Quando mudou o chefe do posto, fui substituído na chefia do serviço dentário, mas continuei atendendo na radiologia. Depois de um tempo, aquele posto de atendimento médico foi extinto. Fui transferido para uma escola na Rua Haddock Lobo, de nome Cláudio Melo, para onde levei meu gabinete dentário e o aparelho de raio-x do antigo posto. Completei um ano lá e me aposentei.

Naquela época, quem trabalhasse direto com raio-x podia se aposentar após cinco anos. Eu completei seis anos na radiologia. No total, já tinha vinte e cinco anos de trabalho, contando ainda com o tempo no Exército. Então me aposentei do serviço público, mais ou menos em 1968.

No consultório eu trabalhei ainda até completar sessenta e nove anos e meio de idade, no início dos anos 1990. Estava com uma dor de coluna muito forte, não podia mais trabalhar. Havia também o problema da radiação, porque como eu também era radiologista, ficava muito exposto. Naquela época não havia essa preocupação, você ficava na sala do exame, segurando a película para as crianças. Hoje quando faço exame de sangue as minhas plaquetas estão entre trinta e quarenta mil, muito baixas, um absurdo. E vem daí, dessa exposição. Hoje em dia o dentista e o paciente têm que usar avental de chumbo, e o profissional sai da sala quando o exame é realizado.

# CASAMENTO, FAMÍLIA

Eu já conhecia a Riva, que viria a ser minha esposa, desde criança. A mãe da Riva tinha uma irmã que foi casada com meu tio, irmão do meu pai, então a gente tinha esse meio parentesco. Eles tiveram um filho, chamado Reiven Josef Rosenthal. A mãe dele morreu no parto. Foi a mãe da Riva e a família dela que cuidaram da criança. Meu tio ficou viúvo. Eu mal conhecia esse meu primo. Quando eu passei a ir à casa deles, ele já tinha cinco anos. Eu brincava um pouco com ele, que era um mês mais velho que eu. Quando ele estava na faculdade, fazendo Engenharia, tinha uns vinte e dois anos de idade, foi para o CPOR, na arma de Artilharia. Fizemos o CPOR juntos, até o segundo ano, quando ele faleceu em um acidente no treinamento: quando estava montando a cavalo, caiu e bateu a cabeça no trilho do bonde. Fraturou a perna, foi para o HCE [Hospital Central do Exército, em Benfica, no Rio de Janeiro] mas acabou tendo um derrame e faleceu à noite.

Nesse convívio de infância com esse primo e a família da Riva, éramos amigos.

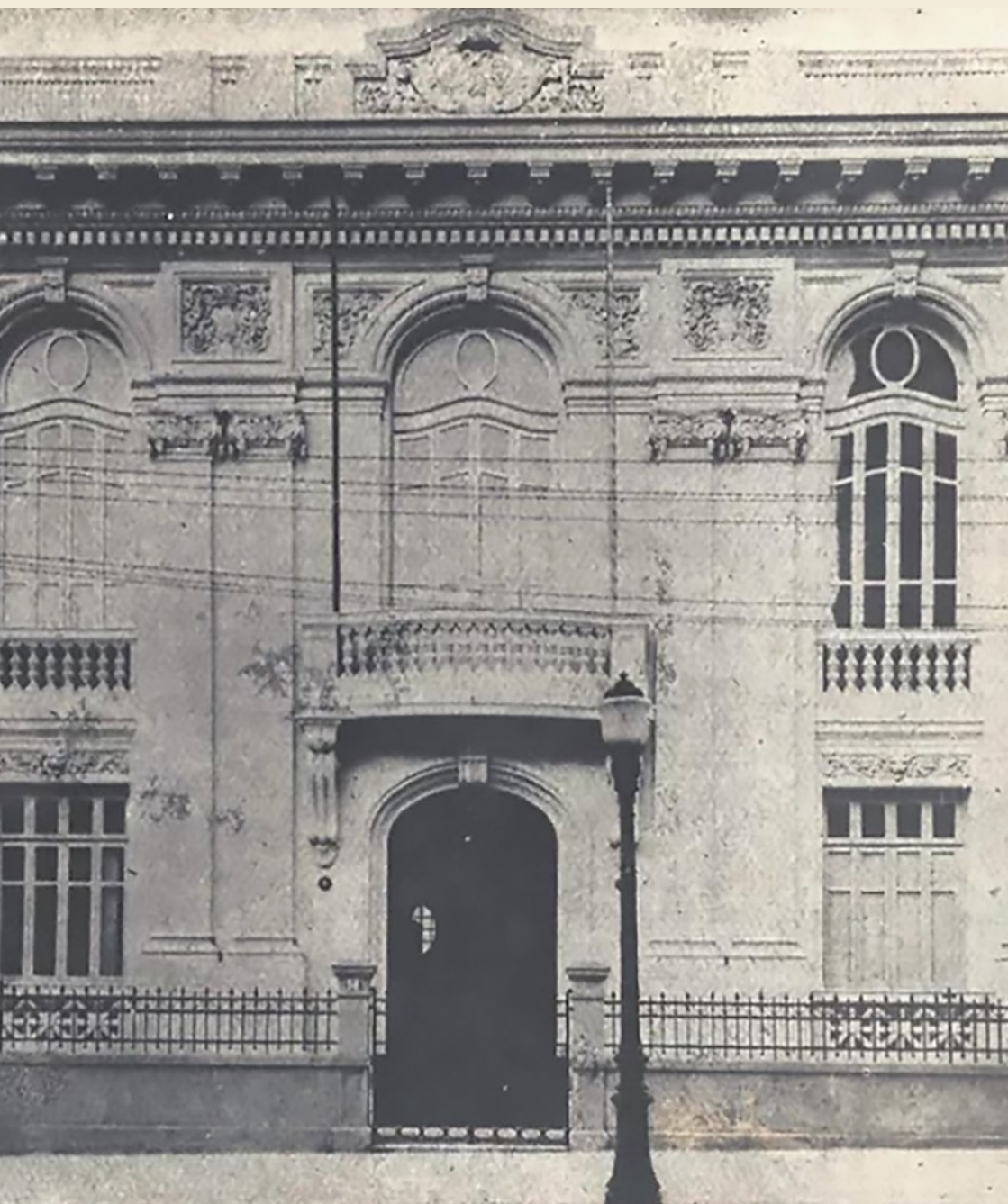
Após a guerra, na segunda metade dos anos 1940, eu voltei a frequentar o Clube Cabiras, ir aos bailes, reativar o contato com colegas. Eu e a Riva nos encontrávamos nos bailes, eu a acompanhava até em casa depois. Ela morava na Rua Visconde de Itamaraty, era vizinha da Virgínia Portocarrero, que tinha sido enfermeira da FEB.

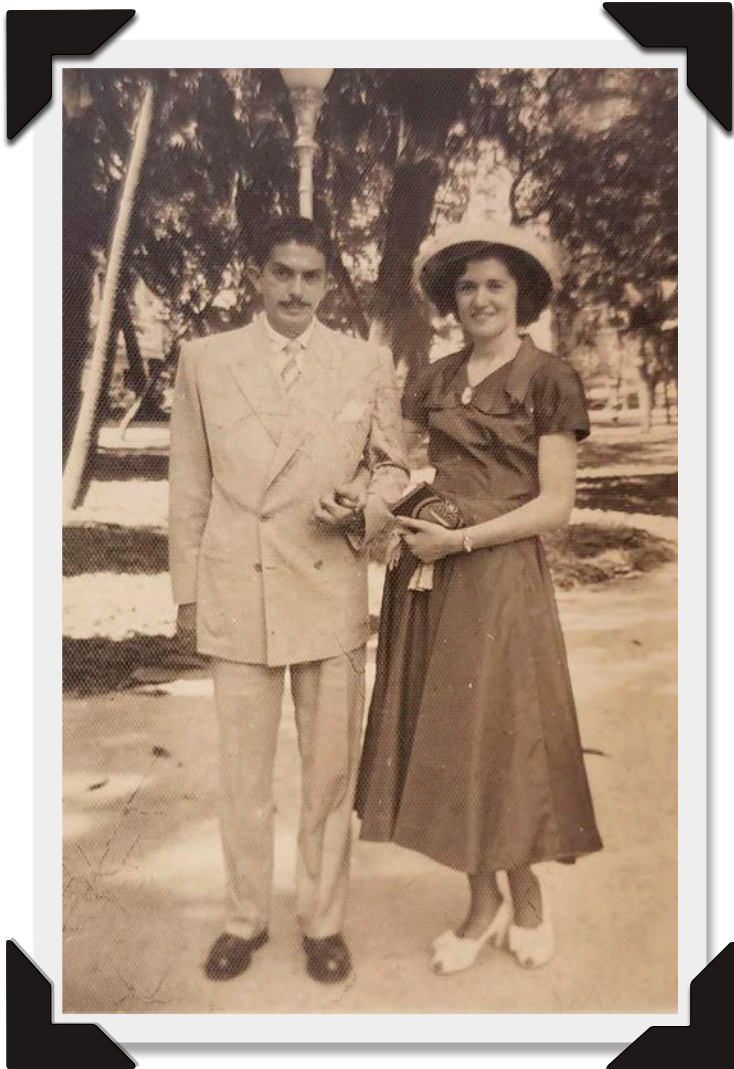




Riva no período da faculdade

Clube Cabiras  
Sede da Sociedade Bené Herzl, centro comunal  
Sefaradi, inaugurado em 1929





dia do casamento civil

Eu e a Riva namoramos por um ano. Casamos no Grande Templo Israelita, no Centro do Rio de Janeiro, em 08/12/1948.



Casamento religioso no Grande Templo

O Rabino que fez o nosso casamento foi o Signovski. Ele depois foi morar em Israel com a família. Depois da cerimônia religiosa fizemos uma festa na casa da minha sogra.

Fomos passar a lua de mel em uma cidadezinha que não me lembro o nome, no estado do Rio de Janeiro mesmo. Fomos de trem. Foi sugestão de uma amiga dela, dizendo que era um lugar muito pitoresco. Passamos uma semana.

Fomos morar na Rua Pereira Nunes, na Tijuca, em um prédio de três andares. Eu trabalhava no meu consultório e ela já trabalhava no Instituto Nacional de Tecnologia (INT). Ela já tinha um cargo alto lá. Quando nos casamos, ela ganhava mais do que eu. Dei o golpe do baú!

Ela era uma mulher muito inteligente, muito preparada. Acho que era de família, quase todos os irmãos foram trabalhar com as ciências exatas, físicos e químicos de muito destaque.

A Riva entrou para o INT ainda estudante, antes de se formar em química. Quando abriu o concurso para química, só tinha uma vaga. Ela passou em primeiro lugar. Tinha um funcionário antigo do INT, muito mais velho, já conceituado, diretor de uma revista, que ficou com nota inferior à dela e não passou. Queriam dar a vaga para ele, que tinha o dobro da idade dela.

Uma chefe de departamento ouviu a conversa e denunciou para o DASP [Departamento Administrativo do Serviço Público, órgão criado em 1937 diretamente subordinado ao Presidente da República, regulava os concursos, os orçamentos e o funcionamento das repartições públicas]<sup>15</sup>. Ela então foi aprovada, como deveria.

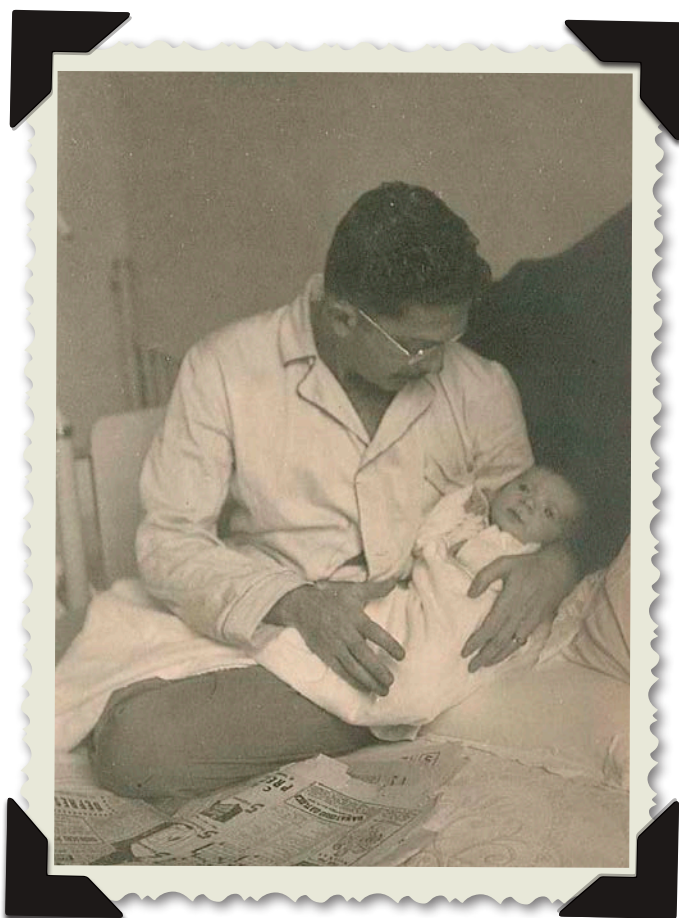
<sup>15</sup> Verbete DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DO SERVIÇO PÚBLICO (DASP) no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Acessado em 13/04/2019.  
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-administrativo-do-servico-publico-dasp>



Israel com a filha Mirian

Em 1949 nasceu minha primeira filha, Mirian Rosenthal, e um ano e meio depois nasceu meu filho Ruben Rosenthal. Ficamos muito felizes. A Riva contratou uma babá estrangeira, já que nós dois íamos trabalhar.

Naquela época era muito difícil arranjar apartamento, foi um amigo que conseguiu. Era um apartamento bom, mas era no terceiro andar, sem elevador. Dois quartos, sala, quarto de empregada, varanda, cozinha. Era um aluguel congelado,



Israel com filho Ruben



Israel com filho Ruben



Israel e Riva com filha Mirian

sem aumento. Tinha uma sala de jantar colonial, mobiliada, muito bonita, pela qual tivemos que pagar uma espécie de luva. Enquanto eu morava lá tive que operar uma hérnia. O problema foi subir as escadas na volta do hospital, precisei ser amparado.





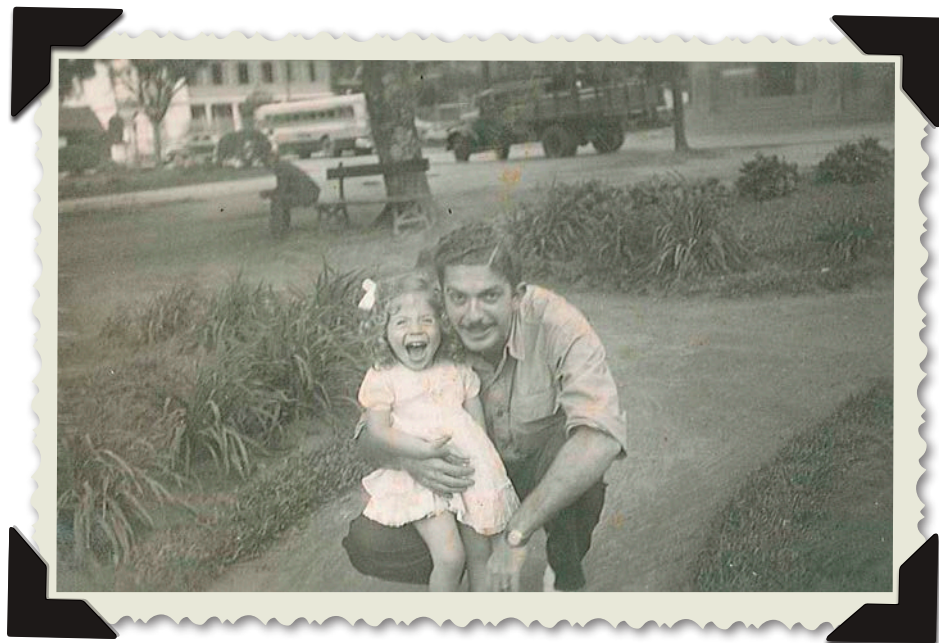
Mirian com família do Israel



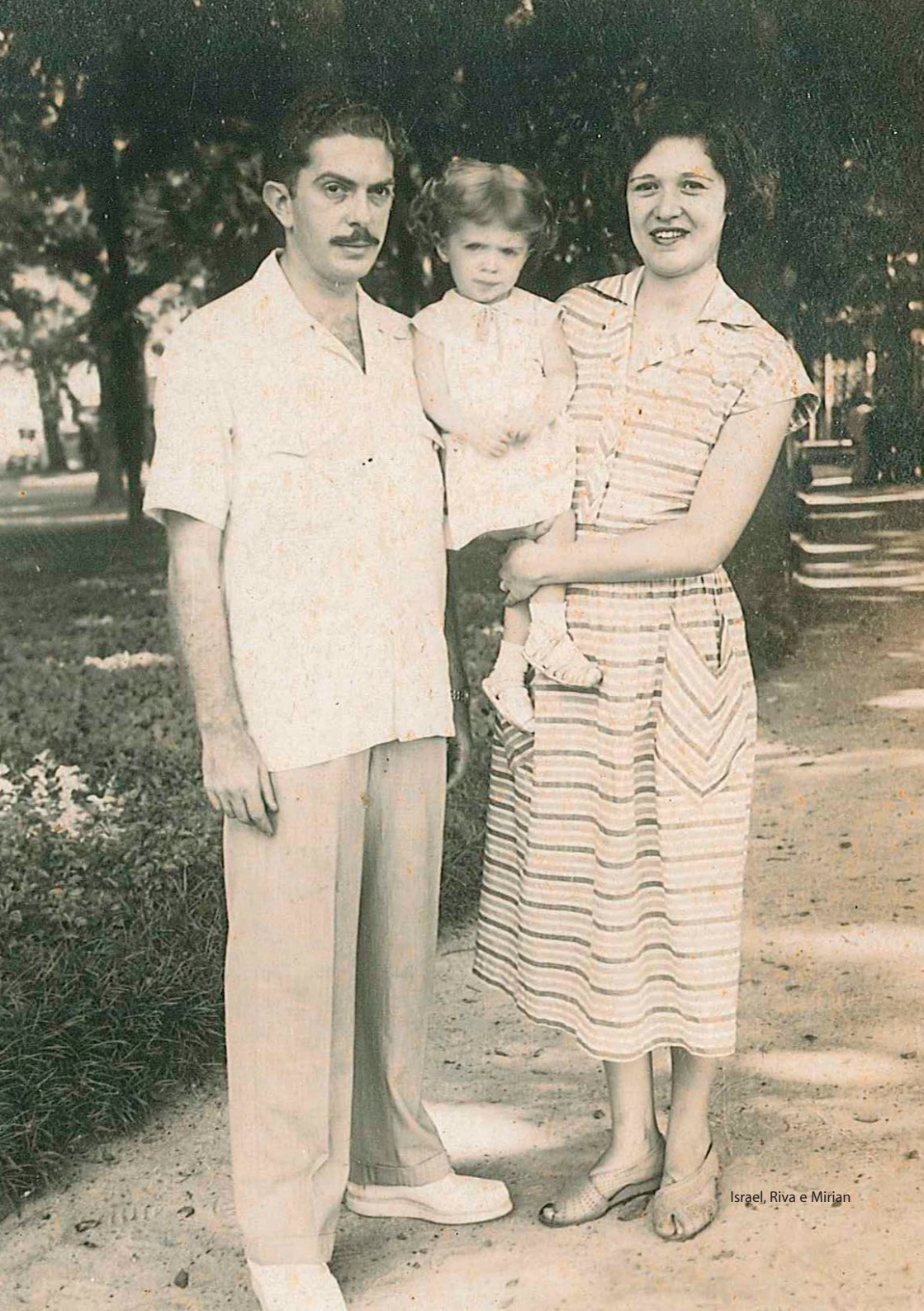




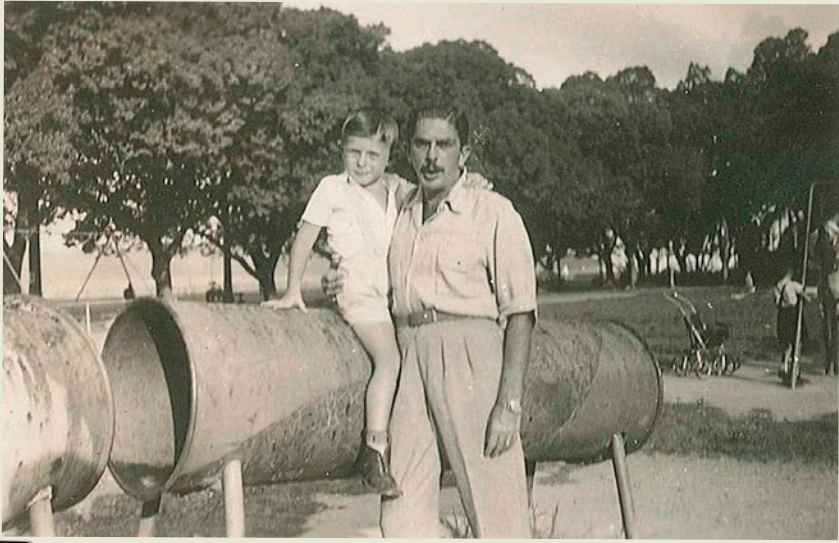
Israel e Ruben



Israel e Mirian



Israel, Riva e Mirjan



Ruben e Israel

Quando minha filha nasceu, no Hospital São José, foi que soubemos que era menina. Na época era tudo diferente, não se sabia o sexo antes, não se assistia ao parto. O nascimento dela foi tranquilo, já o Ruben foi às pressas. Os dois nasceram com o mesmo médico, que era muito conceituado e, pelo que me lembro, era da família da minha sogra.

Quando minha mãe casou de novo e foi morar em Copacabana, nós quatro nos mudamos para a casa na Rua Lúcio de Mendonça, onde eu tinha morado quando solteiro. Vila número 21, casa 04. Ficamos lá uns dois anos, os meninos já começaram a frequentar a escola. Não tínhamos televisão nessa época, os meninos iam assistir desenho na casa da vizinha, casa 05.

No carnaval eu comprava lança-perfume, que na época era permitido. A brincadeira da turma era jogar um no outro. Íamos todos a um baile em Botafogo, que os meninos gostavam bastante.



filhos Mirian e Ruben

IMPrensa  
O FRONT

HISTORIA do Brasil  
246



ESTAMPAS Eucalot  
HISTORIA do Brasil  
Serie 248



ESTAMPAS Eucalot  
HISTORIA do Brasil  
Serie 249

ois comandantes  
GEN. MARK CLARK  
GEN. MASCARENHAS  
DE MORAES



Visita de Churchill





coleção de figurinhas  
Eucalol do Israel



Eu costumava ensinar as crianças a jogar carta, bola de gude, fazia truques de mágica. Essa coisa da mágica começou com um veterano da FEB que fazia apresentações de mágica. Uma vez eu organizei uma apresentação dele na Associação, que foi um sucesso. Ele me ensinou um truque e assim eu comecei a aprender. Eu comprava os truques em uma loja no Centro, perto do Terminal Menezes Côrtes.

Nessa época a gente frequentava o Cinema São Luiz quase toda semana. Às vezes ia no Pathé, no Centro.

Eu gostei de colecionar muitas coisas durante a vida, desde garoto até com os filhos: figurinhas Eucalol, selos, moedas.

Essas moedas, era interessante, eu colecionava para outras pessoas também. Quando lançava uma moeda nova, eu separava quatro exemplares: para mim, Riva, Mirian e Ruben. A família toda tinha um conjunto de moedas.

Os meninos começaram a estudar no Colégio Pedro II quando nos mudamos para o Catete, um apartamento na Rua Artur Bernardes, onde moro até hoje. Eu não queria não, foi ideia da Riva, que achava a casa da vila muito antiga, com mobília antiga. Foi uma pena. Esse prédio, aliás, foi construído pelo David Lerner, que era meu amigo desde os seis ou sete anos de idade.



Clara, Israel, Ruben e Mirian

Do Catete a gente ia pescar na Praia do Flamengo, antes do aterro. Era uma praia bem pequena, tinha uns cinquenta metros de extensão. Depois de atravessar a pista de carros, você ultrapassava uma mureta de pedra e descia uma escada para chegar na praia. Aí só tinha pedra, não era areia. Ficávamos nas pedras para pescar. A isca era um marisco. Uma vez eu peguei um peixe que até me assustou, nunca tinha visto. Era um peixe voador. Uma coisa nojenta, horrível. Joguei de volta no mar. A gente costumava pescar mesmo era cocoroca.



Israel e Riva com Irmãs, maridos e filhos



Israel e Riva com Irmãs, maridos e filhos



Israel e Riva com sogra Anita e filhos Ruben e Mirian

1960



Israel e sogro Mauricio



Israel, Riva e filhos

Nas férias, com os meninos pequenos, nós frequentávamos muito Teresópolis e São Lourenço. Íamos nós quatro, de ônibus.

Me recordo de uma viagem que fizemos em família para Teresópolis. O Ruben devia ter um ano de idade. Fomos com babá e cozinheira, chique na época. Ele foi brincar na casa da irmã da minha cunhada, com outras crianças. Pegou coqueluche. Foi uma coisa terrível, de meter medo. Ficamos apavorados.

Me lembro ainda da tragédia que foi o primeiro carro que tivemos, no final dos anos 1950. A Riva comprou um Volvo alemão, de um amigo do Instituto. Ele levou o carro para fazer uma regulagem em casa. No caminho, bateram em um ônibus e arrebentaram o carro. Ficou destruído, pegou fogo. Eu nunca cheguei a sequer ver o primeiro carro que tivemos. Vendemos o esqueleto que sobrou para o ferro velho. Depois compramos um Fusca azul, que durou anos. A Riva que dirigia quase sempre, eu dirigi pouco.



Bar Mitzvah do Ruben no Grande Templo Israelita



Bar Mitzvah do Ruben no Grande Templo Israelita

Quando o Ruben fez treze anos, teve o Bar Mitzvah, também no Grande Templo Israelita. Naquela época ele já falava hebraico melhor do que eu, se saiu bem.

Quando a Mirian completou quinze anos fizemos uma festa no Clube Sociedade Hebraica, em Laranjeiras, com dança, música, jantar e tudo o mais. Era um grupo de meninas que estava fazendo quinze anos. Me lembro que custou um dinheirão. Na hora da comida, serviram uma espécie de pombo. Eu fiquei indignado! Um dinheirão para comer pombo? E o responsável não avisou que a bebida era por fora. Depois veio a conta!

Fora isso, tínhamos umas festinhas em casa nos aniversários dos meninos, só para a família e alguns amigos de colégio .

Nos estudos, a Mirian iniciou no colégio Scholem Aleichem e depois estudou com o Ruben no Eliezer Steibarg. Os dois fizeram o curso Vetor preparatório no Centro, creio que na Rua Álvaro Alvim, e ambos prestaram concurso para o Colégio Pedro II. O Ruben passou em primeiro lugar para o internato, que era em São Cristóvão. Tenho ainda a fotografia dele que saiu no jornal na época sobre isso. Mas ele não quis ficar interno e estudaram os dois na unidade de Botafogo.

O Ruben fez concurso para a Pontifícia Universidade Católica (PUC) cursar Engenharia. Fez estágio no INT e trabalhou na Nuclebrás. Depois conseguiu uma bolsa de estudo e foi para Londres, onde fez o doutorado na Imperial College. Quando retornou ao Brasil foi trabalhar em Campos, na UENF onde ficou até se aposentar.

A Mirian, depois do Colégio Pedro II, cursou Física na antiga UEG (UERJ), e mestrado em geologia na UFRJ, fez também estágio no INT, prestou concurso para a Petrobras e trabalhou no CEMPES (Centro de Pesquisas da Petrobras).

Depois vieram os dois netos, filhos da Mirian: Daniel, nascido em 1978, e Marcos, de 1981.





15 anos da filha Mirian



Israel com o primeiro neto Daniel

Acho que a memória mais viva que tenho dos netos, ainda crianças, é de quando eu os levava na casa da minha mãe, bisavó deles, e eles faziam muita bagunça, pulavam no sofá, corriam. Ela não dizia nada, nunca reclamava dos dois. Quando os bisnetos do marido dela, da família que ele tinha de um casamento anterior, iam visitar o apartamento e pulavam no sofá, ela reclamava: “não pode subir aí não, vai estragar o sofá, vai estragar”. Eles ficaram casados cerca de trinta anos, até ele morrer. Ela faleceu uns dois ou três anos depois [em 05/09/1984, aos 87 anos].

A família diminui por um lado, aumenta de outro. Hoje já estou nos bisnetos, e são cinco: Gabriel, Manuela, Hava, Liora e Yael.

Fora os descendentes diretos, tenho contato com poucos parentes ainda. Um deles é o meu primo Simão Rosenthal, filho do irmão do meu pai. Ele é químico, foi estagiário no INT, professor da Escola Superior de Guerra. É bem mais jovem do que eu, por isso não convivemos tanto na juventude. Eu me dava bastante com a irmã dele, Aída, professora de hebraico, que era mais próxima da minha idade, mas ela faleceu cedo.



neto Daniel, genro Abraham, Israel e neto Marcos



netos Daniel e Marcos



neto Marcos, Israel e neto Daniel



irmão José Rosenthal e Israel



Bar Mitzvá do neto Daniel



Bar Mitzvá do neto Marcos



Brit Milá do primeiro bisneto Gabriel

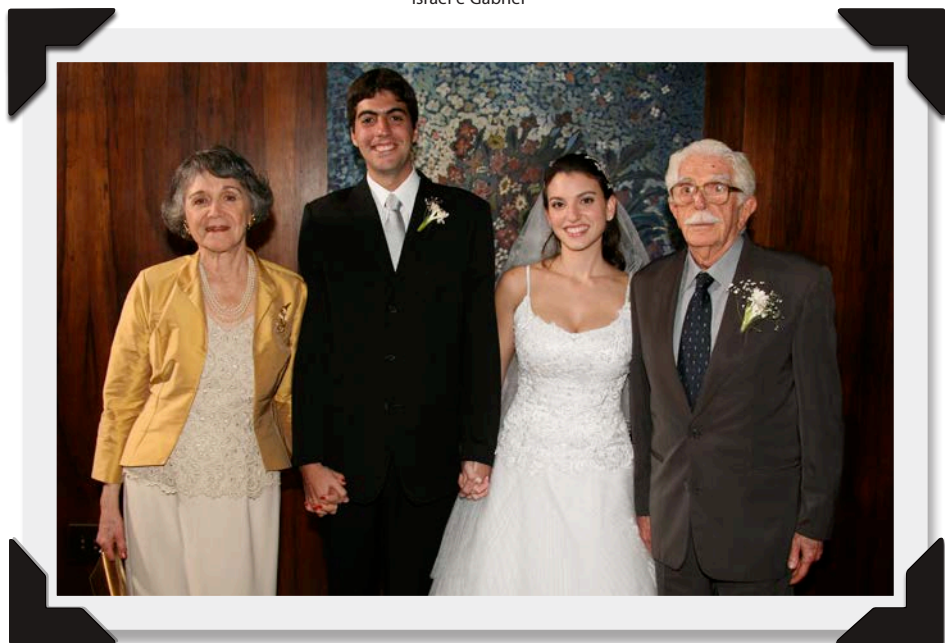


bisneto Gabriel





Israel e Gabriel



casamento do Neto Marcos com Anna Paulina Kuperman



nascimento primeira bisneta Manuela



nascimento segunda bisneta Hava



nascimento terceira bisneta Liora



nascimento quarta bisneta Yael

# ASSOCIAÇÃO, VIAGENS

A Riva, minha esposa, fez parte do Conselho Regional de Química. Anualmente havia uma reunião nacional, com todos os conselhos regionais. Ela ia sempre, e eu acompanhava. Cada vez era em um estado diferente. Creio que foi assim que começamos nossa longa lista de viagens, nacionais e internacionais.

Foram muitas e há muito tempo, algumas já se perderam na memória.



Israel e Riva em viagem do Conselho Regional de Química.



Israel e Riva em viagem do Conselho Regional de Química.

Tem uma viagem que eu me lembro bem, quando fomos visitar o Mato Grosso. Ela foi convidada para conhecer as plantações de babaçu, que era a especialidade de pesquisa dela. Fomos de avião, com passagem e estadia dela pagas pelo Instituto. Lá fizemos um passeio em um avião pequeno, teco-teco. Estava conosco um outro integrante da comitiva, morrendo de medo de entrar no avião, mas foi. Sobrevoamos toda aquela região muito bonita, e víamos as mulheres quebrando o coco do babaçu. Hoje em dia tem máquinas que fazem isso, mas naquela época era na mão. E dali extraía-se o óleo, o amido, o carvão e a fibra. Se aproveitava tudo. Enfim, ficamos por lá uns três ou quatro dias. Os meninos tinham ficado com a minha mãe.

Estivemos também na Bahia, no Maranhão, muitos lugares do país. Eu acabava assistindo também um pouco das palestras, dela e dos colegas. Depois cada um ia fazer o passeio que queria, conhecer as cidades.

Ainda pelo INT, fizemos algumas viagens internacionais. Lembro de uma, a primeira vez que estive nos EUA. Estivemos em várias cidades, Riva fez palestras. Em Nova York, onde passamos duas semanas, encontrei com um primo que não conhecia, filho de um irmão do meu pai que tinha nascido na União Soviética e imigrado para os Estados Unidos. Era um lado da família com quem tínhamos perdido contato.



Israel e Riva em Viagem



Israel e Riva em Viagem



Israel e Riva em Viagem









Israel e Riva em Viagem



Israel e Riva em Viagem



Israel e Riva em Viagem



Israel e Riva em Viagem



Israel e Riva em Viagem



Israel e Riva em Viagem



Outro grande motivo de viagens nacionais para mim foi participar dos Encontros de Veteranos da FEB.

A minha atividade nas associações de ex-combatentes começou mais tarde. Já em 1948 eu me associei à Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (AECB), que na época ficava na Praça Paris. Mas eu frequentava pouco, estava ainda trabalhando. Depois, em 1963, teve a divisão e fundaram a Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB). Eu logo me associei, e fiquei associado às duas, como sou até hoje. Mas eu passei mesmo a frequentar a ANVFEB muito tempo depois, quando ainda trabalhava no consultório, no início dos anos 1990, a convite do Coronel Sérgio Gomes Pereira, que assumiu a presidência e me chamou para dirigir o Museu da Casa da FEB.



Carteira da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil

O Museu da Casa da FEB foi criado e organizado pelo Major Adamastor Baptista Pereira, que foi quem conseguiu a maior parte do acervo, com doações. Ele era o diretor, mas teve um problema pessoal e precisou se afastar. Quem assumiu o museu então foi a Enfermeira Isabel Feitosa, mas durou pouco e ela também se afastou. Foi quando me convidaram então para assumir a direção do museu. Eu expliquei que não entendia nada sobre museu, mas não teve jeito: passei a ser o diretor do museu. Isso foi em 1991. A Associação funcionava todo dia, de meio-dia às seis horas da tarde. Era uma espécie de clube, o pessoal ia lá jogar carta, bater papo.



Cerimonia de entrega da medalha Marechal Mascarenhas de Moraes para Israel- 1992

Nos anos 1990 ainda havia muitos veteranos, os Encontros reuniam, literalmente, centenas. Era uma maravilha! A gente revia a turma toda. O evento reunia só o pessoal da guerra, e algumas esposas. Hoje em dia os Encontros ainda são realizados anualmente, mas com pouquíssimos veteranos, a maioria é filho, neto, amigo, historiador. Eu mesmo já não viajo mais, participo só quando acontece no Rio de Janeiro.

Acho que o primeiro Encontro dos Veteranos de que participei foi em 1993, em Campo Grande-MS. O General César Montagna, então presidente do Conselho Deliberativo, me chamou para compor a mesa diretora. Foi um encontro muito bonito, com passeios belíssimos pelo Pantanal. Depois desse participei de quase todos, enquanto a saúde me permitiu viajar.



medalhão dos encontros  
da ANVFEB





Reunião dos veteranos da FEB, 50 anos término da guerra

Em 2007 teve o encontro de Curitiba, que foi organizado pelo Coronel Osnélli Martinelli, que era o presidente na época. Acabou tendo um episódio trágico nessa viagem: o Martinelli, que já tinha um problema respiratório, piorou muito com o frio e a viagem de ônibus desde o Rio de Janeiro. Foi internado no hospital e acabou falecendo pouco depois. Era muito meu amigo! Nos conhecíamos desde os dezesseis anos, dos tempos dos bailes na Tijuca, como já contei antes.



Encontro dos Veteranos da FEB



Solenidade com a presença do marechal Levi Cardoso



Encontro dos Veteranos da FEB



XII Encontro Nacional Veteranos - BA



XII Encontro Nacional Veteranos - BA



Solenidade da FEB com a presença do General Vernon Walter



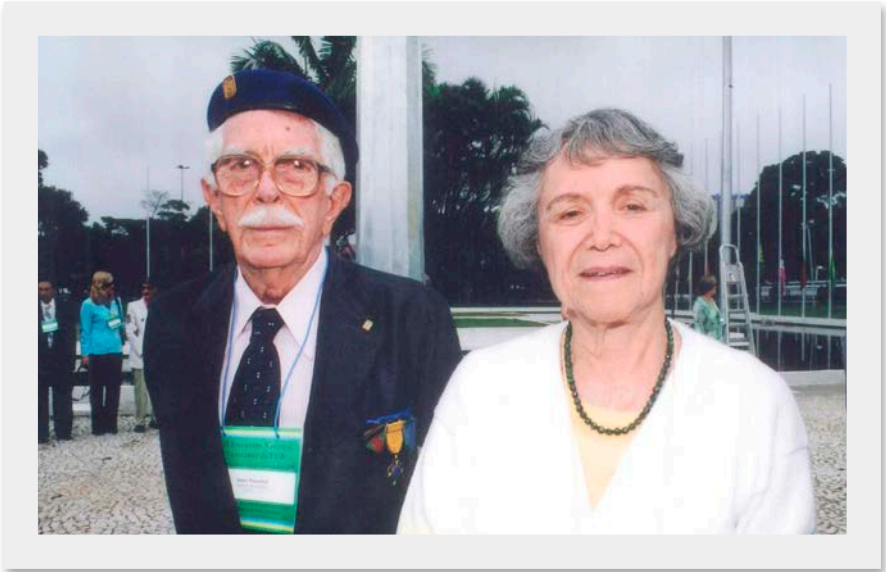
viagem da FEB – Reserva de Urucu – AM



XVI Encontro Nacional Veteranos - BH



Encontro Nacional Veteranos da FEB



XVIII – Encontro Nacional dos Veteranos da FEB - SP



XXII – Encontro Nacional dos Veteranos da FEB - SC



XXIII- Encontro Nacional dos Veteranos da FEB - RS



XXIII- Encontro Nacional dos Veteranos da FEB - RS





Solenidade da FEB com Marechal Levi Cardoso no Monumento dos Pracinhos - RJ



Solenidade da FEB em Muzambinho (MG) – Monumento aos heróis da II Guerra Mundial

PAVILHÃO 3





1 DE MARÇO

Solenidade da FEB



Solenidade da FEB ( Major Elza, Coronel Martinelli, Israel) Desfile de 7 setembro

Depois exerci vários cargos na ANVFEB: fui Diretor de Promoções Sociais, membro do Conselho Deliberativo, do Conselho Fiscal. O último cargo foi o de Presidente do Conselho Deliberativo, que exerci de 2009 até 2018, sendo o último veterano da FEB a exercer um cargo na Direção Central da ANVFEB, no Rio de Janeiro. Nessa ocasião, tive a honra de ser homenageado com o título de Presidente de Honra do Conselho Deliberativo.

Em 2009 apareceu na ANVFEB o Breno Amorim, disposto a nos ajudar depois de ver a reportagem do final de 2008, publicada em O Globo, sobre o fechamento iminente da Associação.

# A guerra dos pracinhas contra traças e cupins

Associação dos Veteranos da Segunda Guerra, sem recursos e abandonada, marca a data para fechar as portas



ISRAEL ROSENTAL observa fardes de pracinhas na sede da associação

Chico Oliveira

• No auge da campanha em Montese, na Itália, a bateria de canhões do segundo-tenente Hélio Mendes chegou a disparar 2.500 tiros contra os nazistas. A batalha, vencida pelos brasileiros, foi uma das mais difíceis ações dos pracinhas na Europa. Como observador avançado, Hélio tinha de se aproximar o máximo possível do alvo para fornecer a posição aos artilheiros. Hoje, 83 anos depois, ele e seus companheiros de campanha conhecem finalmente uma derrota. Contra traças e cupins.

Hélio é o presidente da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira. A entidade, que congrega os brasileiros que combateram na Itália e chegou a ter 5 mil sócios, está abandonada e prestes a fechar as portas. Reduzida a menos de 600 associados em dia com a mensalidade de R\$ 20, já não tem fôlego para manter os salários de oito empregados e despesas de manutenção. Um déficit mensal de R\$ 15 mil não oferece outra saída a partir do mês que vem, os empregadores cumprirão aviso-prévio e um mês depois é o fim.

A associação ocupa um estreito e modesto prédio de cinco andares na Rua das Marrecas 35, Centro do Rio. Na entrada, os visitantes são recebidos com a frase: "Corra pra contra a sua própria grandeza o povo que não cultua os seus feitos heróicos". Fracos e doentes (Hélio Mendes, de 83 anos, é o mais novo dos diretores), os pracinhas tentam uma última cartada antes de abandonar este ideal. Assembleia marcada para 16 de abril vai sacramentar a extinção. Em carta, pediram ao Palácio do Planalto doação de R\$ 300 mil para continuar.

Os heróis das campanhas de Montese, de Monte Castelo, do aprisionamento de uma divisão inteira alemã e tantos outros feitos históricos, em quase oito meses de campanha, guardam o fôlego que sobrou para a batalha final. 50 restos vivos, calculam os dirigentes, 15% do efetivo que enfrentou os nazistas. Outras entidades, regionais e nacionais, representam os pracinhas Brasil a fora. Mas a associação, com um dos mais importantes acervos colhidos nos campos de batalha e a gestão do Museu da FEB, está entre as mais importantes. ■



Michel Filho

O VETERANO da Segunda Guerra Israel Rosental observa bandeira, capacetes e objetos tomados de soldados nazistas, expostos na sede da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, ameaçada de fechamento por

falta de recursos. Reduzida a menos de 600 sócios, a entidade não tem fôlego financeiro para defender seu patrimônio da ação de cupins e traças. A partir do mês que vem, os empregados entram em aviso prévio. O PAÍS, página 16



Israel e Breno Amorim

Apareceu assim, de surpresa. Vendo os móveis todos com cupim, disse que daria móveis novos, a empresa dele, Tecnolach, trabalha com móveis planejados. Sugeriu que o prédio precisava ser pintado, e outros detalhes de reparos necessários. Eu disse a ele: “olha, isso vai ser difícil”. Ele então, com recursos próprios, pintou o prédio todo, consertou os banheiros, colocou móveis “de luxo” no museu e na diretoria, reformou o auditório todo, consertou parte elétrica, colocou ar-condicionado, deu geladeira e tudo. Ficou um brinco! Levou meses. O museu ficou ótimo!



Reinauguração da Casa da FEB – 27/11/2010







Carlos Henrique Bessa, médico da FEB em pé e Israel ao lado de uma cadeira de dentista utilizada na II Guerra Mundial.

O Breno assumiu a presidência da ANVFEB e colocou alguns funcionários da empresa dele trabalhando lá, para auxiliar nas funções administrativas. Ele foi eleito pela primeira vez em janeiro de 2016, completou quatro anos e ia sair, mas o pessoal insistiu muito para ele ficar mais dois anos. E até hoje ele é o cabeça do museu.



Museu da FEB-RJ



Major Rui, Israel Coronel Edu, Coronel Sergio, Frederico, Major André – membros da diretoria ANVFEB

No convívio na ANVFEB, me recorde de muitos amigos, seria impossível listar todos aqui. Além dos vários já mencionados, recorde-me agora do Miguel Grinspan, que era muito simpático e atencioso comigo. Desfilamos juntos muitas vezes no Sete de Setembro. Ele não foi da FEB, mas participou do destacamento militar que representou o Brasil desfilando em Londres no primeiro aniversário do Dia da Vitória, em 1946. Ele trabalhou muitos anos com o Deputado Gerson Bergher [psiquiatra e político brasileiro, exerceu diversos mandatos como deputado estadual e vereador no Rio de Janeiro]<sup>16</sup> e a esposa dele, a Vereadora Teresa Bergher [educadora e política brasileira nascida em Portugal, exerceu diversos mandatos como vereadora no Rio de Janeiro, tendo ocupado o cargo de Secretária Municipal de Assistência Social]<sup>17</sup>. O Miguel faleceu subitamente, em 2017.

<sup>16</sup> Verbete GERSON BERGHER na Wikipédia. Acessado em 24/01/2020.  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%A9rson\\_Bergher](https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%A9rson_Bergher)

<sup>17</sup> Página biográfica de TERESA BERGHER no sítio digital da Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Acessado em 24/01/2020.



Solenidade de 7 de setembro Miguel e Israel

Infelizmente, nos últimos anos, o pessoal todo está falecendo e o número de sócios vem diminuindo. Chegaram alguns novos, historiadores e descendentes de veteranos, mas se hoje tiver trezentos sócios é muito. Isso acarreta, claro, grandes dificuldades financeiras para o museu.

A ANVFEB ainda foi motivo de viagens internacionais. Teve uma viagem muito boa à Itália, no início dos anos 2000, que fui eu, o Coronel Sérgio, o General Ventura, o Major Rui, a turma toda. Fomos recebidos na Embaixada Brasileira, visitamos os locais históricos da FEB, os campos de batalha, fizemos turismo. Foi excelente.



monumento homenagem Pracinhas na Itália – Monte Castello ao fundo

Como turista, viajei quase o mundo inteiro!

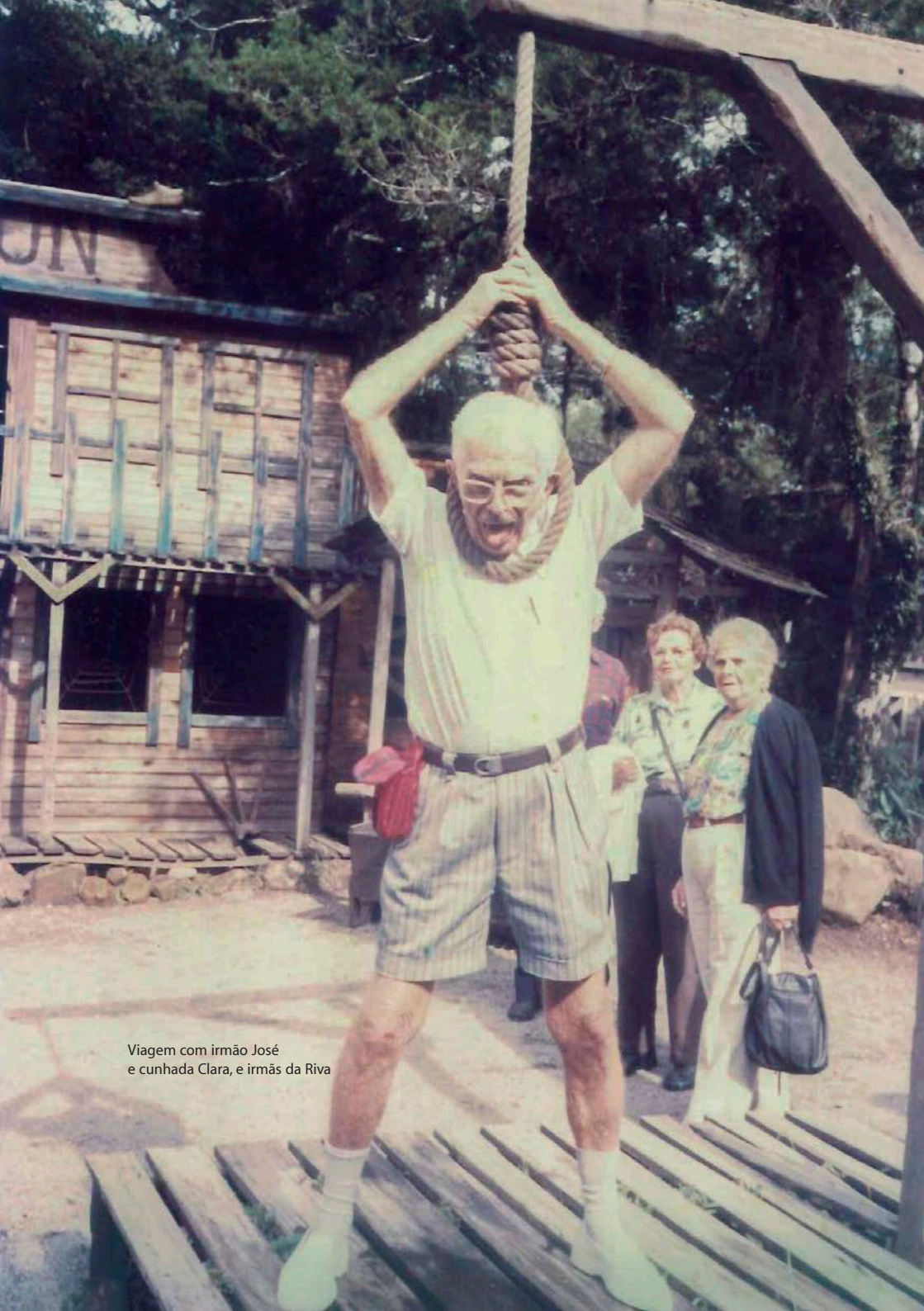
Eu e Riva viajamos muito com as irmãs delas, Sílvia e Mira, e com alguns casais de amigos.

Um grande amigo meu foi o Arnaldo Henrique Mendes, que serviu comigo no CPOR e na FEB. Ele também era dentista e depois trabalhou na Prefeitura do Distrito Federal, como eu. Ele e a esposa, Laís, viajaram muito conosco.

Eu visitei México, Estados Unidos da América, Índia, União Soviética, Israel, Chile, Egito, Tunísia, Singapura, China, Hong Kong, Indonésia, Argentina, Portugal, Espanha, Itália, França, Inglaterra, Polônia, Turquia, Grécia, Chipre, Alemanha, e muitos outros.



Viagem com irmãs da Riva, (Mira e Sílvia) e amigos Arnaldo e Laís.



Viagem com irmão José  
e cunhada Clara, e irmãs da Riva

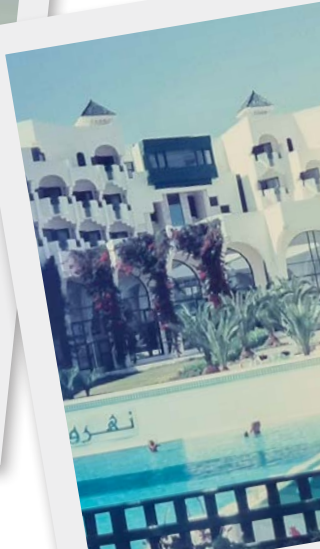
# *Viagens pelo Mundo!*







# *Viagens pelo Mundo!*





RESTAURACJA  
קמחארעיע

ZUPA	דעם יאנקלס
JANKIELA	יאנקלס
KARP	קארפ פיש
RO ZIDOWSKU	רוזקע
CHILINT	פשוולקעס
BISMA	רוסישע
PIEROG	פיראג
SEKNIK	סעניק
PASCHA	פאשאקע
KABA'ABUJ	קאבא'אביא
WINA I PIVA	ווינ און ביר
ROZSZERNE	רוזשערנע

RESTAURACJA  
KUZMIR  
JEWISH MUSIC  
AT PALACE

Quando o Ruben estava fazendo o doutorado (1978-1983) na Inglaterra, eu fiz uma visita a ele. Foi interessante. Ele alugava um quarto na casa de uma senhora. Dentro do quarto havia uma caixa que controlava a instalação elétrica. Você colocava uma moeda para a energia funcionar, aquela moeda dava uma quantidade “x” de energia. Quando gastava tudo, acabava a energia no apartamento. Você tinha que colocar outra moeda, como um parquímetro mesmo.



Israel e Ruben em Londres

Na Índia nos causava muito espanto ver aquelas vacas andando no meio da rua. Assistimos também a um cerimonial no Rio Ganges, em que o corpo do morto era colocado em uma prancha de madeira, na água.



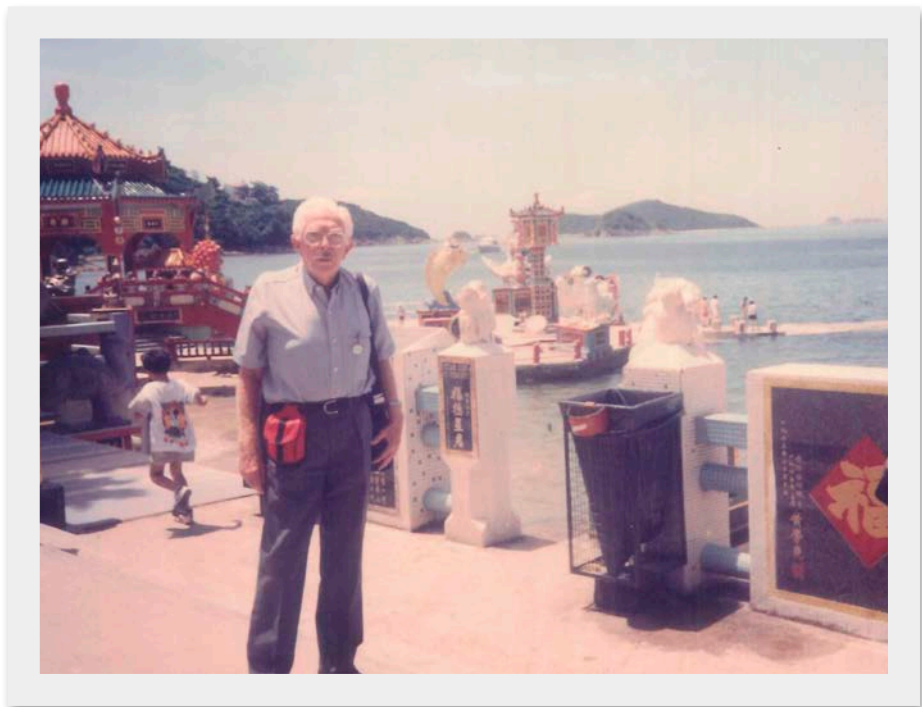
Israel e Riva na Índia

Na China visitamos a famosa Muralha da China, compramos algumas coisas em camelô, que tinha muito. Me lembro que passamos por uma barraca que vendia uma sopa. Fui perguntar de que era e o guia disse que era de cobra. Achei uma loucura! Um outro integrante da excursão me disse: “se eles comem é porque é bom, se fosse ruim não iam comer”. Eu disse: “bom, eu não vou comer de jeito nenhum”.



Israel e Riva na China

Em Singapura eu achei interessante que havia uma esteira rolante para você atravessar a rua, não precisava caminhar. E o guia nos disse que a avenida principal, que era bem larga, podia ser acionada, em caso de emergência, como pista de pouso de avião. Foi um país muito interessante de conhecer, muito adiantado, tecnológico. Não me lembro bem a data que estivemos lá. Foram tantas viagens que a gente mistura tudo.



Israel em Singapura

Em Moscou e em Leningrado, como se chamava então, já no fim da URSS, muitas pessoas estavam na rua vendendo tudo o que tinham, em dólar, para emigrar.



Israel e Riva na Rússia





Israel em Israel

Estive em Israel duas vezes. Visitei o Muro das Lamentações e boiei no Mar Morto.

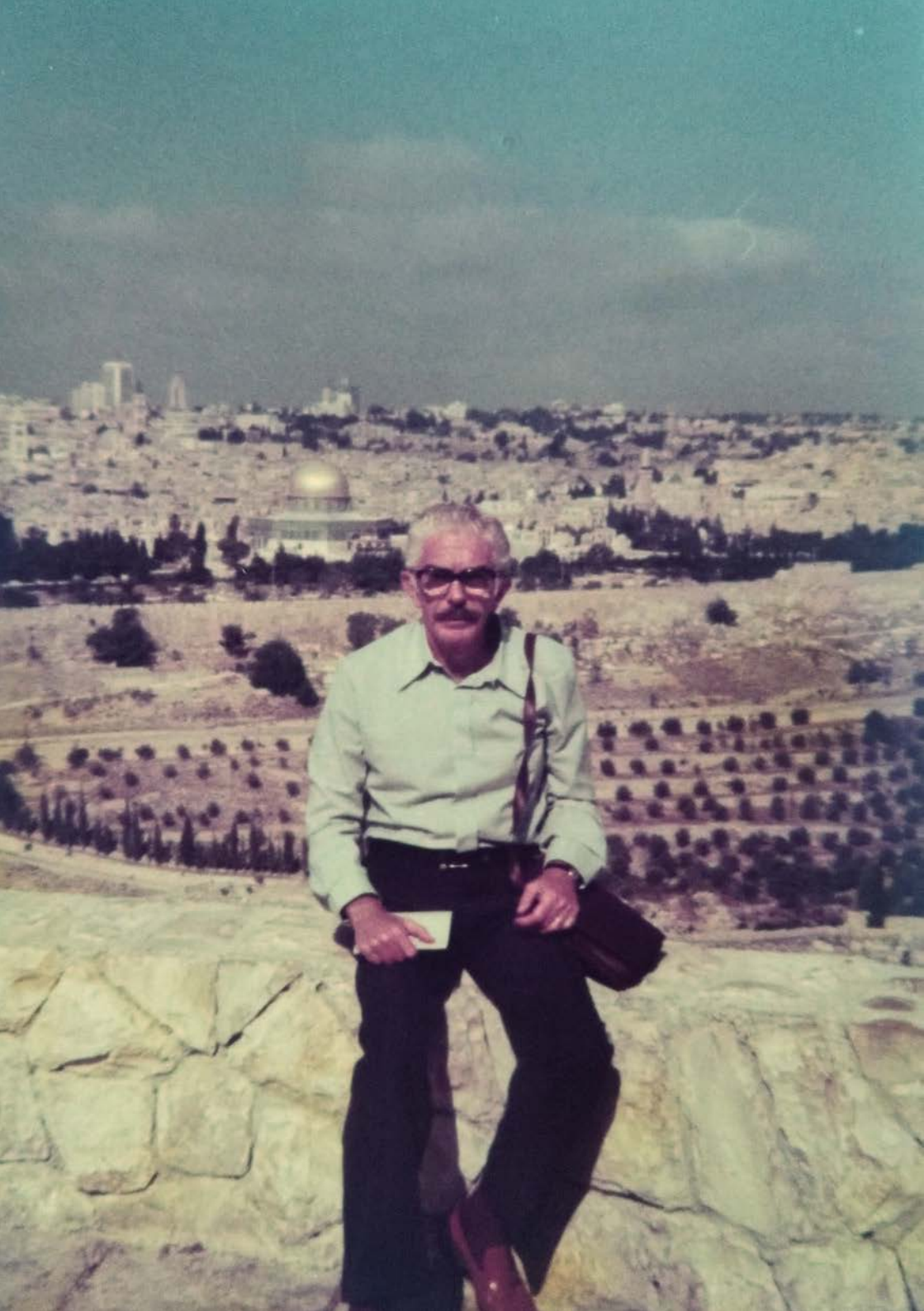


Israel e Riva em Israel

745565 1155 12



סטודיו א, האוזנה, רמת





Israel e Riva em Israel

Na viagem ao Chile, em 1998, fomos eu e a Riva com os dois netos, Marcos e Daniel, e as irmãs dela, Sílvia e Mira. Os dois netos davam muito trabalho. O Marcos prendeu o braço na porta giratória e quebrou um dedo, fomos parar no hospital. O Daniel saiu para dar um passeio e de repente apareceu com um piercing na sobrancelha.



Israel, Riva, Marcos e Daniel  
no Chile



Israel e Riva no Chile

Na Alemanha, quando fomos, estavam quebrando o Muro de Berlim, do qual peguei um pedaço e guardo até hoje.



pedaço do muro de Berlim

Na primeira vez nos EUA, em Nova York fizemos aqueles programas todos turísticos, Broadway e etc. Fomos ao bairro chinês. Praticamente toda cidade que se vai no mundo tem um bairro chinês. Eu gosto sempre de visitar, pois há sempre algo interessante. Eu também gostei muito em Nova York da organização, com aquelas ruas numeradas em sequência. Era muito fácil de andar. Foi também lá que eu conheci comida a quilo, onde você se servia e pesava. Aquilo não existia no Brasil.



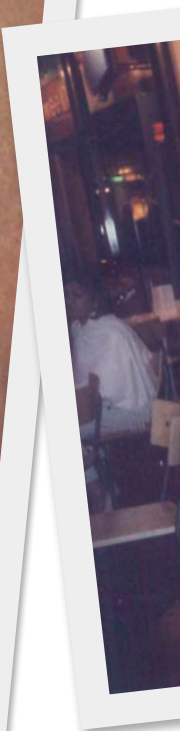
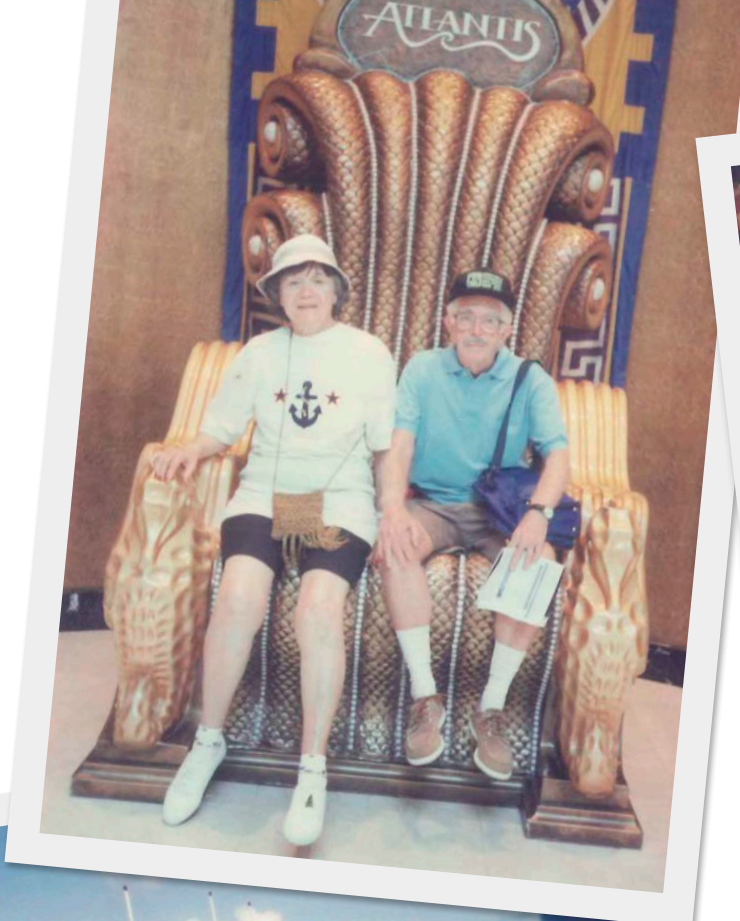
Israel, Riva, Mira (irmã da Riva) e amigos Arnaldo e Lais.



Na segunda vez que eu estive nos EUA fui com meu genro Abraham. Estávamos na Flórida e fomos fazer um passeio de barco para conhecer as ilhas na região. Era 11 de setembro de 2001. Ficamos sabendo do atentado quando retornamos, uns dois dias depois. Foi um choque terrível. Fomos direto para o aeroporto, porque já tínhamos passagem marcada. Estava tudo lotado, as pessoas desesperadas. Mas conseguimos retornar até que facilmente.



Israel e Riva no Navio USA.





Israel e Riva no Navio USA.

# SÉCULO XXI, ATUALIDADES E FUTURO

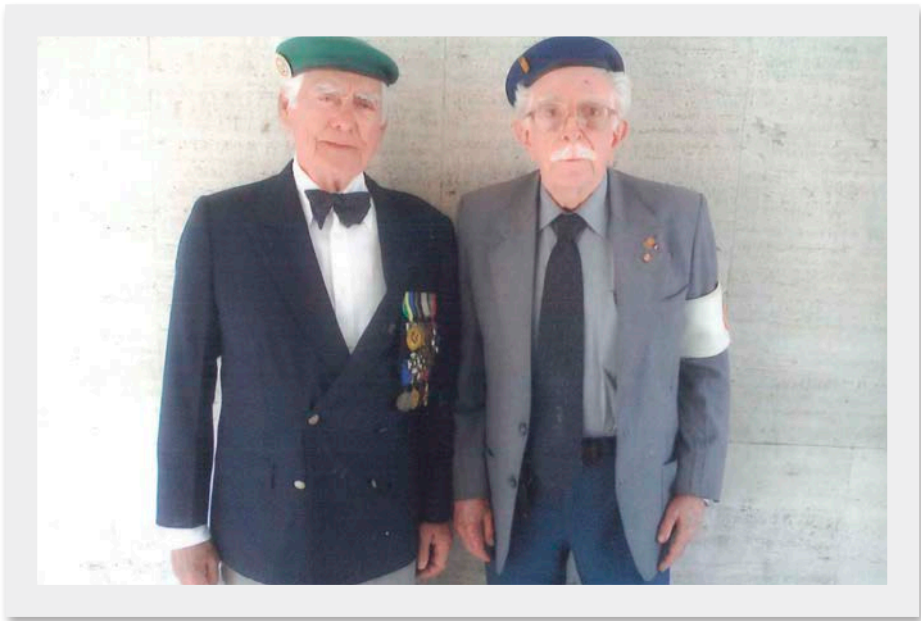
Após a aposentadoria, eu e Riva íamos pelo menos uma vez por mês para o apartamento em Teresópolis, passar alguns dias. Íamos de ônibus. Nosso apartamento lá era pequeno, mas estava sempre cheio de amigos e parentes.

Por falar em amigos, foi em Teresópolis que começou a minha amizade com o Israel Blajberg. Foi por volta de 2004. Eu já o conhecia da ANVFEB, onde ele tinha ingressado como sócio há pouco tempo. Eu e a Riva estávamos em um restaurante em Teresópolis e encontramos com ele e a esposa, Marlene. O Blajberg queria conversar comigo sobre as histórias da guerra, mas eu disse que estava indo para casa descansar, que depois conversávamos. Aí tomei o rumo do apartamento, e ele vinha andando ao meu lado, papeando. Quando chegamos no número 210 da Rua Oliveira Botelho, eu entro e ele entra junto. Eu digo: “caramba, onde ele está indo?”. Eu entro no elevador e ele vem junto. Pensei: “não é possível que ele vai me seguir até em casa”. Descemos juntos no quarto andar. Acontece que ele tinha um apartamento no mesmo prédio, no mesmo andar! Ele entrou no 409 e eu no 413. Acabamos conversando bastante e engrenando uma boa amizade. Curiosamente, cerca de 70% dos moradores daquele prédio eram judeus.



Edifício 6 de Julho - Teresópolis

Lá em Teresópolis também tive contato com o Melchisedech de Carvalho, veterano da Marinha de Guerra, que é descendente de judeus. Na época ele queria se associar à Associação Religiosa Israelita (ARI). Eu falei com meu neto Marcos, que já namorava com a filha do Nelson Kuperman presidente da ARI naquela época, e o Melchisedech passou a frequentar. O pai dele era descendente de cristãos novos e ainda guardava muitos costumes judaicos, como não comer carne de porco.



Melchisedech e Israel

Fomos deixando de ir a Teresópolis, por volta de 2006. O avançar da idade trouxe alguns problemas de saúde. Na última década comecei a ter episódios de desmaio. A primeira vez foi no Cemitério São João Batista, no enterro de um veterano da Força Aérea. Quando dei por mim, tinha apagado. Acordei e estava sendo amparado por alguns colegas, entre eles o Coronel Martinelli e o Brigadeiro Rui Moreira Lima. Chamaram uma ambulância e fui para o hospital. Fiquei lá quatro dias e acabei sendo liberado sem um diagnóstico. Desde então esses desmaios aconteceram algumas vezes, incluindo no noivado do meu neto Marcos e em uma missa na Igreja dos Poloneses.

Nesse período, desde o início dos anos 2000, todo domingo iam lá para casa almoçar filhos, netos e bisnetos. Eu fazia pasta de berinjela. A Riva fazia bacalhau, macarrão recheado. Ela deu continuidade a uma tradição da minha mãe, que também adorava receber os netos em casa para o almoço de domingo.



Família nos almoços de domingo



Família nos almoços de domingo



Israel, Riva e Bisnetas

O meu bisneto Gabriel já está um rapaz, dedicado à robótica. Tenho ainda quatro bisnetas mais jovens, que quando vêm aqui em casa é uma bagunça danada. E uma alegria muito grande. Faço uns truques de mágica para distraí-las.



Israel, Hava, Liora e Yael





Israel, Gabriel e Manuela

Quando minha esposa já estava doente, ia em cadeira de rodas para passear nos jardins do Palácio do Catete, e levávamos as meninas, que gostavam de cantar em um grupo que havia lá, com o pessoal tocando violão.



Israel, Riva, Nina, Vera e bisnetas Hava, Liora e Yael nos jardins do Palácio do Catete



Israel, Riva, Marcos, Nina e bisnetas Hava, Liora, Yael nos jardins do palácio do Catete.

Em 19 de dezembro de 2018 fiquei viúvo, depois de 70 anos de casado. A Riva faleceu aos 94 anos, depois de alguns anos de doença.



Bodas de Ouro de Israel e Riva



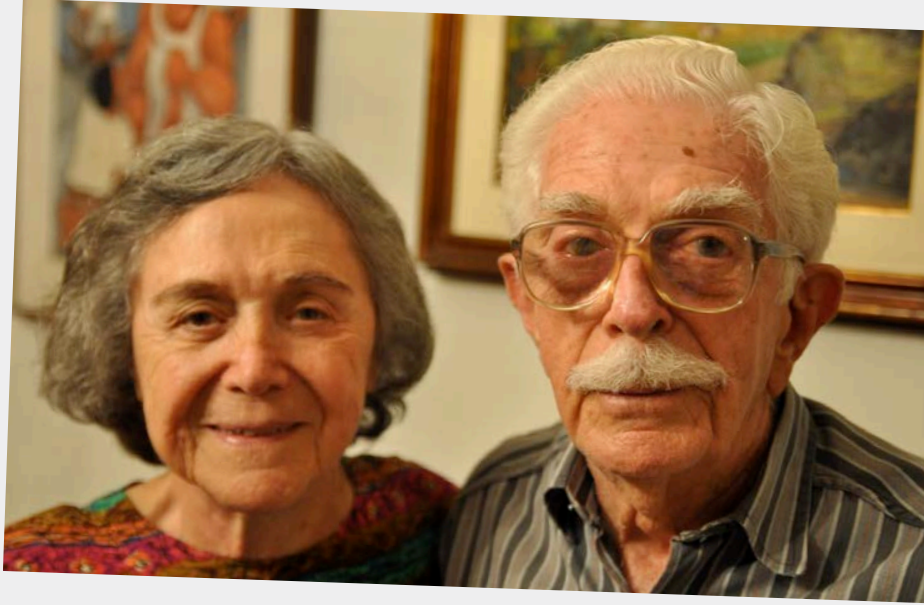
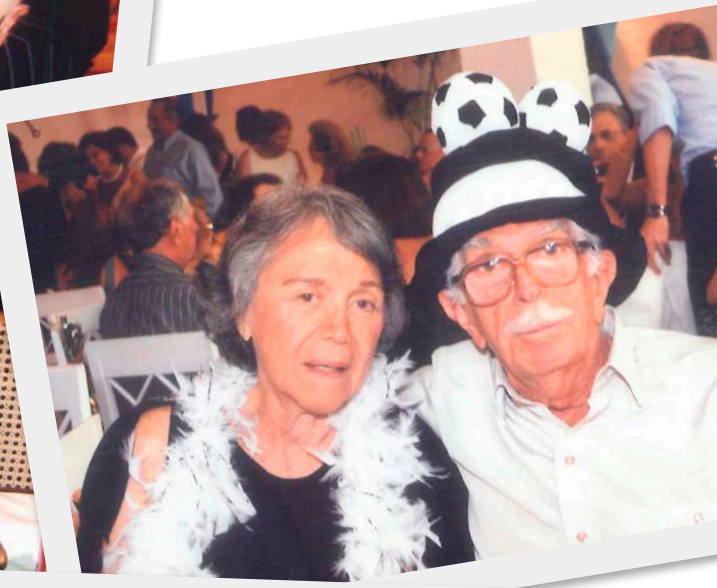
Bodas de Ouro de Israel e Riva



Aniversário de José e Israel com Clarinha e Riva

# *70 anos de casados*





Aos 99 anos, o meu dia começa com o despertador tocando às seis da manhã. Tomo os remédios para a tireoide, para a circulação. Às sete e meia, café da manhã. Leio o jornal O Globo um pouco e vai passando o dia, passo a maior parte do tempo assistindo televisão.

Antes da pandemia do COVID-19, eu descia até a portaria e as vezes até caminhava um pouco no quarteirão. Também me distraia um pouco na internet, vendo e-mail e Facebook. Não sei mexer direito no computador, mas serve para passar o tempo.

Eu ia umas duas vezes por semana até o Largo do Machado e aos jardins do Palácio do Catete para ver as novidades, conversar com o pessoal, ouvir música. De vez em quando ia no banco. Toda terça-feira eu ia à feira e ao mercado, acompanhado da funcionária que trabalha aqui em casa. Comprava banana, mamão, muita fruta. Nesse trajeto sempre encontrava com colegas e batia um papo. Mas chegava em casa muito cansado.

Todo final de semana o meu filho Ruben vinha almoçar comigo. A minha filha Mirian me visitava duas vezes por semana. Toda semana os netos e bisnetos apareciam também. Frequentava ainda algumas solenidades militares rememorando as datas marcantes da guerra no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, na ANVFEB, na AECB, no Hospital Central do Exército.





Mirian, Israel e Dr.Bessa

Nesses eventos costumava ir com o Hermandio Negreiros, um amigo uns dez anos mais jovem, muito interessado na história da FEB. Aí tinha a oportunidade de encontrar com alguns dos últimos veteranos, particularmente o Melchisedech Afonso de Carvalho, da Marinha de Guerra, o Carlos Henrique Bessa, médico da FEB, e o José Cândido da Silva (Candinho), agraciado com a Cruz de Combate de Segunda Classe na Infantaria da FEB. Somos todos nonagenários. Aliás, o Bessa já é centenário! Ele é exatamente um ano mais velho do que eu, nasceu em 31 de janeiro de 1920. Embora na minha certidão conste 07 de fevereiro de 1921, eu nasci uma semana antes, e meu aniversário sempre foi comemorado dia 31. É interessante que ele, embora veterano, não frequentava a ANVFEB, eu não o conhecia. Em 2014 ele resolveu escrever um livro de memórias e procurou a biblioteca da ANVFEB para consultar livros sobre a guerra. Nos conhecemos lá, ele se associou e passou a frequentar as solenidades. Engatamos uma boa amizade.



solenidade no Monumento dos Pracinhas com Daniel M. Roque, Hermandio, Breno, Israel, Prof. Blajberg



Solenidade com Israel, Alexander Laks (sobrevivente do Holocausto), Melchisedech



Solenidade no Monumento dos Pracinhas com Israel e Melchisedech



Veteranos Nelson, Dr.Bessa, Melchisedech e Israel



solenidade no Monumento dos Pracinhos



Solenidade de entrega da medalha Heróis da Batalha do Atlântico



Solenidade de entrega da medalha Heróis da Batalha do Atlântico



Solenidade da FEB



Israel inaugurou a sala Oswaldo Aranha no Colégio Militar



veteranos Candinho, Israel e Dr.Bessa na solenidade 8 de maio



Solenidade no Monumento dos Pracinhos



Israel e neto Marcos no Monumento dos Pracinhas



Solenidade com Israel





Solenidade dia da Vitória



Solenidade de entrega de medalha

Por bondade dos amigos, recebi algumas medalhas comemorativas nos últimos anos.







A última, em dezembro de 2019, foi bastante significativa. Já há uns vinte anos eu propunha a alguns chefes militares a criação de uma medalha para homenagear o Marechal Emmanuel Marques Porto, chefe do Serviço de Saúde da FEB, um dos únicos marechais da FEB que não tinha sido imortalizado com uma medalha. O objetivo seria agraciar os militares da área da saúde do Exército que se destaquem no serviço, assim como outros civis ou militares que contribuam para o atual Serviço de Saúde do Exército ou para a divulgação da memória do Serviço de Saúde da FEB. Este ano falei disso com a Professora Margarida Bernardes, da Escola Superior de Guerra. Ela conseguiu levar o assunto até a diretoria da Academia Brasileira de Medicina Militar, que aliás foi presidida pelo Marechal Marques Porto, e eles criaram a medalha, que foi entregue pela primeira vez na cerimônia de posse da nova diretoria, quando foram agraciados também o Bessa, as duas enfermeiras da FEB ainda vivas (Carlota Mello e Virgínia Portocarrero, as duas centenárias, que não puderam comparecer e foram representados) e o novo presidente da Academia, General Oiticica, diretor do Hospital Central do Exército.



Até o início da pandemia de covid-19, a Associação tinha algumas atividades. O museu estava funcionando às terças e quintas, no período da tarde, com entrada gratuita. Também havia ciclos de palestras, geralmente organizadas pelo Israel Blajberg, mas com um público pequeno.

Com o início da pandemia, em março de 2020, a rotina mudou bastante. A ANVFEB suspendeu todas as atividades e fechou temporariamente. Eu passei a ficar em casa o tempo todo, praticamente sem fazer nada. Essa situação foi uma novidade para todo mundo, em cem anos eu nunca tinha visto nada assim. Mas na minha idade eu não dei muita importância não, porque eu já vivi tanto que mais um pouquinho ou menos um pouquinho não afetava em nada.



Seder de rosh hashaná, 5781 via zoom

Nos primeiros quatro meses eu fiquei em casa direto. Depois comecei a sair um pouquinho, vou até o Largo do Machado para tomar um sol. Ando a pé uma parte do trajeto, com bengala, e depois fico cansado, vou o resto na cadeira de rodas. Lá eu encontro um grupo, umas três ou quatro pessoas na mesma situação, e conversamos um pouco. Claro que eu sou o mais velho do pessoal, que tem na média uns oitenta anos. Isso eu faço uma vez por semana. Vou de máscara e as cadeiras ficam afastadas. Mas tem gente que vai sem máscara.

No Largo do Machado, agora que não pode mais apertar as mãos por causa do corona vírus, o cumprimento é a continência, como eu aprendi no Exército. Eu faço continência e o pessoal responde.



Israel, netos e bisnetas no Parque Guinle durante pandemia COVID-19.

É assim. Estou caminhando para o centenário, mas não quero nem pensar nisso. Sinto falta de ser mais produtivo. Quando não se consegue mais fazer nada, a gente vai só passando o tempo. Ao final, me pedem uma mensagem. Mas não tem mensagem nenhuma. Fecha assim e acabou.

# POSFÁCIOS

Sérgio Pinto Monteiro<sup>18</sup>

Honado pelo convite, reconheço a dificuldade da tarefa de, em breves linhas, comentar, adequadamente, este precioso Livro de Memórias de um brasileiro da estirpe do meu amigo ISRAEL ROSENTHAL. Sua vida é um imenso repositório de vitórias, sucessos, conquistas, gestos e procedimentos plenos de grandeza e dignidade. Homem de atitudes inatacáveis constituiu uma bela família, edificada sobre o sólido rochedo de seu caráter impecável. Cidadão exemplar, pessoa alegre e encantadora, de fino trato e esmerada educação, soube reunir durante toda a sua longa jornada uma numerosa plêiade de amigos e admiradores.

Israel Rosenthal, em sua trajetória vitoriosa, nos oferece mais um relevante presente, qual seja o seu Livro de Memórias. A obra, mais do que a beleza literária, nos brindará com um formidável relato de fatos, episódios e acontecimentos de quase um século de vida proveitosa e edificante. Nesse contexto, cumpre-me o grato dever de ressaltar a figura do Rosenthal militar e do profissional da Odontologia. O ano de 1943 teve grande significado em sua vida: concluiu o curso de Cirurgião-Dentista na Faculdade Nacional de Odontologia e cursou o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, sendo declarado Aspirante a Oficial da Reserva da Arma de Infantaria em 1944, após um curso de dois anos. Essa duplicidade de formação militar e civil aliada a uma esmerada educação familiar, proporcionou o alicerce onde se edificou a majestosa carreira do cidadão Rosenthal.

Em 1944 o mundo vivia o período sinistro da Segunda Guerra Mundial. O Brasil, atacado pelo nazifascismo, enviou seus soldados para o Teatro de Operações da Itália. A Força Expedicionária Brasileira, formada por cerca de vinte e cinco mil

<sup>18</sup> Presidente do Conselho Deliberativo da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, fundador e patrono do Conselho Nacional de Oficiais da Reserva.



militares, tinha em suas fileiras 1070 tenentes, dos quais 433 eram oriundos da Reserva. Entre eles, lá estava o jovem Aspirante Rosenthal, aos 23 anos, VOLUNTÁRIO para uma missão que poderia ter ceifado a sua vida, como ocorreu com 457 heróis brasileiros. Na Itália, além de eficiente Oficial de Infantaria, prestou relevantes serviços para o Corpo de Saúde da FEB, na condição de Cirurgião-Dentista.

Terminada a guerra, Rosenthal optou pela vida civil, tendo feito carreira como Dentista na Prefeitura do Rio de Janeiro, onde atuou de 1947 a 1968, quando se aposentou. Desde então, filiado à Associação Nacional dos Veteranos da FEB, participa ativamente das atividades associativas, integrando suas Diretorias e Conselhos.

O Livro de Memórias de Israel Rosenthal há de ocupar local de destaque nas estantes e bibliotecas de amigos, familiares e, principalmente, de estudiosos dos fatos e personagens brasileiros dos últimos cem anos. Como escritor, saúdo o jovem confrade Rosenthal que, aos 98 anos, reitera e renova o seu bravo sentimento de *"missão dada, missão cumprida."*Siga em frente, combatente! O Senhor dos Exércitos, hoje e sempre, estará a seu lado.



Tenentes Monteiro e Israel

# POSFÁCIOS

Ruben Rosenthal<sup>19</sup>

Uma jornada de 100 anos sem solidão

1921. Já não se falava tanto nos horrores da Grande Guerra, que tivera como palco principal o continente Europeu. O país contava então com uma população em torno de 30 milhões e uma expectativa média de vida ao nascer de 35 anos para os homens. Era impensável que alguém nascido no início dos anos 20, mesmo em uma grande metrópole como o Rio de Janeiro, pudesse chegar aos 100 anos de idade. A medicina ainda avançava devagar.

Nas duas primeiras décadas o Brasil fora assolado por doenças como a febre amarela, peste bubônica, varíola, tuberculose e ao final da segunda década, pela gripe espanhola. Em 1921 ainda faltavam sete anos para a descoberta da penicilina, e duas décadas para que seu uso clínico fosse definido em Oxford em 1940, dando origem a era dos antibióticos.

Para o país, a década de 20 representou o começo da transição de um modelo exportador primário com base no café, para o da industrialização voltada para o consumo interno. O rádio foi uma novidade, com o início da radiodifusão no país em 1922. Uma criança com nove anos talvez observasse seus pais acompanhando os discursos de Getúlio Vargas, mas é pouco provável que tivesse algum entendimento do que era dito ou mesmo que uma Revolução estava ocorrendo em 30. Poucos anos depois, esta criança poderia notar a aflição de seus pais ao escutarem as notícias de que o líder nazista Adolf Hitler se tornara chanceler da Alemanha.

<sup>19</sup> Filho do Israel, professor universitário de engenharia.

As feições do Rio de Janeiro herdadas dos tempos coloniais já haviam mudado substancialmente, com as intervenções urbanísticas de Pereira Passos no início do século (1906), dando à capital do país uma aparência moderna. Mas estas também contribuíram para aumentar a segregação da cidade. Até 1930 prosseguiu a remodelação do antigo centro e desenvolveu-se o vetor na direção sul da cidade. No decorrer dos anos 30 um adolescente já poderia se dar conta do desenvolvimento urbano, como também do crescimento das favelas. Faziam sucesso nesta década as músicas “O que é que a baiana tem, na voz de Carmen Miranda, “Tico-tico no fubá”, a marchinha de carnaval “As Pastorinhas, Linda morena, Carinhoso, dentre outras”. Os adolescentes dançavam em clubes ou nas populares gafieiras, como o Elite Club. No final da década surgiu o Clube Cabiras, que passou a ser um ponto de diversão da juventude judaica.

No entanto, aquela despreocupação cedeu lugar à apreensão, quando as consequências do advento do nazifascismo no mundo se fizeram sentir. Ao final da década de 30 eclodiu a segunda Grande Guerra, e em 1944 o Brasil envia tropas para o teatro de operações na Europa. Ao embarcar, o jovem nascido em 21 estaria então com 21 anos. Sobrevivendo, voltaria ao Brasil em 1945, com 24 anos. Entrando ou não em combate as experiências vividas seriam para sempre lembradas e reverenciadas.

O retorno das tropas apressou o fim da ditadura Vargas. Na década de 40 despontaram na música nomes como Francisco Alves, Dalva de Oliveira, Ataulfo Alves, Nelson Gonçalves, Ciro Monteiro e Luiz Gonzaga, com “Asa Branca”. No Carnaval, Emilinha Borba reinou soberana em 1949, com “Chiquita Bacana”. Para aquele jovem adulto nascido em 21, era possível usufruir novamente de momentos de plena descontração, namorar, casar e constituir família.

A televisão surge no país em 1950 com a Tupi. Vargas retorna, eleito presidente em 51 e se suicida em 54. Em 58, o Brasil ganha o seu primeiro campeonato mundial de futebol. Eis que desponta Pelé, o Edson Arantes do Nascimento. O principal esporte ainda traria muitas alegrias e tristezas nas décadas seguintes. Juscelino inaugura Brasília em 1960. Surge a Bossa Nova, na voz e violão de João Gilberto. Militares no poder em 64. Diretas Já. Ayrton Senna. Lula na presidência. Bolsonaro.

Estes foram apenas alguns dos momentos que mexeram com o país, que podem ter sido comemorados, ignorados ou repudiados por aquele nascido em 21. A música já lhe causava estranheza desde o surgimento do Rock & Roll e dos Beatles. Os aparelhos eletrônicos se sofisticaram e seu uso requer esforço da parte do idoso, como no caso de computadores e celulares. A violência aumentou nas ruas da cidade.

2021. O ciclo de 100 anos se completa e uma pandemia, mortal como a espanhola, voltou a se abater sobre o mundo. Também um novo ciclo do extremismo político se iniciou, 75 anos após a derrocada do nazifascismo. A expectativa média de vida de um brasileiro que nascer em 2021 será de 77 anos, mas este cidadão poderá ter uma vida bem mais longa e saudável, se os vírus e os extremismos não prevalecerem.

Mas para o nosso herói que completa 100 anos em 2021, a vitória pessoal não foi apenas a sobrevivência, mas chegar a esta idade lúcida e com autonomia para desempenhar suas atividades diárias. A jornada não foi solitária, pois dela fizeram parte muitas pessoas. Algumas muito queridas ficaram pelo caminho, enquanto outras foram chegando e estão agora presentes. Os amigos e uma família de filhos, netos, bisnetos e sobrinhos comemoram esta longevidade.



Israel e Ruben

# POSFÁCIOS

Mirian Rosenthal<sup>20</sup>

Meu pai, meu exemplo, com seus atos aprendi os conceitos de honestidade, família, a importância dos estudos, ter controle de situações e valorizar somente o essencial do lado material. Presenciei e aprendi ser possível uma vida familiar, de respeito entre todos, harmonia e carinho.

Cresci com ele participando de todos meus momentos desde os deveres na escola, brincadeiras, passeios e viagens e ainda extraia meus dentes e me dava injeções. Fez as honras no meu baile de debutantes e no casamento.

Meus pais sempre nos protegeram em demasia, mas entendo como um ato de amor. Eles sempre se trataram por Neguinho ou Neguinha e também por Chiquinho e Chiquinha.

Lembro de alguns fatos mais marcantes ,como meu pai diariamente contando histórias no meu quarto na hora de dormir e depois fazendo o mesmo no do meu irmão. Ele inventava histórias de ação que eu adorava.

Eu gostava de pescar no lago do parque, então quando tinha cerca de uns 8 anos, ele foi nas Lojas Brasileiras e comprou uma vara de bambu, uma linha que mais parecia um barbante, chumbo e anzol meio grandinhos. Fomos pescar na praia do Flamengo onde para minha sorte ele encontrou um primo que estava pescando. Este quando viu meu material imediatamente tirou tudo e colocou uma linha de nylon, trocou o chumbo e anzol. Esse foi um dia super feliz, peguei 4 boas cocorocas, e nunca mais parei de pescar me tornando fanática por esse esporte. Nesse momento meu pai foi responsável pela transmissão deste fascínio até a geração de seus bisnetos.

<sup>20</sup> Filha do Israel, física com mestrado em geologia na UFRJ.

Quanto aos estudos, meus pais também acompanharam diariamente, cada um com uma respectiva matéria. Tive uma infância muito rica, ou melhor dizendo, tive uma vida.

Para finalizar, hoje eu agradeço por você existir e ser MEU PAI. Tenho orgulho, admiração, respeito e muito amor por você. Se houver vida além desta agora seria um grande privilégio estar novamente contigo.



Mirian e Israel

# POSFÁCIOS

Daniel Rosenthal Jochimek<sup>21</sup>

Israel, seu aniversário se aproxima e um século se completa. O grande feito não é chegar aos 100 lúcido, pleno e saudável. Isso certamente é notável, mas eu não vou me lembrar de você apenas como o vô que viveu muito.

O mais incrível é o impacto que você causa nas pessoas durante a sua jornada. Não conheço ninguém que tenha se relacionado contigo e não tenha se apaixonado, e o motivo é simples, você realmente é apaixonante. Tenho em mente esses 100 anos como uma meta de vida, quando penso em minha longevidade sempre lhe busco de exemplo.

Na realidade sempre lhe busco de exemplo em diversos momentos, você é presença constante nas minhas memórias, seja como avô, bisavô, dentista, soldado, mágico, contador de piada e amigo. Tenho muita sorte por ter compartilhado contigo 41 dos seus 100.



Daniel, Israel e Marcos

<sup>21</sup> Neto do Israel, biólogo e auditor fiscal da fazenda do RJ.



# EPÍLOGO

Israel Blajberg<sup>22</sup>

O alvorecer do século XXI marcou a minha entrada como sócio da ANVFEB, onde encontrei ainda muitos ex-combatentes e uma Casa da FEB completamente diferente de hoje, com o mesmo ambiente e mobiliário de 1976, quando foi inaugurada em memorável solenidade com a presença do Presidente Geisel.

O expediente era diário na parte da tarde, com o prédio sempre movimentado pela presença dos diversos funcionários e inúmeros veteranos, desde o então presidente Coronel Sérgio Gomes Pereira e diretores, todos ex-combatentes, até os sócios veteranos, que se reuniam numa sala de estar no segundo andar para jogar conversa fora.

Logo me identifiquei mais com um dos diretores, o Tenente Rosenthal, não só pela gentil acolhida que proporcionava a todos os recém-chegados, mas também por termos algo em comum: ambos tivemos origens modestas, como filhos de imigrantes da Europa Judaica, aqui acolhidos em princípios do século XX, seguidores da Lei de Moisés tangidos pela intolerância e que aqui encontraram a Terra Prometida. Ainda mais: ambos cursamos o tradicional e glorioso CPOR/RJ, eu na Turma de Artilharia de 1965, e Rosenthal na Turma de Infantaria (ninguém é perfeito...) de 1944. E, *last but not least*, ambos somos Israel, junto com um antigo funcionário da época, perfazendo 3 xarás.

<sup>22</sup> Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Seção Rio de Janeiro, 1º Vice-Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB.

Enfim, nos tornamos unidos pela presença constante na Casa da FEB, onde eu comparecia em geral por volta do horário do almoço, já que trabalhava no BNDES, a poucos minutos a pé pela Avenida República do Paraguai. Muitas foram também as solenidades e reuniões, internas e externas, de que participamos junto com o grupo de veteranos, deixando indelével na memória as figuras dos saudosos General Montagna, General Campello, Coronel Helio Mendes, Major Thiago, Tenente Galper, Major Ruy Fonseca, Brigadeiro Rui Moreira Lima, Capitão Osias, Tenente Dálvaro, Major André, Major Elza, Coronel Martinelli, General Castro, Veterano David Rosal Gabriel, Veterano Miguel Grinspan, Veterano Helio Gomes, Veterano José Candido da Silva, Veterano João Lansilloti e tantos outros veteranos, funcionários, sócios e amigos, alguns cujos nomes a pátina do tempo inexplicavelmente vai aos poucos levando embora, mas cujos rostos permanecem nítidos na lembrança.

Pretender aqui transcrever todas as histórias e estórias que ouvi do Tenente Rosenthal em tantas conversas, tantas viagens (algumas na companhia da sua saudosa esposa de um casamento de setenta anos, Dra. Feiga, e também da cunhada Dra. Silvia Tolmasquim), exigiria um outro livro, e não este modesto resumo que ora apresento à guisa de epílogo. Foram muitos ENOREX, ENVFEB, SENAB, em que viajamos juntos, de van, ônibus ou avião, por vezes dividindo o mesmo quarto, o que ensejava altas conversas, as vezes se estendendo pelas madrugadas a fio, de São Joao d'El Rey a Jaraguá do Sul, de Porto Alegre a Santa Rosa, passando por Juiz de Fora, São Bernardo do Campo e tantas outras cidades que sediaram aqueles eventos.

A história do Dr. Rosenthal é importantíssima, como uma das últimas testemunhas oculares que pode contar a história contemporânea militar ligada à FEB e ao CPOR, graças à sua disposição e memória prodigiosa, que lhe permite recontar casos de sessenta, setenta anos atrás, pois são únicos.

De modo que aqui passo a recordar apenas algumas passagens, como o desfile de Lisboa, quando da escala do transporte de tropas Duque de Caxias, em que a tropa foi condecorada com a medalha "Forragiere". Só que não havia exemplares para todos, e os lusitanos prometeram mandar pelo correio. Rosenthal até hoje espera a tal medalha... O Comandante da tropa era o Coronel Mário Travassos, depois Marechal. Os últimos adidos em Lisboa têm feito um extensivo trabalho de resgate desse episódio, inclusive com uma exposição alusiva.

Em algumas viagens, Rosenthal era acompanhado pela esposa, Dra. Feiga Rebeca Tiomno Rosenthal Z"L, que dedicou a vida à pesquisa nas áreas de química e física. Os veteranos compunham uma grande família, onde sempre estavam presentes as esposas quando de festas e solenidades, bem como nas viagens para os encontros nos estados. Eram presença constante nos almoços mensais no Clube Militar da Avenida Rio Branco, tradição que foi mantida até há alguns anos, quando o número ponderável de veteranos aos poucos foi diminuindo.

Em princípios de 2008 a ANVFEB começou a se ressentir da falta de sócios, mingando cada vez mais. Alguns veteranos eram favoráveis à extinção da entidade. Nos últimos anos, a coluna "DESCANSEM EM PAZ" do boletim todo mês publicava uma lista cada vez maior, com nomes dos pracinhas falecidos de todos os estados. Parecia ser uma questão de tempo. Rosenthal participou junto com os demais diretores nas tentativas junto ao Exército, políticos, imprensa, mas as portas se mostravam fechadas. Todos reconheciam o valor dos veteranos, as reuniões eram plenas de elogios, mas zero de recursos. Com o falecimento do Coronel Martinelli, em pleno exercício do cargo, parecia que a gestão do Coronel Helio Mendes seria a última.

Mas não foi assim. Com a adesão do Dr. Breno Amorim aos ideais febianos, e respectivo aporte de recursos, a ANVFEB logrou continuar seu caminho. Rosenthal esteve sempre presente nesses momentos decisivos, exercendo cargos na Associação sem solução de continuidade. Sua última missão foi de Presidente do Conselho Deliberativo, que em janeiro de 2018 passou ao Tenente Sérgio Pinto Monteiro, tornando-se Presidente de Honra do Conselho Deliberativo, sendo assim o último veterano a ocupar um cargo na Associação.

Estes foram os presidentes com os quais tive a oportunidade de trabalhar pela causa febiana, junto com o Dr. Rosenthal, amigo de todos estes, sua palavra de orientação ouvida e acatada, assim continuando até hoje, como um ícone dos veteranos.

1997 - 2006 - Cel Sérgio Gomes Pereira (CPOR/RJ 1942 INF)

2006 - 2008 - Cel Osnélli Leite Martinelli (EMR 1943 INF)

2008 - 2009 - Cel Helio Mendes (EMR 1943 ART)

2009 - 2010 - Vet Manoel Adão Floriano

2010 - 2012 - Ten Dálvaro José de Oliveira

2012 - 2016 - Gen Div Marcio Rosendo (AMAN 1971 INT)

2016 - 2020 - Dr Breno Vinícius de Amorim

Tive oportunidade de participar em quase todos os Encontros Nacionais de Veteranos, na companhia do Dr. Rosenthal.

2005 – Porto Alegre-RS

2012 – Juiz de Fora-MG

2006 – São Bernardo do Campo-SP

2013 – São Bernardo do Campo-SP

2007 – Curitiba-PR

2014 – Rio de Janeiro-RJ

2008 – Brasília-DF

2015 – Santa Rosa-RS

2009 – São Luís-MA

2016 – São Luís-MA

2010 – Jaraguá do Sul-SC

2017 – Brasília-DF

2011 – Porto Alegre-RS

2018 – Rio de Janeiro-RJ

Um dos mais interessantes foi o de Jaraguá do Sul, que chegou a ser a maior cidade integralista do Brasil, onde o Partido Nazista desfilava livremente com a suástica pelas ruas, recebendo visitas do embaixador da Alemanha. Eu e o Dr. Rosenthal visitamos o monumento integralista no cemitério local, onde estão sepultados alguns integrantes que desobedeceram às ordens de Getúlio de não promover tais manifestações, resolvendo enfrentar a polícia, no que foram malsucedidos. Hoje, tudo isso é passado, e a região é plena de monumentos alusivos à epopeia da FEB, homenageando os pracinhas das cidades que integraram a FEB, tendo ainda um bem instalado museu, com um setor especialmente dedicado ao Holocausto.

De modo geral, todos os encontros são bastante atrativos e plenos de eventos culturais, como em Santa Rosa, a Capital da Soja e terra natal de Xuxa e Taffarel, quando pudemos conhecer uma típica e bem desenvolvida cidade média interiorana, de onde partiram pracinhas para a FEB. Foram poucos os encontros realizados fora das capitais.

Muitas homenagens foram prestadas ao Tenente Rosenthal, algumas das quais conforme descrevemos abaixo:

Em 2012, o Tenente Rosenthal participou da reinauguração do canhão 170mm alemão, uma das milhares de peças de armamento capturadas pela FEB quando da rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, hoje exposto no Pátio dos Blindados do Museu Militar Conde de Linhares. Era um dia de frio incomum, quando um arco-íris se formou bem sobre o pátio do museu, justamente no momento em que o General Márcio Tadeu Bettega Bergo, diretor do CEPHIMEX, juntamente com o então vice-presidente do Conselho Deliberativo da Casa da FEB, Tenente Israel Rosenthal, cortava a fita.

Neste mesmo quartel, um prédio neoclássico construído pelo Marechal Rondon, funcionou até 1967 o antigo CPOR/RJ, onde Rosenthal fez o curso de Infantaria e, no ano de 1944, apresentou-se como voluntário para embarcar com a FEB para a Itália, junto com centenas de outros jovens aspirantes e tenentes. Aos 91 anos, Rosenthal voltou de novo ao velho quartel, assistindo com grande interesse a todas as palestras, e recebeu homenagens emocionadas de diversos palestrantes. Como único ex-combatente presente, teve direito ao Toque de Presença, após o que foi aplaudido pelos presentes.

O canhão de grande porte (170mm) foi fabricado em 1942 pela KRUPP, tendo causado inúmeras baixas nas nossas fileiras. Recebeu uma nova pintura que

o destaca dentre as diversas peças do museu, servindo de símbolo para o registro dos setenta anos da agressão sofrida pelo Brasil e a consequente entrada do país na guerra.

Em 2017, nos noventa anos do CPOR, Rosenthal representou os veteranos da FEB. Em 22 de abril de 1927 foi criado pelo bravo Tenente-Coronel Correia Lima, no velho quartel de Artilharia de São Cristovão, o famoso Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). No tempo da Segunda Guerra Mundial, do belo casarão em estilo neoclássico construído pelo Marechal Rondon na Avenida Pedro II, saíram quatrocentos tenentes para a Força Expedicionária Brasileira. Apenas um deles pôde estar presente em 2017. Em sua homenagem, a Banda do Batalhão de Guardas executou o Toque de Ex-Combatente. Todos os presentes levantaram-se e prestaram continência. Os Generais Brasil, Novaes e o Coronel Cyrillo, comandante do CPOR/RJ, cumprimentaram Rosenthal, aos 96 anos o mais antigo ex-aluno da Casa.

Em 2014, aos 93 anos, Rosenthal foi o único veterano da Segunda Guerra Mundial presente à formatura realizada no pátio do Palácio Duque de Caxias, sede do Comando Militar do Leste, no Rio de Janeiro, comemorando os sessenta e nove anos da maior vitória da Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações Europeu, em 21 de fevereiro de 1945: a Tomada de Monte Castello. O General Francisco Carlos Modesto abriu a cerimônia, convidando o Tenente Rosenthal a ficar ao seu lado durante as honras militares e o desfile da tropa, junto com os Oficiais Generais presentes. Foi lida a Ordem do Dia do Comandante do Exército, General Enzo Martins Peri, seguindo-se as palavras do General Modesto, ressaltando a importância da Tomada de Monte Castello como episódio de grande bravura e um exemplo que perdura até os nossos dias para os soldados brasileiros.

Em formatura realizada em 27 de maio de 2015 no Comando Militar do Leste, Palácio Duque de Caxias, veteranos e dirigentes de associações receberam diplomas de agradecimento pela colaboração prestada às comemorações alusivas aos 70 anos da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. Os diplomas, assinados pelo Comandante do Exército, General Eduardo Villas Bôas, foram entregues pelos Generais Fernando e Junghton. Um dos doze contemplados foi o veterano Rosenthal.

Em 2015, veterano e sobrevivente celebram juntos a Tomada de Monte Castello. Em 21 de fevereiro de 1945, dois jovens viveram momentos fundamentais em suas vidas, que recordariam juntos exatos setenta anos depois, ao se encontrarem durante a homenagem prestada pelo Exército Brasileiro aos pracinhas que tomaram Monte Castello, na Itália. Aleksander Henryk Laks, jovem judeu polonês, acabava de ser libertado dos campos nazistas, onde resistiu cinco longos anos. Israel Rosenthal, jovem judeu brasileiro, era tenente da Força Expedicionária Brasileira, que ajudou a derrotar os nazistas. No Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Parque do Flamengo – Rio de Janeiro, eles assistiram ao desfile das tropas representativas das unidades que entraram em ação na Itália. A cerimônia foi presidida pelo General Montezano, chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército.

Em 2013, na Odontoclínica Central do Exército (OCEX), na Praça da República, Centro do Rio de Janeiro, a convite do seu diretor, Coronel João Henrique Vieira Lima, compareceu um dos últimos veteranos do Serviço Odontológico da FEB, o Tenente Dr. Israel Rosenthal, a fim de receber em nome do Museu da Casa



da FEB uma réplica da placa instalada na OCEX em homenagem aos vinte e cinco cirurgiões-dentistas que integraram a FEB durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália, onde consta o nome de Rosenthal ainda como Aspirante.

A cerimônia realizou-se no Salão Nobre do Palácio da Saúde, reinaugurado há poucos meses como Complexo Palácio da Saúde/Odontoclínica Central do Exército, um belo prédio erguido em 1902 para sediar a Diretoria de Saúde do Exército e que mais tarde abrigou o Superior Tribunal Militar e a Primeira Circunscrição do Serviço Militar, permanecendo longos anos fechado até receber a atual destinação, sediando um dos maiores e mais importantes centros odontológicos do Brasil, e o único voltado para a odontologia no Exército Brasileiro.

Hoje, Rosenthal caminha para o centenário, cercado da sua linda família. Sua vida sempre girou em torno do trabalho e do ideal de servir, incumbido que foi de uma dupla missão, que desempenhou diuturnamente na Itália durante a Segunda Guerra Mundial, honrando não apenas um, mas dois juramentos: o primeiro, que todo militar presta, de defender a Pátria, se necessário com o sacrifício da própria vida; e o segundo, não menos importante, de honrar sua nobre profissão, tratando e curando a dor dos que sofrem.

Um soldado com dor de dente ou um canal infeccionado era um soldado fora de combate. Rosenthal seria tão útil ao esforço de guerra em um gabinete odontológico, empunhando brocas e boticões, quanto no *front*, à frente de um pelotão de Infantaria.

Ao encerrar este breve relato, formulo votos de que nosso estimado Dr. Rosenthal possa comemorar por muitos anos junto a sua família, em união e alegria, que a bondade do Eterno continue brilhando sobre suas vidas, com muita saúde e alegria, que só tenha notícias boas pra comemorar sempre ao lado dos filhos, netos e amigos, com muita luz iluminando sempre o caminho de todos.



Israel e Professor Blajberg

# ANEXO – FEIGA ROSENTHAL

Sílvia Tolmasquim<sup>23</sup>

Mas por que Feiga é chamada de Riva por seus familiares? Porque Riva significa Rebeca em russo, língua mãe da família de nossa mãe, nascida em região então pertencente ao Império Russo, e hoje à Ucrânia. Pela tradição do grupo judaico esquenazim, um recém nascido costuma receber sua denominação em homenagem a um parente falecido. Quando Feiga nasceu, mamãe acabara de perder sua irmã Rebeca de 17 anos de idade devido a complicações de parto. Lembro que naquela época as mulheres casavam muito cedo. Daí Rebeca foi o nome escolhido para o bebê de nossa mãe. A caminho do cartório para o devido registro nosso pai, tomado por um viés de superstição, achou prudente preceder o nome de sua cunhada, que falecera tão jovem, pelo de uma tia sua que morrera idosa: Feiga. E a menina foi registrada como Feiga Rebeca.

Cinco anos depois do nascimento de Feiga, eu, Sílvia, vim ao mundo, e ela passou a me considerar como se fosse ao mesmo tempo sua boneca e filha.



Riva e os irmãos Benjamin, Jayme, Mira e Sílvia

<sup>23</sup> Bacharel em Química, Doutora em Ciências, Professora do Colégio Pedro II e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Irmã de Feiga Rosenthal.



isen de solteira)  
Maurício Tiommo (meus pais)



Anita e Maurício Tiommo (pais da Riva)



Anita, Mira, Riva e Sílvia

Esse sentimento perdurou por toda sua vida. Dispensou-me cuidados e atenção seja em minha infância, quando me banhava, me dava a comida, lia e brincava comigo, seja na fase adulta, especialmente quando perdi prematuramente meu marido, Ernesto Tolmasquim. Significativa foi a resposta de Feiga há cerca de 15 anos, numa conversa informal entre os cinco irmãos, quando alguém perguntou qual a recordação mais antiga de cada um.

As lembranças versavam sobre antigas peraltices, mas a de Feiga foi de outra natureza. Sua lembrança mais antiga datava do carnaval de 1929, em São Sebastião do Paraíso pequena cidade de Minas Gerais, onde a família morava naquela ocasião quando ela estava dormindo, e nosso pai a pegou no colo e a levou, com um pé de meia calçado e outro não, para ver o neném que tinha nascido: eu. Aliás a tendência protetora de Feiga se revelou não só comigo, mas principalmente com nossa mãe, em cuja velhice foi cuidada com grande dedicação e carinho pelos cinco filhos, mas em particular por Feiga e Mariam (Mira), que tratavam de todas as suas necessidades: casa, alimentação, médicos, tratamentos e tudo mais.



Riva e Anita



Jayme, Mira, Riva, Sílvia e Benjamin

Feiga se preocupava também com os irmãos mais velhos: Benjamin, Jayme e Mira, ao ponto de vermos sua saúde começar a declinar sensivelmente em seguida à morte de Mira. Lutadora e perseverante, Feiga sempre se distinguiu pelo seu dinamismo e solidariedade, procurando ajudar todos aqueles com que se relacionava.

Nascida no Rio de Janeiro, ainda bebê foi para o interior de Minas Gerais com sua família que, depois de alguma peregrinação por pequenas cidades, acabou se fixando na pequenina Muzambinho, região produtora de café e gado. Lá Feiga estudou até a primeira série do Curso Ginásial.



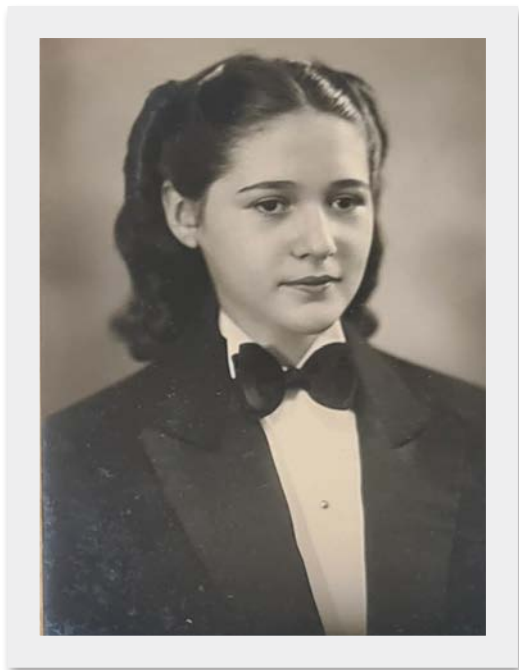
Jayme, Benjamin, Mira e Riva



Riva e Sílvia em Muzambinho



Com o retorno da família ao Rio de Janeiro, em julho de 1934, foi transferida para o Colégio Pedro II, onde não só completou os 5 anos do ginásial, mas também os 2 do Curso Complementar para Engenharia.



Ingressou, a seguir, no Curso de Química da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil - FNFfi com a intenção de tornar-se professora de curso secundário, o que na época se conseguia cumprindo duas etapas independentes: o Bacharelado, que proporcionava a formação profissional nas várias áreas de conhecimento (no seu caso específico a química); e a Licenciatura, que ministrava as disciplinas pedagógicas.



Ainda estudante, incentivada pelo Prof. Djalma Hasselman, prestou concurso para técnico de laboratório do INT (função de nível médio), foi aprovada, começou a trabalhar, encantou-se com o trabalho, e acabou desistindo de atuar no magistério. Nem se interessou mais em cursar a Licenciatura.



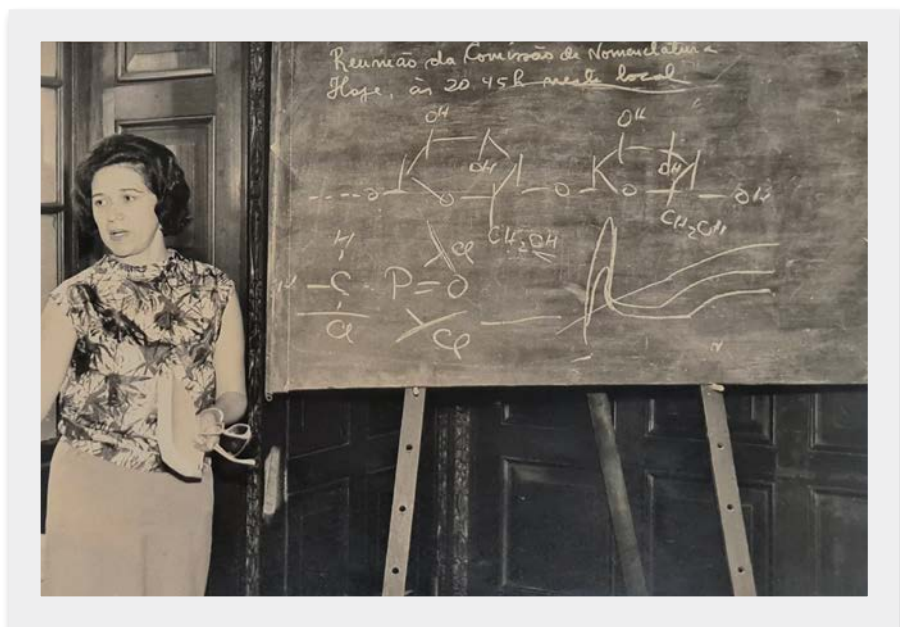


No INT, Feiga começou a atuar na Divisão de Química Orgânica Industrial executando atividades técnicas de rotina sob a orientação dos Drs. José Luiz Rangel e Moacir Silva que, com grande experiência na indústria, executavam também pesquisa tecnológica.



Equipe de pesquisadores da Divisão de Química Orgânica Industrial

E Feiga foi se envolvendo com a pesquisa, de início de maneira dispersa e espontânea. Mas, com o tempo a iniciativa ficou séria. Em 1954 ela recebeu o Prêmio Fonseca Costa, concedido pelo INT ao servidor que apresentasse o melhor trabalho de pesquisa em química no ano. Nesta época, ela já havia terminado seu bacharelado e, desde 1945, ocupava a função de nível superior de químico- tecnologista por ter sido aprovada em concurso aberto de provas e defesa de tese.



Riva em apresentação de química orgânica industrial

Feiga continuou realizando suas pesquisas esporádicas versando principalmente sobre gomas e resinas nacionais até que em 1959, juntamente com seu cunhado Ernesto Tolmasquim, que trabalhava na mesma Divisão do INT integrando a equipe de pesquisadores liderada pelo químico João Consani Perrone, participou de um grupo de estudos sobre macromoléculas naturais organizado pelo prof. João Christovão Cardoso, na Faculdade Nacional de Filosofia.



Ernesto Tolmasquim realizando pesquisas no Laboratório de Amido do INT

A sugestão do professor era focalizar inicialmente o estudo do amido por ser matéria prima nacional de baixo custo. A ideia foi logo aceita por Ernesto e Feiga que iniciaram, em conjunto, pesquisas experimentais em um pequeno laboratório do INT.



Riva no Laboratório do INT

O grupo da Faculdade se dissolveu por falta de condições para pesquisa, mas os trabalhos da dupla Ernesto Feiga tomaram corpo em produção e em adesão de outros participantes, alguns dos quais indicados por mim por terem se destacado como alunos do Curso de Química da referida faculdade. Com o aumento da produção científica, o laboratório foi aprovado pela direção geral do INT, foi denominado Laboratório de Amido e mereceu reconhecimento de órgãos norte-americanos, inclusive do *Department of Agriculture*, correspondente ao nosso Ministério da Agricultura, que lhe proporcionou uma subvenção pelo Acordo do Trigo Brasil-EUA. Ernesto Tolmasquim exerceu a chefia do Laboratório de Amido até 1967, quando, em função de outros encargos assumidos como assessor do diretor geral do INT, Dr. Sylvio Fróes Abreu, foi nomeado diretor da Divisão de Ensino e Documentação do órgão. A partir de então a chefia do Laboratório de Amido foi assumida por Feiga Rosenthal, que procurou ampliar o escopo das pesquisas.



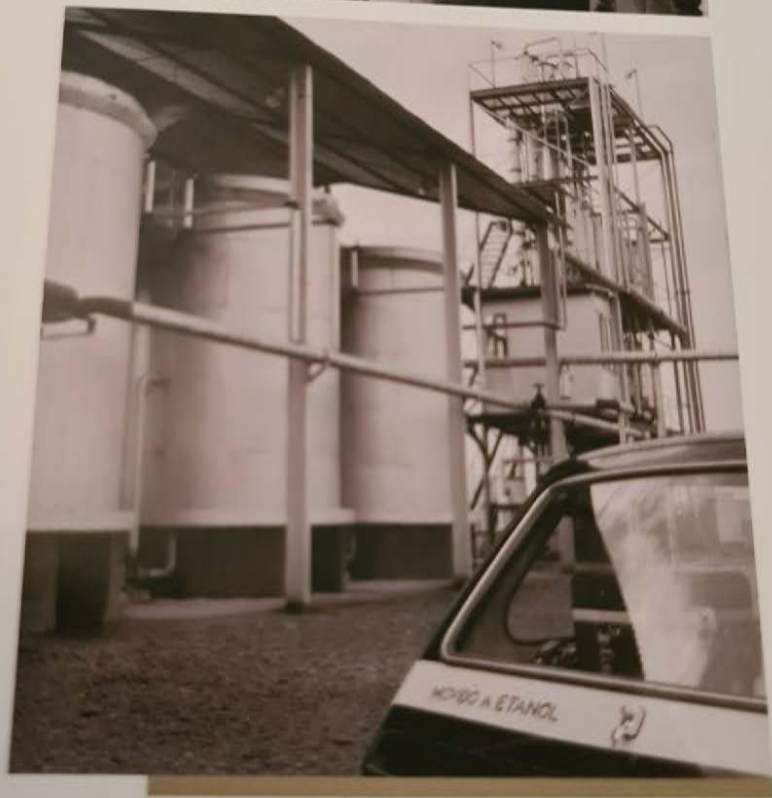
a de queimar o ácido

tada também pelo  
rodução do álcool  
emas de poluição.

foi redirecionada  
do constatada a  
que manteve a

po do babaçu.  
constituído de  
ela análise do  
os amiláceos  
a equipe do  
de separar,

Secretário  
um projeto  
ão de um  
dução de  
atório do  
nologia  
e fixada  
adas às



*Feiga Rosenthal com visitantes no Laboratório  
de Amido. Apresentação do Projeto do Babaçu.*

*Usina de Curvelo, destinada à produção de  
álcool de mandioca.*

Dá para frente, ela foi progredindo na carreira e chegou a atingir cargos de grande responsabilidade como o de diretora de divisão, chefe de divisão e assessora do diretor-geral. Quando Feiga se afastou da chefia do Laboratório de Amido para assumir outras responsabilidades, coube à química Takeko Takamura, minha ex-aluna, substituí-la.

Feiga exonerou-se em 1995, depois de 52 anos de atividade ininterrupta no INT e após ter produzido cerca de 130 trabalhos de pesquisa, de interesse científico ou tecnológico, publicados em revistas nacionais e estrangeiras. Todo o seu acervo foi doado, por volta do ano 2000, ao Museu de Astronomia e Ciências Afins, e encontram-se à disposição para consulta de estudantes e pesquisadores.

Em paralelo ao seu trabalho no INT, colaborou com diversas entidades e comissões de caráter nacional, tais como o Departamento Nacional da Produção Industrial, a Comissão Nacional da Mandioca, o Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária, e várias outras que deixo de mencionar para não me alongar. Feiga foi eleita por três mandatos consecutivos como representante dos bacharéis no Conselho Regional de Química e, em seguida, para a Secretaria desse Conselho.

Em função de seus trabalhos de pesquisa, foi convidada para Presidente de Honra do I Congresso Latino-Americano de Raízes Tropicais e IX Congresso Brasileiro de Mandioca, e teve o currículo inserido no banco de talentos em Química Fina, elaborado pela Associação Brasileira de Química e pela Associação Brasileira da Indústria de Química Fina.



Lançamento do Inventário "Arquivo Feiga Rosenthal" - MAST



Feiga – ou Riva – não está mais conosco, mas posso dizer com orgulho que foi um exemplo de mulher realizadora, ética, consciente de seus deveres profissionais e de cidadã, solidária, humana, dedicada aos familiares, e muito querida por sua família cujo amor sabia retribuir.

# ANEXO – CURRÍCULO DE ISRAEL ROSENTHAL

2º Tenente Reformado do Exército Brasileiro. Cirurgião Dentista Diplomado pela Faculdade Nacional de Odontologia, da Universidade do Brasil, em 1943.

Filiação: Rubin Rosenthal e Clara Rosenthal

Data de Nascimento: 31 de Janeiro de 1921

Local de Nascimento: Rio de Janeiro, RJ.

Cônjuge: Feiga Rebeca Tiomno Rosenthal, química aposentada do Instituto Nacional de Tecnologia.

Atividades Profissionais como Cirurgião Dentista:

1944 e 1947: Sociedade Beneficente Israelita

1945: Força Expedicionária Brasileira, Itália

1947-1968: Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Estado da Guanabara, onde se aposentou.

Exerceu a Clínica Particular em consultório próprio desde 1944, tendo se aposentado como dentista autônomo após atividade profissional até 1990.

Cursou o Ginásio no Colégio Nacional, onde 80% dos professores eram militares, e o preparatório para a faculdade no Colégio Universitário.

Foi aluno do CPOR/RJ, saindo Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria em 1944. Foi voluntário para a FEB, embarcando no 5º Escalão, seguindo como Aspirante para a Itália no navio de transporte de tropas General Meigs, tendo sido promovido a 2º Tenente na Itália, decorrido o tempo regulamentar. Devido a carência de profissionais de odontologia no Depósito de Pessoal em que estava lotado, foi designado para o Serviço de Saúde, na função de dentista.

Regressou ao Brasil após o término da guerra, embarcando em setembro de 1945 no NTT Duque de Caxias. No retorno solicitou licenciamento do Exército para retornar à vida civil.

Em 1947 ingressou na Prefeitura do Distrito Federal como dentista lotado no Departamento de Saúde Escolar, onde serviu por 25 anos, até 1968, quando se aposentou. Na prefeitura, serviu nas Escolas Públicas Martins Junior, Getúlio Vargas e General Mitre.

Por quatro anos exerceu a função de Assistente Dentário, cargo de chefia no 5º Distrito Médico, e ao mesmo tempo como radiologista.

Possui diversos cursos de especialização, estando registrado no Conselho Regional de Odontologia como “radiologista”.

Faz parte da Associação Nacional de Veteranos da FEB, onde ocupou os cargos de Diretor de Promoções Sociais por 2 anos, Diretor do Museu da FEB por 5 anos, Membro do Conselho Fiscal por 2 anos, Presidente do Conselho Fiscal por 5 anos. Integra o Conselho Deliberativo há 16 anos, tendo sido seu Presidente entre 2009 e 2018. Atualmente é Presidente de Honra do Conselho Deliberativo da ANVFEB.

Sócio Benemérito da ANVFEB desde 11.06.2003, cuja indicação foi feita pelo General Cezar Montagna de Souza.

## MEDALHAS

Em 20.08.1946 - Campanha.

Em 21.08.1946 - Guerra.

Em 15.07.1954 - 1º Congresso de Medicina Militar.

Em 22.10.1990 - Comemorativa da Tomada de Monte Castelo

Em 12.02.1992 - Marechal Mascarenhas de Moraes (ANVFEB, Direção Central)

Em 04.07.2003 - Sangue de Heróis (Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Seção Nova Iguaçu)

Em 2005 - Comemorativa dos 60 anos do término da Segunda Guerra Mundial (Comuna de Porreta Terme – Itália)

Em 19.04.2006 - Marechal Zenóbio da Costa (Conselho Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil)

Em 21.09.2006 - Tenente Max Wolf Filho (Legião Paranaense do Expedicionário)

Em 03.02.2007 - Heróis do Brasil (ANVFEB, Regional de São Bernardo do Campo)



Em 16.06.2007 - Jubileu de Ouro da Vitória na Segunda Guerra Mundial (Associação Nacional dos Ex-Combatentes, Seção Rio de Janeiro)

Em 03.07.2007 - General Plínio Pitaluga (Associação dos Ex-Combatentes do Brasil - Seção Valença)

Em 18.02.2008 - Mérito do Ex-Combatente (Conselho Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil)

Em 21.02.2008 - Comemorativa dos 40 Anos da Criação da ANVFEB Regional Salvador-BA (ANVFEB, Seção Salvador)

Em 11.08.2008 - Marechal Cordeiro de Farias (ANVFEB - Seção Florianópolis)

Em 15.08.2008 - Vitória dos Combatentes Poloneses (Associação dos Ex-Combatentes Poloneses - SPK Brasil)

Em 04.11.2010 - Esquadrão Tenente Vaz - Ordem dos Cavaleiros (Esquadrão Tenente Vaz)

Em 09.03.2011 - La Croix du Combattant de L'Europe (Confederation Europeenne des Anciens Combattants, França)

Em 15.11.2011 - Marechal Falconière (ANVFEB, Seção Florianópolis)

Em 04.08.2012 - Verde-Oliva - Major Joaquin Tiago da Fonseca (Associação dos Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro)

Em 19.06.2013 - Pró-Memória (Governo da Polônia)

Em 08.06.2014 - Vitória (Ministério da Defesa do Brasil)

Em 18.09.2015 - Sesquicentenário da Retomada de Uruguaiana (Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul)

Em 04.11.2015 - Major Apollo Miguel Rezk (Conselho Nacional dos Oficiais da Reserva)

Em 06.11.2015 - Amigo da Marinha (Comando do 1º Distrito Naval, Marinha do Brasil)

Em 25.01.2018 - Serviço de Saúde (Governo do Estado de Santa Catarina)

Em 28.02.2019 - Heróis da Tomada de Monte Castelo (Associação Nacional dos Ex-Combatentes, Seção Rio de Janeiro)

Em 24.10.2019 - Medalha de Mérito Heróis da Batalha do Atlântico (Associação Nacional dos Ex-Combatentes, Seção Rio de Janeiro)

Em 24.10.2019 - Medalha de Mérito Heróis Aliados do Brasil (Associação Nacional dos Ex-Combatentes, Seção Rio de Janeiro)

Em 25.10.2019 - Honra ao Mérito do Doutor Paulo Pinho de Medeiros (Conselho Regional de Odontologia do Rio de Janeiro)

Em 06.12.2019 - Marechal Marques Porto (Academia Brasileira de Medicina Militar)

## MOÇÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Em 08.06.2006 - Vereador Marcelino de Almeida

Em 30.08.2006 - Vereadora Lilian Sá - Líder do PL

Em 30.08.2008 - Vereadora Lilian Sá - Líder do PR

Em 09.12.2012 - Vereadora Lilian Sá - do PL

## DIPLOMAS

Em 29.04.1974 - Bons Serviços - assinado pelo Governador do Estado da Guanabara, A.P. Chagas Freitas.

Em 06.05.1996 – Sócio Honorário do CPOR-RJ número 48, assinado pelo tenente Sérgio Pinto Monteiro.

Em 13.04.2002 – Sócio Benemérito do CPOR-RJ número 18, assinado pelo tenente Sérgio Pinto Monteiro.

Em 11.06.2003 - Sócio Benemérito da ANVFEB, indicado pelo general César Montagna de Souza.

Em 15.04.2003 - Colaborador Emérito do Exército Brasileiro - diploma assinado pelo General de Exército Luiz Seldon da Silva Muniz.

Em 25.04.2005 - 60 anos do Término da Guerra na Itália. Comune di Santa Croce Sull'arno - Osvaldo Ciapon, sindaco, Comune di Castel Franco di Sotto - Umberto Marvoeli, sindaco.

Em 16.05.2005 - Agradecimento - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica - assinado pelo Comandante Jorge Luiz Pulop – CELAU da EAOR.

Em 09.11.2006 - Honra ao Mérito da Escola Preparatória de Cadetes do Exército - Campinas SP - assinado pelo Cel. José Fernando Yasbech, Comandante da ESPCEX.

Em 06.09.2008 - Ordem de Molay - Distrito Federal - assinado pelo Grão Mestre Manoel Tavares Santos e Grão Mestre Euclides Lima de Melo.

Em 08.09.2008 - Grande Oriente do Distrito Federal - assinado pelo Grão Mestre Jafe de Torres.

Em 10.09.2008 - Amigo do CMP - Comando Militar do Planalto - assinado pelo Gen. Div. Américo Salvador de Oliveira.

Em 08.07.2015 - Colaboração prestada às comemorações alusivas aos 70 anos da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial - assinado pelo Comandante do Exército Gen. Eduardo Dias da Costa Villas Boas.

Em 01.09.2015 – Diploma de Honra ao Mérito Rotary Club – Rio de Janeiro, Leblon.

# TENENTE **ROSENTHAL**

---

## V O V Ô I S R A E L



Marcos Rosenthal, Israel Rosenthal , Daniel Mata Roque e Israel Blajberg

### **AUTOR**

Israel Rosenthal

### **ORGANIZAÇÃO**

Marcos Rosenthal Jochimek, Israel Blajberg e Daniel Mata Roque

### **DIREÇÃO DE ARTE**

Eduardo Araujo Ribeiro

### **REVISÃO**

Diane Kuperman